



**Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Stricto Sensu em Psicologia**

A trajetória de jovens em situação de rua usuários de crack

**Autor: Rubens Nunes da Mota
Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Penso**

**Brasília - DF
2012**

Rubens Nunes da Mota

A trajetória de jovens em situação de rua usuários de crack.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade Católica de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Penso

Brasília

2012



Dissertação de autoria de Rubens Nunes da Mota, intitulada “A TRAJETÓRIA DE JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA USUÁRIOS DE CRACK”, apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia na Universidade Católica de Brasília, no dia 07 de novembro de 2012, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Penso
Orientadora
Programa de Pós-graduação em Psicologia – UCB

Prof.^a Dr.^a Teresa Cristina Othenio Cordeiro Carreiro
Membro Externo
Programa de Pós-graduação em Psicologia - UFF

Prof.^a Dr.^a Sandra Eni Fernandes Nunes Pereira
Membro
Curso Psicologia - UCB

Prof.^o Dr. Vicente de Paula Faleiros
Suplente
Programa de Pós-graduação em Psicologia - UCB

Brasília 2012

Dedico este trabalho às Juventudes que são privadas de sonhar e àquelas que sonham, mas não conseguem realizá-los e, ainda, a outras que conseguem ter e executar seu projeto de vida, contribuindo assim para um mundo melhor.

Agradecimentos

Agradeço a Deus pelo dom da vida e pelas oportunidades que me foram ofertadas.

À Conferência dos Religiosos do Brasil, especialmente a Ir. Márian Ambrosio, IDP pelo apoio e incentivo.

À minha Província Franciscana Capuchinha (N. S. de Fátima do Brasil Central), especialmente os Freis, Moacir Casagrande por acreditar e apoiar este projeto e Amadeu Cemi pelas correções de português.

Aos meus familiares pela presença, ajuda e apoio, especialmente José Alberto Nunes da Mota pelas correções feitas.

Aos meus amigos e amigas pelo incentivo e ajuda, especialmente a Ir. Palmira Miranda, ICM e Frei José Bernardi, OFMCap. pelas contribuições na revisão do texto.

Por fim agradeço imensamente à dedicação de minha orientadora Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Penso que, mesmo diante das adversidades surgidas no caminho, não mediu esforços no acompanhamento personalizado com empenho particular.

*“Grato Senhor, por ocultar estas coisas aos grandes
e poderosos, e as revelar aos pequenos e simples...”*
(Mt 11,25)

RESUMO

O estudo da história de vida de jovens em situação de rua e usuários de crack se justifica devido à urgência deste tema diante da epidemia do consumo da droga em nosso País. Os primeiros contatos com usuários foram iniciados em uma *cracolândia* localizada no Plano Piloto, centro de Brasília – DF. Mediante a ação policial houve uma dispersão do grupo de usuários para outros locais e alguns recorreram à casa de passagens em busca de ajuda. A pesquisa foi consolidada em uma casa de passagem. Inicialmente nossa proposta de coleta, a pedido da coordenação da casa de passagem, era da realização de grupos psicossociais. Devido à inconstância dos jovens na instituição e, conseqüentemente, no grupo, optamos pela realização de entrevistas clínicas de pesquisa, individuais, com sete jovens. Desse grupo, três entrevistas foram selecionadas para esta pesquisa. Além das entrevistas foram utilizados genogramas, desenhos e escritas espontâneas como recursos utilizados para estimular a participação e reflexão. Buscamos identificar nos relatos e demais instrumentos utilizados na pesquisa, a influência dos contextos familiar e social na construção identitária desses três jovens. O tema central foi discutido, via temáticas de políticas sobre as drogas, com foco específico no crack e suas conseqüências na vida das Juventudes. A compreensão do caminho percorrido pelos jovens, do sistema familiar às ruas, e o uso de crack foram estudados a partir da abordagem sistêmica e da psicossociologia. A abordagem sistêmica ajudou na análise da situação, como um todo, percebendo o contexto e suas influências, proporcionando uma visão do uso de drogas, como um termômetro que possibilita compreender o funcionamento relacional entre as pessoas e os sistemas (VASCONCELLOS, 2002). A psicossociologia ajudou na percepção da história de vida dos jovens, em suas contradições e tensões internas, bem como na compreensão das dificuldades vividas como parte integrante de suas histórias de vida (BARUS-MICHEL; ENRIQUEZ; LÉVY, 2006). Para discutirmos as histórias de vida foram criadas Zonas de Sentido (GONZÁLEZ REY, 2005). Esta forma de construir saberes permitiu construir sentidos, valorizar e legitimar as narrativas dos jovens. A atribuição de significado para essa construção foi elaborada em três Zonas de Sentido. Na primeira Zona nomeada - *das famílias às ruas: fragilidades que geram buscas* - discutimos como o sistema familiar influenciou o desenvolvimento dos seus membros e como possibilitou, através das relações estabelecidas, sua construção identitária. A fragilidade dos cuidados, somadas à ausência de um projeto parental bem definido e a desistência dos filhos, agravada pelo contexto socioeconômico das famílias desses jovens, ocasionaram o surgimento do contexto de violência e desproteção. Na segunda Zona de Sentido - *das ruas às drogas: a busca por contextos de pertencimento* - discutimos como as ausências familiares e sociais, relatadas na história de vida dos entrevistados, os levaram à situação de rua, numa busca de contexto de pertencimento e possibilidade de preenchimento dos *vazios* deixados pelas figuras parentais. Junto com o contexto das ruas e as posturas sociais perversas, marcantes neste contexto, veio o uso do crack e suas conseqüências. Na terceira e última Zona de Sentido - *das ruas à instituição: a busca de um futuro diferente* - foi possível evidenciar que as buscas desses três jovens perduraram após percorrerem sua trajetória desde as vivências familiares de violência e abandono até a vivência de rua e uso de crack. Mesmo diante das adversidades e ausências houve uma busca por espaços de pertencimento, em instituições de apoio, como a casa de passagem, que é percebida como possibilidade de realização dos seus sonhos e de um futuro diferente.

Palavras-chave: Família e sociedade. Juventudes. História de vida. Crack.

ABSTRACT

Drug usage is much prevalent in Brazil and this study on the life of the young crack users in the country is beneficial and the need of the time. The initial contacts were made with crack users at *cracolândia* (the gathering place of crack users) in Plano Piloto, downtown of Brasilia, Federal District. Because of the measures taken by the police, the crack users were dispersed to other places and some resorted to the halfway house (small rehabilitation centre) for help. The research was carried out in a halfway house. Initially the proposal was to collect data through psychosocial group activities with the coordination of the halfway house. Since the youngsters in this institution were unpredictable, it was decided to conduct individual clinical research interviews with seven of them. Three interviews were chosen for the research and besides that, genograms, drawings and spontaneous writings were used to encourage participation and reflection. These tools were used to identify and comprehend the influence of family and society in the identity construction of the three young men. Thematic analysis on the usage of drugs with a specific focus on crack and its consequences on the lives of youth was carried out. The journey of the youngsters from the family to the streets and from street to the usage of crack was studied from the perspective of systemic psychosociological approach. The systemic approach helped in the analysis of the situation as a whole, realizing their influences and context, providing a view of drug use as a thermometer that allows us to understand the relational operation between people and systems (VASCONCELLOS, 2002). The psychosociology helped in the perception of the life story of the young people, their contradictions and internal tensions, and aided in understanding the difficulties they experienced in their life. (BARUS-MICHEL; ENRIQUEZ; LÉVY, 2006). For better discussion and understanding the life stories were divided into topics (REY GONZALEZ, 2005). This way of building knowledge helps us to make sense of the context, and to enhance and legitimize the narratives of young people. The attribution of meaning to this construction was divided into three topics. In the first topic *Families to streets - weaknesses that influences search* – we discussed how the family system influenced the development of its members and how through established relationships they construct their identity. It elucidates how the lack of care coupled with the absence of a well-defined parental style, along with abandonment of children by the families due to the socioeconomic background caused the emergence of violence and lack of protection. The second topic ‘from the streets to drugs’ explains the individual’s longing to be a part of the structure. Here we discuss how lack of care from the family and social circle led them to the streets, in search of a longing to be a part of a structure with the intent of trying the possibility of filling the void left by parental figures. In the third topic ‘from the streets to the institution’: When we analyse the narrative of these three youngsters one can understand that these youngsters had a constant search. Even after the experience of family violence, the neglected state in the street, and the usage of crack these three young men persisted in their search. In spite of adversity and absence of care there was a search in them to become a part of a group or an institution, such as the halfway house. This is perceived as a possibility to realize their dreams for a better future.

Keywords: Family and society. Youth. Life history. Crack.

Lista de abreviaturas

CAJE: Secretaria de Estado da Criança do Distrito Federal.

CAPsAD: Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas

CAPSad: Centros de Atenção Psicossocial, Álcool e outras Drogas

CESAM: Centro de apoio ao Adolescente Trabalhador.

CNJ: Conselho Nacional de Justiça

CRB: Conferencia dos Religiosos do Brasil

DCA: Delegacia da Criança e do Adolescente.

DIEESE: Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

GDF: Governo do Distrito Federal

OBID: Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas

ONG: Organização Não Governamental

SEDEST: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Transferência de Renda

SENAD: Secretaria Nacional de Políticas sobre as Drogas

SESI: Serviço Social da Indústria

SOS Criança: programa de assistência social do SESI para atendimento de crianças e adolescentes, bem como notificar desaparecimento dos mesmos.

SUS: Serviço Único de Saúde

VIRA VIDA: Projetos sociais para profissionalização de jovens desenvolvidos pelo Serviço Social da Indústria (SESI), em várias cidades do País.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
2.1. Políticas sobre drogas: articulação do governo e levantamento de dados sobre o crack.....	18
2.2. Um panorama geral sobre o crack: motivações, efeitos e consequências.....	23
2.3. Juventudes: exclusão social, violência, vivência de rua e uso do crack.....	28
2.4. Juventudes, família e o uso do crack.....	37
3. MÉTODO.....	43
3.1. Pesquisa qualitativa e história de vida.....	43
3.2. Percurso do pesquisador.....	46
3.3. Aproximação ao campo.....	49
3.4. Contexto da pesquisa.....	50
3.4.1. A instituição.....	51
3.4.2. Estrutura da casa de passagem.....	52
3.4.3. O quadro dos educadores da casa de passagem.....	52
3.5. Descrição dos jovens da pesquisa.....	53
3.6. Procedimentos de levantamento das informações.....	54
3.6.1. Aproximação do campo.....	54
3.6.2. Trabalhos desenvolvidos com os jovens: As entrevistas individuais.....	56
3.6.3. Quadro mostrando os contatos e processo de levantamento das informações.....	59
3.6. Instrumentos utilizados.....	61
3.7. Procedimentos de análise das informações.....	62
4. RESULTADOS.....	63
4.1. Jovem Keny.....	63
4.1.1. Descrição do sujeito.....	63
4.1.2. Descrição do uso de drogas e da vivência de situação de rua.....	64
4.1.3. Descrição da situação familiar e social do jovem.....	65
4.1.4. Descrição do uso de drogas e da vivência em situação de rua.....	66
4.1.5. Instituição.....	67
4.1. 6. Futuro.....	68
4.1.7. Genograma do jovem Keny.....	69
4.2 . Jovem Laércio.....	70
4.2.1- Descrição do sujeito.....	70

4.2.2 - Descrição da situação familiar e social do jovem.....	70
4.2.3 - Descrição do uso de drogas e da vivência em situação de rua.....	72
4.2.4 – Futuro.....	73
4.2.5 – Genograma do jovem Laércio.....	75
4.3 - Jovem Felipe.....	76
4.3.1 - Descrição do sujeito.....	76
4.3.2 - Descrição da situação familiar e social do jovem.....	76
4.3.3 - Descrição do uso de drogas e da vivência de situação de rua.....	77
4.3.4 - Recaídas.....	78
4.3.5 - Instituição.....	79
4.3.6 - Futuro.....	80
4.3.7 – Genograma do jovem Felipe.....	81
5. DISCUSSÃO.....	82
5.1 . Das famílias às ruas: fragilidades que geram buscas.....	83
5.2 . Das ruas às drogas: a busca por contextos de pertencimento.....	91
5.3.Das ruas à instituição: A busca por um futuro diferente.....	99
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
7. REFERENCIAIS.....	112
8. APÊNDICE.....	120

1 – INTRODUÇÃO

Começo este trabalho falando sobre as implicações que esta pesquisa tem em minha vida. Sou assessor da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) responsável por trabalhar com a temática “Juventudes” em vinte regionais, filiais localizadas nas principais capitais do País. Este trabalho implica formação e acompanhamento de assessores/as que trabalham com as Juventudes em nível nacional, bem como junto às lideranças juvenis.

A reflexão sobre a história de vida de jovens em situação de rua, usuários de crack, surge diante de um cenário pessoal de assessorias prestadas no Brasil, onde os participantes dos encontros têm mostrado suas angústias frente à crescente violência contra as Juventudes, especialmente a juventude empobrecida e negra. Esta configuração complexa tem ocasionado grandes dificuldades no trabalho com esse público excluído de oportunidades capazes de gerar projetos de vida, além de denunciar o alto nível de violência e homicídios nesse meio. No contexto social, muitas vezes, essas mortes são ‘justificadas’ quando se anuncia, em seguida à notícia do assassinato, que a vítima estava envolvida com drogas. Nesta sequência, o susto da morte é logo amenizado pela notícia de que o morto estava envolvido com drogas. Como o ‘drogado’ é um problema e o problema tem que ser eliminado, o fato está justificado. Mas, como o ‘problema’ é gerado? Como é a história de vida desses jovens que vão para as ruas, são usuários de drogas e, muitas vezes, acabam morrendo?

O estudo da trama que envolve droga e violência, presente na trajetória de vida dos jovens em situação de rua, é meu objeto de estudo nesta dissertação. Proponho-me pesquisar a história de vida desses jovens em situação de rua, seu contexto familiar e social, buscando compreender a trajetória que percorreram desde sua infância até o uso de drogas, especialmente o crack, na perspectiva da pesquisa qualitativa.

Investigar a história de vida desses jovens justifica-se, devido ao esquema perverso instalado em nossa sociedade, onde acontece uma inversão total, em que o jovem credenciado como sendo o ‘futuro’ perde a vida no presente. A trama é tecida da seguinte maneira: o jovem é levado para o mundo das drogas, depois tem que ser morto, porque se tornou um problema social. Diante desse quadro pode-se perguntar que contexto social é esse, onde o jovem é empurrado para o mundo das drogas, da marginalidade e, na sequência, é preso, mata ou morre. Este quadro faz questionar o papel da sociedade e do poder público, no que diz respeito à proteção e criação de oportunidades para a formação de seus jovens, dando-lhes direito de ter um projeto de vida.

Outras questões são: o cenário em que jovens vivem em situação de rua e são usuários de drogas pode justificar o contexto de exclusão e violência por si só? O aumento da violência

acompanha o aumento do consumo de drogas? Bucher (1996) alertou para o crescente consumo de drogas instalado no centro da sociedade, sendo o crack uma poderosa droga que estava surgindo no tempo em que suas pesquisas estavam em curso. Justificar a violência via crescimento do consumo de drogas não parece ser o único caminho, mas Waiselfisz (2011) afirma que há íntima relação entre geração de violência e morte e o uso de drogas, especialmente entre os jovens.

O último mapa sobre a violência no Brasil (WASELFSZ, 2011) mostra que houve um aumento nos índices de homicídios. Em Salvador, passou de 863 mortes, em 1994, para 1771, em 2008. Outra cidade que assusta pelo aumento da violência é Florianópolis, que passou de 26 casos, em 1998, para 91, em 2008. São dados que mostram que mais do que triplicou o número de homicídios nesses estados, principalmente entre a população jovem de 14 a 25 anos. Waiselfisz, (2011) mostra ainda que a taxa de homicídios passou de 47,7%, em 1998, para 52,9%, em 2008. Além disso, dados alarmantes sobre o alto índice de violência surgem cotidianamente nas cidades-dormitórios, próximas às grandes capitais, com situações piores do que os grandes eixos do País. Nem sempre, porém, é de interesse midiático e político que esses temas sejam tratados.

Os dados estatísticos, que vimos acima, tratam do aumento do percentual da violência, chamando atenção para além dos números, indo aos fatos e situações que este quadro revela, chegando à história dessas vidas que, muitas vezes, são ceifadas. Nem sempre é possível compreender a relação entre dados estatísticos e seus contextos, a partir de informações transmitidas pelos jornais e telejornais, pois essas notícias, quando vão ao ar, são apresentadas de forma alarmante, muitas vezes, sem se preocupar com as causas e possíveis soluções. Normalmente os relatos se dão já com o veredito, que aponta para a relação entre violência e homicídio com o uso de drogas, mostrando que a grande maioria dos homicídios apontados nas estatísticas, tem a droga como legitimadora. Além disso, o peso da notícia sobre a morte é suavizado diante do indicativo de que aquela pessoa assassinada estava envolvida com drogas.

A violência, tratada dessa forma, é incapaz de provocar o poder público e a sociedade para pensarem em alternativas eficazes de recuperação e ressocialização dessa população; ao contrário, contribui para o processo de acomodação e legitimação dos facilitadores que geram violência. Algumas camadas sociais podem conceber esse esquema *diabólico*, acreditando que não sofrerão sua consequência. Porém, Carreteiro (2003), explica que existem vários tipos de violência: física e simbólica, implícita e explícita, que fazem parte do cotidiano de todas as populações. Contudo, mesmo fazendo parte do cotidiano da sociedade, de modo geral, a violência explícita está ligada a vulnerabilidade social, sendo mais notada em populações que

moram em localidades consideradas *perigosas*, de baixa renda.

Neste estudo, além da percepção da trama que gera violência no sistema social amplo e complexo, discutiremos a situação das juventudes nesse contexto, como público alvo da pesquisa, buscando compreender esse subsistema e sua complexidade. Para esta reflexão propomos algumas das compreensões do termo ‘juventude’, bem como a importância da discussão sobre o sentido plural desta palavra para incluir a diversidade social, possibilitando o estudo que faremos de um público juvenil em situação de rua.

Para a compreensão da trajetória pessoal, social e familiar desses jovens, utilizaremos o método da história de vida, que se preocupa com o vínculo entre o pesquisador e os jovens participantes da pesquisa, valorizando os traços históricos de cada jovem dentro da narrativa e da convivência entre pesquisador e sujeito. Pode-se garantir ainda a investigação da história de vida, oferecendo elementos que vão além da biografia, no caso desta pesquisa, sendo capaz de proporcionar a compreensão do percurso entre o sistema pessoal, familiar e social até da situação de rua, em que se encontram (CARRETEIRO, 2003; SILVA et al, 2007). Estes sistemas complexos foram estudados a partir de duas abordagens: a teoria sistêmica e a psicossociologia. Tal escolha se justifica no fato de as abordagens citadas apresentarem elementos que favorecem um duplo movimento: ao mesmo tempo, em que valorizam o relato, o contexto e a relação pesquisador e sujeito. Além disso, é coerente com minha trajetória, como assessor que trabalhou e trabalha com diversas juventudes, incluindo jovens em situação de rua, sendo agora atraído pelo tema que relaciona o contexto de rua com a droga e a violência.

O pensamento sistêmico viabiliza reflexões que tenham foco nas relações, envolvendo o sistema familiar e social, percebendo as implicações estabelecidas entre estes sistemas. Os relatos sobre a história do desenvolvimento da perspectiva sistêmica, mostram marcos teóricos desde a cibernética com o conceito de autorregulação, observada através do mecanismo ou circuito de *feedback*, que mostra como o sistema obtém informação, para seguir estável no movimento de circularidade; até a teoria geral dos sistemas que combinam teorias do pensamento sistêmico com a biologia (VASCONCELLOS; 2003; AUN, 2005; COSTA; PENSO, 2010).

O surgimento da abordagem sistêmica familiar, descrito por Minuchin (2008), retrata o contexto da terapia familiar em Paulo Alto, nos anos 60, com Gregory Bateson no *Mental Reserch institute*, percebendo o funcionamento da homeostase no funcionamento do sistema familiar. A premissa inicial era que para entender a homeostase familiar, seria necessário compreender que o membro ou os membros enfermos apontam para uma motivação que faz

emergir a seguinte pergunta: por que e para que esta doença está ocorrendo na família? A partir de tal compreensão o terapeuta poderia perceber *um adoecimento funcional* dessa família, que busca o equilíbrio para continuar sobrevivendo.

Este conceito foi revisto, apresentando configurações, mas pensamento sistêmico continua sendo estudado, ampliando a linha de reflexão. Entre muitas, autoras contemporâneas, duas brasileiras discutem sobre como pensar sistemicamente o contexto complexo da atualidade. Aun (2005) afirma que pensar a complexidade do mundo e das relações existentes e acreditar na capacidade de auto-organização dos seres vivos é o grande desafio atual e que esta reflexão, feita numa ótica sistêmica, permite às pessoas darem respostas para seus questionamentos e solucionarem seus problemas. Vasconcellos (2003), influenciada pelas ideias de Edgar Morin e Maturana, aponta três dimensões epistemológicas que constituem o pensamento sistêmico: a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade. A partir da complexidade é possível perceber que as contradições que ocorrem na sociedade favorecem a diversidade que propicia crescimento a partir do diferente. A instabilidade, associada à incerteza, contribui com as diferenças, sem situações pré-estabelecidas e sem programações que enrijecem. A intersubjetividade fica caracterizada pela inclusão do observador no sistema que atende, e coparticipação na construção das relações. Isso significa que as pessoas afetam e são afetadas recursivamente, provocando mudanças.

A segunda abordagem que ajuda na reflexão desta dissertação é a psicossociologia. Para o estudo da história de vida dos jovens participantes da pesquisa, a psicossociologia contribui na compreensão além da biografia, facilitando uma atenção especial à história particular do outro, respeitando a singularidade e a capacidade de evolução e de aprendizagem do sujeito. É uma disciplina que não nega as dificuldades na construção da história coletiva das pesquisas, ao contrário, apresenta alternativas dialéticas diante dos temas. É uma abordagem que trabalha no campo e não em laboratórios, apresentando importantes analogias com os estudos etnográficos de território, tendo seu desenvolvimento beneficiado pelos aportes das pesquisas experimentais ou de inspiração existencial sobre os grupos e as relações sociais (BARUS-MICHEL; ENRIQUEZ; LÉVY, 2006; LÉVY, 2001).

A Psicossociologia é, ainda, uma disciplina que considera as dificuldades existentes na construção de uma história coletiva de pesquisas, intervenções e aportes teóricos. Nesta construção é reconhecida a implicação dos pesquisadores e interventores nas questões que estudam ou nas intervenções que realizam, percebendo o seu nível de influência no campo. É uma perspectiva que favorece a autonomia das pessoas e sua participação efetiva na vida de suas organizações, da sociedade, bem como nos problemas que lhes dizem respeito (BARUS-

MICHEL; ENRIQUEZ; LÉVY, 2006; LÉVY, 2001). Perceber a história de vida, tendo a Psicossociologia como leitura social, é mais do que ter dados. É ter a concepção de mudança centrada sobre o processo, mais do que sobre os resultados, contribuindo em uma compreensão crítica do contexto social, no qual está inserido o jovem.

Além da Psicossociologia, os estudos da sociologia clínica tiveram, na década de 70, investigações a partir de grupos que utilizavam a terminologia *novela familiar* para estudar a história de vida dos jovens que faziam parte dessa dinâmica grupal (GAULEJAC, 2009; RUIZ, 2010). Esses estudos mostram que, sozinho, o jovem terá mais dificuldade de encontrar saídas dessa trama, que é maior do que ele, mas que tendo apoio social, através das redes e parcerias, o caminho se tornará possível de ser trilhado.

Ao revelar minha trajetória de trabalho junto às juventudes e à escolha das abordagens sistêmicas e da Psicossociologia, mostro a intencionalidade desta pesquisa: que é o profundo incômodo diante do alto índice de assassinatos de jovens, percebendo estes casos associados ao envolvimento com drogas e vivência de situação de rua. Com ajuda do método da história de vida e da visão sistêmica, esta pesquisa teve como objetivo geral estudar as trajetórias familiares e sociais de jovens usuários de crack, que vivem em situação de rua e violência, a partir da construção de suas histórias de vida. Este objetivo foi desmembrado nos seguintes objetivos específicos: **construir a trajetória percorrida por jovens, em situação de rua, e o início do uso de Crack; conhecer a história familiar de alguns jovens, em situação de rua, usuários de Crack e compreender as condições sociais de alguns jovens que sofrem violência, estando em situação de rua e sendo usuários de Crack.**

No referencial teórico discorreremos sobre aspectos teóricos que ajudarão no estudo a que nos propomos nesta pesquisa, Iniciamos com uma breve descrição sobre as políticas públicas, mostrando a urgência do estudo sobre o tema, diante do aumento do uso do crack no Brasil e quais são as iniciativas do governo para o enfrentamento desta epidemia. Em seguida descreveremos o panorama sobre as drogas, com enfoque no crack, sua inserção no sistema familiar, refletindo sobre o papel social e suas consequências para as Juventudes. A articulação destes temas será feita com o apoio das abordagens sistêmica e da psicossociologia.

2.1 – Políticas sobre drogas: avanços e obstáculos no enfrentamento ao consumo de crack

As políticas sobre as drogas, especialmente o crack, dizem respeito às leis que são elaboradas pelo poder público para ser aplicadas junto à população. Perceber a dimensão social em que estas leis são elaboradas pode ajudar na compreensão do objetivo desta pesquisa, que é verificar a trajetória percorrida por jovens usuários de crack que se encontram em situação de rua. Estudar esta trajetória pressupõe compreender o desdobramento deste tema, assim compreendido: a história de vida de jovens, em situação de rua e usuários do crack, enquanto droga que está inserida em um contexto sócio-político-econômico amplo e com variadas consequências, sendo a violência uma delas.

As políticas sobre drogas passam por um processo longo até serem elaboradas, iniciando o debate mediante problemas sociais que geram uma demanda discutida nas instâncias da comunidade, prefeituras e estados até sua normatização federal. Se a demanda ou problema é que gera o debate e as políticas públicas sobre drogas, o que é problema em relação ao tema drogas numa sociedade? As drogas sempre fizeram parte do contexto social e, muitas vezes, via interpretações e intencionalidades, alguns países tornam algumas drogas lícitas e outras ilícitas (MODRO, 2005). Portanto, a problematização ou não das drogas na sociedade é o termômetro capaz de influenciar os governos para o surgimento de políticas públicas.

A atenção à questão das drogas, por parte do governo, vem recebendo maior incentivo e articulação, nos últimos anos, com a criação de organismos que estudam este tema e o comportamento dos usuários. No cenário brasileiro, até o final dos anos 80, existia uma multiplicidade de informações que eram disponibilizadas às agências e organismos nacionais

e internacionais de controle de drogas. Contudo, havia certos limites nesse procedimento. Essas informações eram entregues, sem agregação e validação, dificultando medidas comparativas da situação das drogas no Brasil, em relação aos dados de outros países. As dificuldades geradas pela desarticulação, aliadas à necessidade de um centro especializado de conhecimento e de atenção integral à problemática das drogas, fez com que fossem organizados e articulados os estudos sobre drogas no Brasil. A articulação desta nova organização visou o âmbito nacional e internacional, bem como buscou facilitar as atividades de formulação de políticas, planos e estratégias de intervenção. Com estes objetivos foi criado o Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas (OBID) para atender estas demandas no início dos anos 90 (MODRO, 2005).

Um longo caminho foi percorrido, dos anos noventa até os dias atuais, em relação aos estudos sobre as drogas, culminando na criação e integração entre vários organismos do governo, com o objetivo de controlar o crescimento da produção e consumo de drogas, numa postura de combate e enfrentamento diante dessa questão. Ao longo desses últimos anos, somaram-se às estatísticas, elaboradas pelo Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas (OBID), iniciativas da Secretaria Nacional de políticas sobre Drogas (SENAD), buscando uma articulação entre dados estatísticos sobre o crescimento e problematização das drogas. Os dados obtidos através das pesquisas do OBID contribuem como os projetos desenvolvidos pela SENAD para estudar e conhecer as drogas desenvolvidas em nosso País, bem como as que chegam de fora. A proposta é que os dados obtidos fossem estudados e transformados em políticas públicas, no intuito de atender às demandas sociais.

O primeiro levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil aconteceu no ano de 2001. Os estudos dos resultados deste levantamento feitos pelo observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas (OBID) e a secretaria Nacional de políticas sobre Drogas (SENAD) proporcionou um crescimento nas reflexões sobre o tema das drogas e os resultados destes estudos foram apresentados em 2002, durante a semana nacional de combate às drogas. Esta articulação inaugurou uma nova fase dos estudos sobre drogas, pois possibilitou maior consciência da problemática ao apresentar o mapa sobre a situação do uso de drogas que apontava para um aumento do consumo no País. Com esses resultados, o governo traçou novos objetivos que passaram a visar ao desenvolvimento de programas dirigidos para a redução da oferta das drogas (OBID, 2011).

O segundo levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil foi realizado no ano de 2005. Este levantamento gerou novos programas da Política Nacional sobre as Drogas, lançados neste mesmo ano (2005), mantendo a postura de enfrentamento às

drogas, associados ao acompanhamento de como está o crescimento do uso no País. A política nacional revela valores, que vão desde o respeito às diferenças entre os usuários e a articulação do trabalho e acompanhamento das diversas instituições, ampliando a ação e reflexão que envolve o tema do enfrentamento, prevenção e redução de danos causados pelas drogas (BRASIL, 2009).

As políticas de enfrentamento às drogas ganharam força em 2006, quando criadas as políticas públicas sobre drogas, através do decreto lei 5.912, onde foi regulamentada a nova lei sobre drogas, estabelecendo novas diretrizes, para gestão de informações pelo OBID (OBID, 2011). As iniciativas de enfrentamento às drogas tiveram o seu enfoque no crack em 2010, quando foi lançado pela SENAD o Plano de Enfrentamento ao Crack, visando a ações imediatas e estruturantes, tais como: campanha de mobilização social para informação e orientação sobre o tema e para o engajamento ao Plano; criação de um sítio eletrônico específico e interativo sobre crack; capacitação de profissionais da rede pública de saúde, educação e segurança pública; casas para acolhimento transitório; ampliação de leitos para internação; implantação do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPsAD), para diminuir o crescente uso de drogas, especialmente o crack, a serem desenvolvidas em todo o País (BRASIL, 2010). Em 2011, o Conselho nacional de Justiça (CNJ), lançou a cartilha sobre o crack, refletindo sobre o crescimento avassalador da droga no Brasil. O documento é informativo, tratando sobre o que é e quais os principais efeitos do crack no usuário, bem como alertando sobre as situações que favorecem o uso, sendo a exclusão social um dos principais (DORNELLES, 2011). O crack é uma das drogas que mais tem atraído adeptos ultimamente, exigindo sua compreensão através de diversos estudos, devido à complexidade do seu uso, sendo que suas implicações dorsais estão ligadas ao sistema social e político (SANTOUCY; CONCEIÇÃO; SUDBRACK, 2008; SENAD, 2010; DORNELLES, 2011; OBID, 2011).

A discussão sobre o uso de drogas faz refletir sobre os diversos obstáculos que envolvem os sistemas, especialmente o social e suas artimanhas. Os obstáculos aparecem como desafios que vão desde a facilidade na produção de drogas, especialmente o crack, o envolvimento do tráfico e suas consequências até a postura social diante desta trama. Os interesses que envolvem a produção, venda do tráfico encontram facilidades para às diversas fragilidades dos usuários, que vão desde sua condição de exclusão e marginalização, até os vazios produzidos pelos sistemas familiar e social (CARRETEIRO, 2002; SAWAIA, 2008).

Sobre que leva ao uso de drogas podemos constatar várias motivações. A respeito da folha de coca pode ser para diminuir a fome e o cansaço, possibilitando suportar situações

adversas que ameaçam a saúde (MOREIRA; NIEL; SILVEIRA, 2009). Neste caso, não é a droga o mal, mas sim os desafios que emergem dos contextos. Em um contexto cultural como da Bolívia, onde o boliviano utiliza a folha da coca de acordo com o que foi mencionado acima, não é um problema; mas, para o jovem usuário que vive no Brasil, no contexto das ruas, estão envolvidos outros elementos como exclusão e violência. A compreensão desse itinerário que envolve rua, exclusão e violência é o grande desafio, proposto neste trabalho, pois neste contexto há ameaça à vida de diversas maneiras e com muitas artimanhas, que contam com respaldo de vários mecanismos sociais, entre eles os meios de comunicação.

Outro desafio é provocado pelo sensacionalismo da mídia, através de matérias noticiadas, que podem confundir e aumentar a ansiedade de familiares e profissionais (MOREIRA; NIEL; SILVEIRA, 2009); como também, legitimar ou tornar natural a situação de violência. Tanto a postura de uma mídia que torna comum a ameaça à vida, levando à alienação, quanto o incentivo ao combate às drogas e usuários, não favorece a saúde social, ignorando um possível debate sobre seus efeitos nas vidas de jovens e famílias (SANTOUCY; CONCEIÇÃO; SUDBRACK, 2008).

Posturas de alienação e combate podem ser vistas como uma trama que envolve diferentes posturas, indo desde grupos sociais que pregam o combate, muitas vezes, para promoção dos interesses próprios, até grupos ligados ao tráfico, que se beneficiam com o aumento do consumo. Estes apontamentos podem sinalizar estratégias que ajudem a vislumbrar novas reflexões e possíveis caminhos, que considerem a vida acima dos interesses unilaterais.

Diante da guerra de interesses está o governo mantendo uma postura de enfrentamento, cada vez mais acentuada, às drogas, movendo uma verdadeira luta contra o crack, envolvendo o poder público e outras iniciativas institucionais através de ONG's (RIBEIRO; LARANJEIRA, 2010). O grande desafio é saber se o combate nesses moldes, que estão ocorrendo em nosso País, são os mais eficazes para solucionar a questão do grande consumo e o conseqüente aumento da violência e morte. Ribeiro e Laranjeira (2010) exemplificam que o caminho, que oferece maior acerto, é dos Países onde houve grande investimento em pesquisa e políticas públicas, havendo aí uma diminuição considerável do uso. No Brasil, a partir de 2000, comentam os autores, dobrou o consumo e aumentaram os homicídios. Sobre onde houve este aumento, Domanico (2006) mostra, em sua pesquisa, que a difusão do crack não coincide diretamente com a rede do tráfico de outras drogas, pois esta droga era proibida de entrar nos locais de domínio dos grupos de traficantes, tendo sua maior

difusão nas periferias das grandes cidades, onde não havia grupos organizados, dominando territórios.

Enquanto entre os traficantes os esquemas funcionavam de acordo com seus propósitos, com permissões e proibições, de acordo com as conveniências, no meio político e acadêmico não foi e nem continua sendo tão fácil a definição sobre os caminhos que devem ser tomados sobre o consumo do crack. Encontramos divergências de autores quanto à análise, sobre as iniciativas do governo e a criação de políticas públicas, para lidar com o tema da epidemia do crack. Para Ribeiro e Laranjeira (2010) não são elaboradas políticas públicas capazes de ajudar o dependente, ao contrário “enquanto os agentes de saúde esperavam pelo desaparecimento espontâneo e milagroso desse grupo, novas facetas desse modo de consumo foram se mostrando (p. 46)”. Dornelles (2011) ao contrário, afirma que os usuários de crack estão recebendo assistência no sistema único de saúde (SUS), órgão do governo que deve dar atenção às redes de saúde, através dos Centros de Atenção Psicossocial de Álcool e outras Drogas (CAPSad) e ressalta, ainda, a existência das políticas de conscientização dos familiares, em sua participação no processo de tratamento dos usuários e dependentes de crack. Corroborando com a colocação de Dornelles (2011), vale ressaltar que o Ministério da Saúde traz outras iniciativas para o enfrentamento do crack, como a criação de casas para acolhimento transitório, ampliação de leitos para internação, entre outros (BRASIL, 2010).

Ribeiro e Laranjeira (2010), afirmam que o estudo e enfrentamento do crack são de difícil compreensão, desde as primeiras tentativas, nos anos 80, bem como as alternativas para recuperação, pois os resultados tinham pouco sucesso. No caso das internações de usuários de crack, um dos primeiros estudos sobre as consequências e o tratamento mostram que, de um grupo de 131 pacientes internados como dependentes de crack, 18% morreram nos cinco anos que sucederam à alta, sendo homicídio a causa mais frequente. Tanto em São Paulo, quanto em Belo Horizonte, onde foram feitas outras pesquisas, o resultado apontou a mesma relação intrínseca entre homicídios e crack, correlacionado ao tráfico de drogas. Esta estatística mostra a ineficiência da carceragem e o trágico resultado posterior às experiências nas cadeias, apontando para ligação das drogas com a violência e morte.

Mesmo diante de pontos de vista diferentes de diversos autores, as discussões sobre quais os melhores caminhos para o tratamento do usuário de crack seguem na pauta do Governo Federal. Dornelles (2011) reconhece que temos avanços a respeito de algumas iniciativas para o tratamento da população usuária dessa droga, mostrando que houve mudanças, ao longo da história, se não com práticas na recuperação, mas sobre a identificação

do público usuário e sobre sua situação social. No início da disseminação da droga, no final da década de 80, era o público masculino de maior visibilidade e pessoas que pertenciam à classe desfavorecida economicamente. Hoje, as motivações para o consumo do crack têm-se diversificado, tendo como usuários porções de todas as classes sociais; contudo percebe-se que os jovens, em situação de rua, são os mais vulneráveis (DORNELLES, 2011).

2.2 – Um panorama geral sobre o crack: surgimento, motivações, efeitos e consequências

Refletiremos sobre o surgimento, motivações, efeitos e consequências do uso do crack percebendo que sua trajetória está contida no panorama de outras drogas e, principalmente tentando compreender como o contexto governamental tem lidado com este tema. Por exemplo, o crack está relacionado com a cocaína, droga estimulante e perturbadora do Sistema Nervoso Central (BRASIL, 2009). Mas, sua compreensão, nesta pesquisa, é inspirada por algumas das suas consequências, ligadas ao tema, entre elas a violência e a exclusão. Mesmo sendo originário da cocaína, o crack tem um preço baixo e um consumo muito maior, tornando-se uma droga popular, enquanto a cocaína é uma droga cara, apelidada de “a droga dos ricos”, não sendo acessível a todos. Isto fez com que suas consequências fossem mais facilmente ocultadas, pois o público que a utilizava não vivia nas ruas. O crack surge neste contexto, com a perspectiva de ser uma “cocaína” mais acessível, para quem não tem tanto dinheiro, devido a sua composição barata.

Uma das descrições sobre a composição do crack afirma que este é formado pela mistura da pasta de coca ou pó, mais bicarbonato de sódio ou amônia, água, levada ao aquecimento. Essa fórmula transforma a pasta em pedras que, ao se quebrarem, fazem um barulho característico, de onde veio o apelido ‘crack’. Este mesmo barulho e formato levaram a droga a ser conhecida como *pedra* (BRASIL, 2009). A preparação também descrita do seguinte modo: é o cloridrato de cocaína, acrescido de uma base líquida, tal como amoníaco, bicarbonato de sódio ou hidróxido de sódio, para remover o ácido hidrolórico. O alcaloide de cocaína resultante deve ser dissolvido e purificado em um solvente como éter e aquecido em fogo brando até que a maior parte do líquido se dissolva (DOMANICO, 2006). Outra forma de descrição afirma que, após sofrer o processo químico, preparado à base da mistura da pasta de cocaína com bicarbonato de sódio, vira uma pedra que não é solúvel em água e não pode ser injetada, necessitando ser fumada em cachimbo, tubo de PVC ou aquecida em lata, a uma temperatura de 95°C, para ser vaporizada e inalada (DORNELLES, 2011). Estas descrições

mostram que a composição do crack é barata e de fácil fabricação, fazendo desta uma droga acessível para várias camadas sociais, especialmente os menos favorecidos.

O surgimento do crack é datado entre os anos 1984 e 1985, nos bairros pobres e marginalizados de *Los Angeles* e *Miami*, sendo sua obtenção através de processos caseiros. Os cristais eram fumados em cachimbos por grupos, especialmente jovens, de forma precária, nas casas. Ainda hoje, os Estados Unidos são o maior mercado consumidor de cocaína e seus derivados no mundo (RIBEIRO; LARANJEIRA, 2010).

Sobre quando e como o crack chegou ao Brasil encontramos relatos distintos. Enquanto Ribeiro e Laranjeira (2010) afirmam, a partir de dados epidemiológicos feitos com a população em situação de rua, que não é apontado uso do crack até o ano de 1989 e que as notificações sobre as primeiras apreensões dessa droga, efetuadas pela Polícia Federal, ocorreram somente a partir de 1990; Domanico (2006) relata que, em 1988, já havia produção do crack, em São Paulo, inclusive com novos formatos, mais baratos e rápidos. Para esta autora, nessa época, em diferentes regiões do país já existiam outras formas de preparar esse produto, sendo que esses preparados de cocaína ou pasta-base, conhecidos como *crack* passaram também a adquirir outros nomes, como *bazuko*, *merla*, *mela*, ou *oxi*.

Mesmo com o desencontro das datas sobre o surgimento e uso do crack no Brasil, os estudos confluem na identificação do público que a utilizou. Seu uso inicial foi feito por pessoas marginalizadas que fumavam o crack para diminuir a fome, em função da privação de alimentação (PEREIRA; SUDBRACK, 2008; OLIVEIRA; NAPPO, 2008). Ribeiro e Laranjeiras (2010) relatam sobre uma das primeiras pesquisas feitas no Brasil, na cidade de São Paulo, com um grupo de 25 usuários, composto de homens desempregados, com menos de 30 anos de idade, ou seja, jovens, de baixa escolaridade e sem poder aquisitivo. Portanto, desde o seu surgimento, o crack já era consumido em ambientes de exclusão social, ou seja, por um público que se encontrava às margens do sistema econômico e social, em situação de rua. A trajetória do crack aponta para fatores de exclusão sociais, capazes de produzir um esquema propício para o aumento do uso de drogas e da violência (OLIVEIRA; NAPPO, 2008).

De acordo com este histórico sobre o seu surgimento, as motivações iniciais para o uso do crack estavam ligadas ao seu baixo custo, sendo utilizada por uma população marginalizada, sem recursos para aquisição de drogas mais caras. No entanto, de acordo com Ribeiro e Laranjeira (2010) os motivos para uso do crack alteraram ao longo do tempo. Para estes autores em 1990, os usuários justificavam a busca da sensação de prazer na droga. No

final da mesma década as alegações para o consumo eram compulsão, dependência ou uma forma de lidar com problemas familiares e carências diversas (sono, comida e afeto).

Ampliando a percepção sobre as motivações que levam ao uso do crack, outras estudiosas do tema (SANTOUCY; CONCEIÇÃO; SUDBRACK, 2008) descrevem a busca pelo prazer imediato, como euforia, até outras razões que dizem respeito ao contexto social como, estratégia de socialização, aquisição de uma identidade grupal e fuga das adversidades. Estes aspectos dizem respeito ao ambiente familiar e social em que vive o usuário, podendo revelar a influência do meio, na busca pelo crack. Para estas autoras, o desejo de ocupação do tempo livre e de alcançar estados psíquicos propícios ao pensamento produtivo e à criação artística podem também ser expressões do usuário de crack que justificam seu uso.

Seja pelo preço ou pela capacidade de proporcionar maiores prazeres e outros ganhos, o fato é que tem aumentado, no Brasil, o consumo dos derivados da cocaína, especialmente do crack. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), em estatísticas de 2010, enquanto a demanda do uso de cocaína diminuiu nos Estados Unidos, aumentou na Europa e em países emergentes. O Brasil é o maior mercado da América Latina, com 900 mil usuários. O consumo geral no planeta passou de 2 milhões, em 1998, para 4,1 milhões em 2008 (RIBEIRO; LARANJEIRA, 2010).

Longe de criar um alarde sobre o aumento do uso de drogas apresentado acima, por meio dos dados do OBID, esta pesquisa sobre jovens em situação de rua e usuários de crack quer estudar as motivações que aparecem ao longo de suas histórias de vida e contribuíram para o uso da droga. Oliveira e Nappo (2008) em sua pesquisa sobre a caracterização do crack na cidade de São Paulo afirmam que, entre os entrevistados, a maioria iniciou o uso de drogas com álcool e tabaco, mas encontrou no crack seu prazer imediato e, por isso, sua adesão incondicional. Portanto, não é o temido crack a primeira droga que dá início ao uso. Ao contrário, quem inaugura o caminho de um usuário são as drogas lícitas, com aval do governo, via arrecadação de impostos, com ganhos financeiros para empresas e consumo de boa parte da sociedade.

Saber sobre a porta de entrada para o uso do crack é importante, mas vimos na pesquisa de Oliveira e Nappo (2008) que o crack mostrou-se mais atrativo, fazendo das outras drogas, como o álcool e o cigarro, um trampolim. Aqui é preciso compreender os mecanismos que fazem parte desse atrativo, quais os efeitos que atraem e as consequências que a dependência do crack traz para o usuário.

O tema da dependência química é instigante e desafiador, desde a motivação para o uso até a compreensão dos seus efeitos. Em alguns casos, a droga traz um novo estado de

ânimo, dando prazer, a partir da crença na “magia” do produto. Em outros; é uma estratégia de socialização, aquisição de uma identidade de grupo, ocupação do tempo livre (PEREIRA; SUDBRACK, 2008; COLLE, 2001). Há quem utilize a droga para amenizar a sensação de fome, frio ou cansaço (DOMANICO, 2006). Dornelles (2011) reflete que os efeitos do crack na pessoa são de ordem física e psíquica, mas também envolvem sentimentos vivenciados pela família e sociedade. Quanto aos efeitos físicos, são manifestações corporais semelhantes aos que Domanico (2006) já descreveu. Os efeitos de ordem psíquica são manifestações que, inicialmente, proporcionam prazer e depois trazem sensações desagradáveis. Com relação aos sentimentos por parte da sociedade e da família estes podem ser diversos, indo desde a indignação, preconceitos, tanto sobre as drogas quanto seus usuários, até a violência e morte.

Os efeitos podem ser observados através do paralelo feito por Ribeiro e Laranjeiras (2010) a respeito dos ganhos e prejuízos fisiológicos que o usuário de crack tem ao consumir a droga. Ao mesmo tempo em que existe a produção de euforia de grande magnitude e de curta duração, existe o prejuízo à saúde que, segundo estes autores, é pior do que o provocado pela cocaína, pois eleva a temperatura do corpo, podendo causar no usuário um acidente vascular cerebral. O crack proporciona efeitos agradáveis que estimulam seu uso, como sensação de coragem e extroversão, entre outros, que são alcançados de forma artificial, intensa e imediata. O crack ocasiona comportamentos impulsivos devido às alterações cerebrais, provocando comportamentos impraticáveis na ausência da droga (RIBEIRO; LARANJEIRA 2010).

Além das questões fisiológicas é importante também uma análise sistêmica da situação, proporcionando uma visão do uso de drogas, como um termômetro que possibilita compreender o funcionamento relacional entre as pessoas (VASCONCELLOS, 2002; AUN, 2005; PENSO; SUDBRACK, 2009). Nessa perspectiva sistêmica, mesmo percebendo os danos ocasionados pelos efeitos da droga, o mal não está na substância utilizada, nem há uma busca pelo ‘mal’; mas sim, na compreensão de como as relações proporcionaram esse acontecimento e o que ele quer denunciar.

Diante dos sinais que revelam um usuário de crack, observamos que estes trazem características específicas. Para Koller (2002) os sinais físicos são os primeiros a denunciarem que uma pessoa está usando crack. Eles se manifestam no rápido emagrecimento e no descuido com a aparência. Este retrato de sujeira, descuido e mau cheiro, presente em usuários que vivem nas ruas, aponta para duas realidades: a explícita diz respeito ao estado físico, visível; a implícita é a ausência do estado diante da saúde fragilizada dessas pessoas. Outras manifestações do adoecimento podem ser expressas na dimensão social, através de

comportamentos agressivos do usuário, devido ao impulso incontrolável para o consumo; de furtos domésticos ou assaltos que, muitas vezes, são seguidos de agressões ou da prostituição para obtenção da droga em um processo auto-agressão.

Domanico (2006) reconhece os prejuízos ocasionados ao fumar o crack, chegando a citar alguns desses danos nos usuários, como problemas respiratórios, perda de apetite, falta de sono, agitação motora, dificultando a ingestão de alimentos, podendo levar à desnutrição, desidratação e gastrite. Contudo, esta autora alerta para outros males maiores que são causados pela sociedade que estigmatiza e exclui esses usuários, impossibilitando sua recuperação e reinserção social.

A situação de exclusão é uma das consequências de cunho social, sofridas pelo usuário, mas não é a única. Como já colocado anteriormente, Ribeiro e Laranjeiras (2010) partem dos aspectos fisiológicos para relatarem os danos sofridos com a destruição de neurônios que provocando a degeneração dos músculos do corpo, causando aquela aparência característica: ossos da face salientes, braços e pernas finos e costelas aparentes. Relatam ainda que o crack inibe a fome e tira o sono. Os usuários só se alimentam e dormem quando não estão sob seu efeito narcótico, o que pode deixar o dependente facilmente doente. Sobre as consequências fisiológicas, Domanico (2006) observa que é comum aparecerem rachaduras nos lábios causadas pela falta de ingestão de água e de salivação, cortes nos dedos das mãos causados pelo ato de quebrar as “pedras” para uso, além de queimaduras nos dedos e no nariz causadas pela chama usada para fumar o crack. A respeito de consequências de ordem psíquica, a autora menciona a ‘paranoia’ como um dos efeitos provocados pelo uso de crack e que também aparece na maioria dos usuários dos produtos da cocaína. Este é um sentimento de perseguição em que os usuários desconfiam de tudo e de todos, ouvem vozes e sons que lhes provocam medo e pavor. Muitas vezes, criam situações onde ficam acuados e escondidos ou em conflitos grupais, podendo levá-los à violência (DOMANICO, 2006).

Dornelles (2011) aborda as consequências do uso do crack, descrevendo os principais sinais que podem identificar um usuário. Alguns desses sinais dizem respeito aos temas ligados à dimensão social, como perda do interesse por questões sociais; a mudança nas companhias e amizades; descuido e abandono escolar; bem como a perda do interesse pelo trabalho ou hábitos anteriores ao uso do crack. A autora comenta, ainda, sobre os sinais ligados à dimensão psíquica, como o comportamento depressivo, cansaço, descuido com a aparência, irritação e agressividade, com terceiros, por palavras e atitudes. Outros sinais são ligados à aparência, sendo visíveis através da mudança física como perda de pelos, a pele ressecada e envelhecimento precoce (DORNELLES, 2011).

É possível notar que as motivações para o uso do crack vão desde as facilidades econômicas para se adquirir essa droga, por ser mais barata do que outras, e a facilidade para sua aquisição, podendo ser produzida em fundos de quintais e outros lugares clandestinos. Outras motivações podem estar ligadas às relações familiares e sociais, que podem indicar relações que dificultem a adesão do jovem ao sistema familiar ou ausência de oportunidades, que deslocam esse jovem socialmente. Os efeitos estão diretamente ligados ao uso, sendo percebidos tanto física quanto socialmente, trazendo consequências que podem levar à exclusão e marginalização dessa juventude da qual tratamos nesta pesquisa.

2.3 – Juventudes: exclusão social, violência, vivência de rua e uso do crack

Neste item refletiremos sobre a diversidade juvenil, enfocando um público que vive em situação de rua e que sofre processo de exclusão. A constatação de que são os jovens o principal público usuário do crack e que esse público sofre e provoca violência exige a compreensão sobre juventude, tarefa árdua quando atrelada ao uso do crack.

Não temos uma compreensão padrão sobre o termo juventude, mas sim diversas formas de abordá-lo. Veremos duas destas abordagens: a primeira terá o enfoque na dimensão cronológica do termo Juventude e a segunda diz respeito à uma concepção social que alonga esta fase para benefício de uma parcela desta sociedade. Após abordarmos as duas concepções que, em nossa visão, instrumentalizam a vida por interpretações que reduzem ao cronológico, veremos outra concepção mais completa, a nosso ver, que apontam para a construção social do jovem.

Na primeira abordagem ou construção do termo juventude, aqui apontada, como fase do ciclo de vida, vem da compreensão talhada na década de cinquenta, que compreendia esse público como uma fatia da população sem caracterização, suscitando a seguinte pergunta: quem são esses que não mais precisam dos cuidados familiares, mas não estão preparados para o mercado de trabalho? O contexto desta época é de industrialização, logo é preciso compreender o que se pretende com esta pergunta: ‘preparar para o mercado’. Esse é um período da vida em que a pessoa não é criança ou adolescente, não depende de cuidados familiares, mas ainda não tem habilidades suficientes para ingressar no mundo do trabalho e assumir responsabilidades (SOUZA, 2008). Assim, surge o termo juventude como fase de preparação para o mercado de trabalho, sem a preocupação com o sujeito. Essa construção terminológica não mostra preocupação com o jovem, enquanto pessoa, mas é um termo instrumentalizante, por ver a pessoa do jovem como fase que tem força para o trabalho,

priorizando a necessidade do mercado. É incapaz de perceber a pessoa que pode ser protagonista do processo, não somente determinado pelo mercado.

Se fase é um termo pejorativo que tira o potencial e a beleza de uma grande etapa da vida, coisificando-a, outra definição, a segunda nesta explicitação, menos taxativa, mas que não ajuda muito por não revelar todos os potenciais juvenis é a baseada na dimensão cronológica. A Organização das Nações Unidas (ONU) define juventude como um recorte temporal, ou seja, jovens são os que estão entre as idades de 15 a 24 anos (CASTRO; ABRAMOVAY, 2004; SOUZA, 2008). No Brasil a questão cronológica é alargada, passando dos 24 para os 29 anos de idade, garantindo direitos adquiridos e ampliando sua participação social, conforme proposta de emenda constitucional (PEC, 2010).

Diante do contexto de uma sociedade *juventudocêntrica*, que se autoatribui os valores juvenis como beleza, alegria e vigor, mas delega aos jovens os limites e fragilidades sociais, como inconstância, irresponsabilidade e violência, é importante garantir, neste nosso período histórico, que jovem é somente quem tem até 29 anos, evitando assim o usufruto inconsequente do termo para estar na ‘moda’, por parte do adulto/sociedade, permitindo que o jovem seja jovem e o adulto assuma seu papel e identidade condizentes. Esta confusão sobre a caracterização do que é juventude mostra a tendência de querer fazer perdurar a juventude, sem se dar conta dos prejuízos que essa postura traz para as Juventudes (KELHL, 2004; SOUZA, 2010; CARRETEIRO, 2010). Kehl (2004) corrobora com esta reflexão, ao criticar a sociedade atual por não assumir a fase adulta como referencial, ao contrário, há uma negação não somente do ser adulto, mas da terceira idade, retardando essa etapa da vida. O termo utilizado pela autora para refletir sobre esse alargamento da juventude é a *sociedade elástica*, onde há uma cronologia da juventude para o período etário, entre 18 e 40 anos, revelando que esta geração tem medo de envelhecer e de encarar seus limites, pois não só burla a etapa cronológica da juventude, mas busca se beneficiar do termo, para ostentar a beleza jovial, omitindo-se como referencial capaz de testemunhar uma etapa madura da vida. Carreteiro (2010) explicita como a cultura compõe a transição entre as mudanças de fases, colocando a adolescência como início da juventude e depositária de muitas expectativas e projeções sociais, de um nível de magia cultuada e desejada, por toda sociedade. Estes estudos nos fazem perceber o desamparo sofrido pelos jovens, mediante a postura *juventudocêntrica*, de uma sociedade imatura, que deseja perpetuar a adolescência e juventude, negando a etapa adulta, fazendo com que os jovens fiquem sem referenciais, uma vez que todos querem continuar jovens (CARRETEIRO, 2001).

Estas abordagens, em que uma define juventude como tempo cronológico e outra que a enclausura, enquanto fase, negligenciando a pessoa, limitam a compreensão da história de vida dos jovens, visto que são construtos atrelados a interesses diversos. Assim, apresentamos a abordagem que enfoca a necessidade de perceber a pessoa que é compreendida em um processo de desenvolvimento, indo além do cronos e da fase, chegando ao nível de comprometimento de ajudar este jovem que precisa de apoio em seu desenvolvimento e respaldo para ter projetos e realizá-los.

Ampliemos esta abordagem que nos parece mais favorável às Juventudes. Utilizando a perspectiva historicizante, capaz de garantir o papel do sujeito, na dinâmica social (SOUZA, 2010) é preferível estudar a juventude, como *grupo etário específico*, não reduzido a um único aspecto da realidade, mas constituído a partir das relações sociais. Esta perspectiva nos parece mais atrativa que as anteriores, pois valoriza a pessoa enquanto construtora social, alguém que interfere e sofre interferência do contexto social, diferentemente da construção social anterior que aponta para uma *embriaguez identitária* capaz de dificultar e de dar o respaldo necessário para que o jovem construa seu projeto de vida.

A definição de juventude é complexa, não sendo conceito de compreensão única, tão pouco estática; ao contrário, exige mobilidade de acordo com as mudanças históricas que influenciam enormemente as gerações (RAITZ; PETERS, 2008). No entanto, para esta pesquisa, percebemos a necessidade de fazer opção por uma definição que possa nos ajudar no caminho que estamos percorrendo. É fato que a juventude não pode ser compreendida e explicada se for isolada, deixada fora do contexto das relações sociais (SOUZA, 2010), pois este contexto revela uma realidade que indica a situação vivida pelo jovem que nela está inserido.

Sabendo que cada geração imprime sua marca própria, com elementos sociais complexos, uma vez que a sociedade é complexa (RAITZ; PETERS, 2008), queremos marcar este caminho com o termo **juventudes**, que é utilizado por alguns autores para expressar a diversidade do mundo juvenil (SOUZA, 2008; MOTA, 2011). Mesmo que o termo juventude fale de coletividade, compreendemos que existem várias coletividades, com peculiaridades que, se padronizadas, podem afastar-nos da real situação que queremos estudar. Diante da complexidade, que envolve o processo de dependência química, e sua maior incidência no mundo juvenil, temos que explicitar de que “juventude” estamos falando. O termo juventude não dá conta, em nossa concepção, de retratar as particularidades existentes no mundo juvenil, pois falar de jovens, que estão em situação de rua, não é a mesma coisa que falar de jovem da classe média, juventude estudantil, trabalhista e outras mais.

Localizar o termo **juventudes** no contexto social é ir aproximando-nos do nosso público alvo, que são os jovens em situação de rua. O contexto político-social nem sempre oferece oportunidades suficientes para que as juventudes tenham um projeto de vida digno. Ao contrário, as exigências para o primeiro emprego e para a formação acadêmica são como um funil, expressando a exclusão e arrastando jovens para situações periféricas, como as ruas (KOLLER, 2002). Aproximar-se do público juvenil que se encontra em situação de rua é fazer o movimento contrário do sistema, se este tem formato de funil, com poucas oportunidades, excluindo e marginalizando, ir ao encontro de quem está em situação de rua pode ajudar em um caminho inverso, de inclusão social.

Para compreender como ocorre a inclusão é preciso compreender como funciona o processo de exclusão. Ele ocorre seguindo uma lógica social que contém mecanismos que empurram os jovens para fora do sistema social expulsando-os para as ruas, através de mecanismos que puxam para os espaços de marginalização, atraindo-os para as ruas, como ocorre com a população desta pesquisa. O que empurra está ligado, tanto à vivência anterior à experiência de rua, o frágil sistema familiar e o que atrai pode intermediar esta passagem entre o lugar de onde se vem e para onde se vai até as ruas, que é a lógica social perversa (TAKEUTI, 2002; SAWAIA, 2008). Moreira; Neil e Silveira (2009) refletem sobre esse processo que leva jovens às ruas, afirmando que é próprio do adolescente e do jovem o desejo de descobrir prazeres variados por curiosidade, influência de grupos de pares e traficantes, fazendo com que se tornem presas fáceis para o uso de drogas. Contudo, existe uma iniciação legitimada socialmente, pois o álcool e o tabaco são as drogas mais utilizadas por essa parcela da população culminando no uso do crack.

Para compreender o processo que pode levar o jovem para as ruas e ao uso do crack é preciso conhecer o contexto mais amplo em que esse jovem está inserido, a sociedade. O sistema social é complexo e pautado pela divisão de classes, capaz de gerar um processo de exclusão e marginalização com características de perversidade devido à sutileza e conformidade como este processo ocorre. Trata-se de um esquema de *exclusão/inclusão*, que não dá condições às famílias de pertencerem ao sistema. Estas famílias, por sua vez, não conseguem ser o apoio necessário para seus filhos em sua construção identitária (OLIVEIRA; NAPPO, 2008; TAKEUTI, 2002; SAWAIA, 2008).

A lógica da exclusão não é um esquema que acontece com todos. Existem grupos sociais que são expostos à miséria e à exclusão social. Eles são categorizados, como Ribeiro e Laranjeira (2010) mostram, ao falar de um perfil do jovem usuário de crack, como aqueles que estão desempregados, com baixa escolaridade, baixo poder aquisitivo e de família

fragilizada, com antecedentes de uso de múltiplas drogas e comportamento sexual de risco. Cohn (2004) dá sua contribuição sobre as reflexões, acerca dos limites na área social, ao dizer que nosso país tem, como tradição, voltar suas políticas públicas para dois públicos-alvo: *os pagantes e os não pagantes*. A autora reflete que com esta configuração, os não pagantes, no caso, a juventude que vive na rua e que é usuária de crack, não tem vez nem voz, ficando, assim, excluída dos projetos sociais, restando-lhe somente a situação de marginalização social.

Diante destas reflexões é possível constatar que a configuração social citada, além da marginalização já detectada, pode levar os jovens, que se encontram nesta situação de exclusão a uma condição pior, que atinge a autoestima, fazendo com que se sintam desvalorizados, diminuídos, devido aos efeitos da vergonha e humilhação social (CARRETEIRO, 2003; GAULEJAC, 2006). Estes autores alertam que este processo pode gerar a falta de confiança e restringir, assim, a capacidade de viver criativamente, impossibilitando o protagonismo enquanto cidadão.

Uma vez marginalizado, esse jovem sofre tanto com a desvalorização quanto com as agressões sociais, sinalizadas como reação por medo ou defesa, num contexto de pânico e fobia, criados no ambiente social (DOMANICO, 2006). Esta é uma dinâmica complicada, *complexa*, pois a sociedade passa a padecer dos próprios efeitos negativos, ou seja, produz marginalização e sofre suas consequências. Estes efeitos sociais são descritos pela autora, através das perdas dos vínculos familiares, cuja ausência prejudica a apropriação da sua história de vida, por parte desses jovens. No entanto é importante lembrar que o pânico moral que vem de fatias da sociedade, contribui para esse prejuízo.

A exclusão e a marginalização são nitidamente manifestas na situação do usuário, indo desde o uso de roupas sujas e a ausência do cuidado com o que come, até sua realidade cotidiana nas ruas, que é dormir ao ermo, ficar exposto ao frio, chuva e a violência. Aqui há uma postura quanto ao comportamento social e à caracterização da figura do usuário de crack, levando em consideração somente os aspectos pejorativos, criando uma imagem estereotipada, apoiada em interpretações que os coloca no papel de desviantes (SELLOSSE, 1996), levando-os à assimilação de regras que são desfavoráveis à sua autonomia, enquanto sujeitos de direito, que tem uma história de vida e um valor enquanto pessoa.

Além da agressão social, o jovem, em situação de rua, fica exposto em razão da falta de dinheiro e de comida, à oferta financeira para participar do tráfico ou oferta da própria droga. Por isso, Bucher (1996), já afirmava que a sociedade, em sua organização desequilibrada e injusta, incentiva o uso de entorpecentes. Esta organização ou

desorganização social, capaz de levar ao uso de drogas, é analisada por Ruiz (2010) que, ao tratar sobre os campos de aplicação da sociologia clínica, aborda a exclusão social, como um dos campos estudados. Para esta autora, a exclusão tem como característica a desfiliação e a marginalidade, frutos da falta de acesso à educação e alto índice de desemprego, nas grandes cidades. Esse funcionamento, além de não dispor de suporte para as pessoas vulneráveis, acaba facilitando a lógica do tráfico, pois deixa sem casa e sem dinheiro parte da população que se torna alvo fácil diante da oferta financeira dos traficantes (CARRETEIRO, 2002; OLIVEIRA; NAPPO, 2008).

Exclusão e rua tornam-se sinônimos com características descritas por Moraes, Silva e Koller (2010) como um espaço de permanência, utilizando o termo situação de rua e não moradores de rua. Nesta perspectiva, não existem jovens que optam livremente por morar nas ruas, como se fosse sua casa. Estes jovens são fruto de um contexto que força essa permanência nas ruas, existindo uma situação de rua imposta e não uma moradia escolhida. Sobre o contexto das ruas, como lugar para os usuários de drogas, essa situação é descrita por Coimbra (2001), como denúncia de modelos econômicos vigentes que, para funcionarem, necessitam excluir setores da população.

Alves (2010), ao relatar as formas como foram nomeados os jovens que se encontram nas ruas, indica que elas passaram por três compreensões: jovens *de rua* como produto da rua, *na rua* com vivências em espaços de tempos marcados na rua e por fim *em situação de rua* ou população em situação de risco psicossocial que denuncia um processo social que leva ao estado de exclusão. Nesta perspectiva, os jovens são considerados como fenômenos constituídos biopsicossócio-historicamente, possibilitando o aprofundamento do tema, indo além das relações causa-efeito.

As pontuações teóricas feitas até o momento mostraram os desafios da situação de rua que é imposta por um contexto excludente. Continuaremos refletindo sobre ela. Embora esta construção denuncie o esquema externo, social, em relação às ausências ou posturas do estado e da sociedade, é preciso garantir que existe valor na vida das pessoas que vivem nesta situação. Isto possibilita uma compreensão diferenciada dos riscos e perigos que existem nas ruas, exercitando um olhar capaz de perceber a construção da identidade de jovens que se encontram nesta situação (ALVES, 2010).

Sobre o contexto das ruas, Moraes, Silva e Koller (2010) afirmam que a rua, como 'lugar' dos excluídos, é fruto de um processo histórico de ausência de políticas de proteção àqueles que tanto precisam do Estado. Mesmo sendo histórico, este processo é muito presente no mundo urbano de hoje, tornando-se perceptível nas capitais e nas cidades do interior. A

produção de miséria para sua própria existência mantém uma lógica de funcionamento social que torna necessária a existência da pobreza e dos empobrecidos (COIMBRA, 2001).

Os jovens que vivem em situação de rua são boa parte do público colocado à margem da sociedade. Como afirmam Minayo e Deslandes (1998) os jovens são os maiores 'fregueses' do sistema, representando uma grande porcentagem da massa de empobrecidos presentes nas ruas. Além de se encontrarem excluídos de oportunidades sociais, esses jovens sofrem múltiplas exclusões, como: da família, da escola, passando pela perseguição, chegando ao ciclo da violência e morte. Ao refletir sobre esse ciclo, as autoras dizem que mesmo que não seja uma situação de causalidade, muitas vezes, a violência está associada ao uso de drogas.

Estar nas ruas não é mero fruto do acaso, mas sim um processo gradual, como Morais, Silva e Koller (2010) nomeiam. Retomando o processo já descrito sobre o que atrai os jovens para as ruas, fica evidente que os laços e vínculos com a rua vão sendo construídos através de vários atrativos: relações com pessoas que já vivem em situação de rua, especialmente amigos, drogas, liberdade, dinheiro, comida, entre outros. Simultaneamente aos atrativos, nas ruas, encontram-se as fragilidades dos vínculos familiares e da comunidade expulsam para as ruas.

As condições das ruas afetam as pessoas, fazendo com que vivenciem agravos maiores, relativos a muitos abusos que ocorrem nos grandes centros urbanos, situações que causam sofrimento, passando pelo físico, como o frio e a fome, chegando ao psíquico e social, como vergonha, exclusão e sentimento de inferioridade (GAULEJAC, 2006; DORNELLES, 2011).

Até aqui temos alguns cenários para compreensão do nosso tema da pesquisa. Por um lado, com relação a subjetividade no contexto das ruas, os jovens se reúne em grupo, elegem papéis sociais ('pai', 'mãe', 'chegados'...), constituindo sua subjetividade, com criatividade (GONZÁLEZ REY, 2005; TEXEIRA; SILVA; ALVES 2010). Por outro lado, podemos conceber as ruas dentro de um contexto de ambiguidades sociais que oferecem atrativos e fatores de risco (KOLLER, 2002). Neste trabalho, lidamos com essas duas realidades, pois compreendemos que o contexto social é complexo possibilitando a coexistência e a percepção de uma hostilidade, enquanto realidade de rua, mas compreendendo a capacidade de se construir identidade, mesmo diante das adversidades sociais (VASCONCELLOS, 2002; AUN, 2005; WALSH, 2005).

Mesmo oferecendo possibilidade de aprendizado, o contexto das ruas não é um ambiente inocente. Ao contrário é, muitas vezes, cenário de exclusão e violência. O tema da

violência precisa ser discutido nesta pesquisa, pois violência e exclusão são realidades coexistentes, exigindo do pesquisador uma abordagem capaz de denunciar situações normatizadas socialmente (COIMBRA, 2001). Tratar a violência e a exclusão como ocorrências normais é fazer com que o extraordinário, que é a marginalização nas ruas e a violência, se torne ordinário. Esta situação exige postura de denúncia, pois fere a vida. Denunciar a violência é a chave para se chegar às causas primeiras, pois a violência denuncia suas origens, funcionando como termômetro ou ponta do iceberg (VASCOCELLOS, 2002).

Compreender a violência como sintoma e a vivência de rua, a partir de seu contexto social, pode ajudar na descrição da trajetória que o jovem percorre até chegar a essa situação, ou seja, sua trajetória social. Esse percurso envolve diversos públicos, alguns já mencionados acima, mas também outros, como é o caso da polícia, abordado por Peralva (2000), quando retrata o quadro de violência dentro do sistema chamado *democrático*. A polícia que deveria proteger os cidadãos, em alguns casos, porém, se torna uma das grandes responsáveis pela agressão à população em situação de rua. Aqueles que teriam a função de trabalhar pela justiça social aderem à lógica de limpeza social. Eliminam aqueles que se tornaram inúteis para um sistema classista, separando os que têm posse/poder daqueles que nada possuem, criando uma fobia social excludente, capaz de gerar uma vergonha reativa a esta situação, chegando ao extremo da margem social e do desvio (CARRETEIRO, 2003; DOMANICO, 2006; GAULEJAC, 2006).

Não se trata aqui de culpar a polícia, mesmo porque ela é parte do sistema, como nos afirma Domanico (2006) ao descrever os procedimentos da sociedade brasileira, enquanto geradora de exclusão, ao criar um pânico moral. Essa criação se dá no meio dos comerciantes que criam regras classistas, capazes de segregar grupos e tendo, em alguns casos, os policiais militares como cúmplices na execução da limpeza social (DOMANICO, 2006). Diante desse cenário, temos um grande limite na construção identitária destes jovens no ambiente da rua e violência, pois a lógica social é contraditória. Ao mesmo tempo quem produz a população de rua precisa eliminá-la, pois ela é vista como um problema que gera o *pânico social*. É nesse contexto conflituoso que o jovem vive e constitui sua identidade, assimilando de forma indissolúvel e natural a pobreza como lugar e a violência como postura social, capaz de levar à criminalidade (COIMBRA, 2001).

Parte da polícia que aceita o tipo de *encomenda* para violentar ou matar jovens em situação de rua é herdeira de uma ideologia que está na gênese de sua própria identidade, que é a de proteger quem detém o poder e vigiar os que estão fora desse grupo, pois são vistos como ameaça à segurança social (PERALVA, 2000; PENSO et al., 2012). É possível perceber

essa herança, na pesquisa de Coimbra (2001) sobre o surgimento da polícia militar, onde é mostrado que, desde sua origem, há uma seleção de quem deve ser protegido, família real e nobreza, em detrimento da parcela que deve ser perseguida, os vagabundos e desocupados, produzindo assim uma subjetividade da pobreza. Essa herança das polícias militar e civil tem forte expressão, ainda hoje, gerando exclusão e violência.

Não são somente a polícia e os comerciantes que influenciam neste processo de violência que é agregada à identidade do jovem. Outros grupos, com diferentes interesses, também participam dessa construção. Minayo e Deslandes (1998) afirmam que faz parte da situação complexa das ruas o narcotráfico, como sistema que potencializa um repertório de violência, promovendo uma delinquência organizada e articulando grupos de extermínio, muitas vezes, agenciados pela polícia e pelas instituições de segurança, contribuindo para uma situação de exclusão e estigmatização.

A postura social que marginaliza o jovem em situação de rua tem forte impacto na construção identitária (CARRETEIRO, 1998; CARRETEIRO, 2003; CARRETEIRO, 2010; DOMANICO, 2006; GAULEJAC, 2006). Carreteiro (2003) analisa este impacto com base na psicossociologia, discutindo como as novas formas de exclusão têm gerado, a partir do imaginário da inutilidade, uma subjetividade capaz de fazer emergir seres que podem se considerar sem qualidade nenhuma para a sociedade, ou seja, sujeitos totalmente descartáveis. A autora afirma que este resultado é de responsabilidade social, pois enfatiza a posição e o lugar, acentuando o individualismo para aqueles que possuem e introduzindo maior exclusão aos indivíduos que não possuem, ou seja, aqueles que são *indivíduos por falta*. A autora acrescenta ainda que essa forma de funcionamento aumenta o sofrimento social dessa parcela da população excluída, deixando marcas psíquicas graves.

Essa *falta* que Carreteiro (2003) afirma influenciar na construção da identidade é observada no cotidiano por Oliveira e Nappo (2008) como a falta que passa pelas questões materiais, relacionais e sociais e que tem sua origem na exclusão, na indiferença e ausência de oportunidades. No contexto do jovem que está em situação de rua, privado de muitas coisas, inclusive de recursos para o consumo, essa situação vai levá-lo à prática de atividades ilícitas, como roubo, tráfico de drogas e assaltos. Esse conjunto de atitudes interfere negativamente na saúde e no funcionamento social do usuário de crack, podendo levá-lo a um processo de marginalização, no contexto micro, sistema de uso e macro, comunidades e sistemas de serviços.

A marginalização ocorre por vias que podem ser compreendidas, observando o funcionamento do sistema capitalista e sua organização imobiliária, formando territórios de

pobreza e de nobreza (COIMBRA, 2001). Os territórios de pobreza são aqueles que ainda não foram valorizados pelo mercado imobiliário e os de nobreza já possuem essa valorização, expulsando do local as pessoas que não dispõem de capital para ostentar o status aí empregado. A expansão urbana, pautada na organização que elege espaços geográficos para especulação imobiliária, dita as regras capazes de excluir, isolar e marginalizar o público que não responde financeiramente à ditadura do mercado.

As ruas configuram um tipo de território que abriga uma parcela da população excluída. Sendo espaço da massa sobrando, torna-se de pouco interesse, não sendo cuidado. Essa ausência do Estado gera violência e estigmatização. Neste cenário complexo da rua se estabelecem relações, criam-se laços, constroem-se subjetividades, histórias de vida. Para captar essas histórias o pesquisador, que trabalha com sujeitos em situação de rua, pode utilizar várias estratégias para aproximação do campo, que vão desde uma conversa informal a um kit com lanche para estabelecer os primeiros vínculos, ajudando no significado dado às diversas experiências feitas por cada jovem (COIMBRA, 2001; CARRETERIO, 2003; DOMANICO, 2006).

A aproximação do pesquisador exige um olhar para esse contexto complexo das ruas, que busque mais do que causas e efeitos, capazes de explicar a violência e exclusão e que não responsabilize o jovem, individualmente, pela trajetória de vida como se fosse mérito ou prejuízo individual. Walsh (2005) alerta sobre os equívocos no modelo de pensamento, em que se atribui somente às pessoas, individualmente, os aprendizados, mediante as adversidades da vida, utilizando o pensamento sistêmico e chamando de resiliência, definido aqui como sendo o fortalecimento de processos interacionais que permitem ao jovem, à pessoa ou à família resistir aos desafios desorganizadores da vida e renascer a partir deles. Essa concepção nos ajuda a ir além das capacidades pessoais, acreditando que a atribuição somente ao sujeito, por seu fracasso ou sucesso, pode levar a uma situação de marginalização e exclusão social. Na perceptiva sistêmica, tanto os valores quanto os limites são fruto de um contexto, que envolve aprendizado e ajuda familiar, comunitária e social.

2.4 – Juventudes, família e o uso do crack

Refletiremos neste item sobre o jovem no seu contexto familiar e o uso de crack, verificando como este núcleo familiar traz implicações nas vidas de seus membros. As relações estabelecidas no núcleo familiar, conforme o funcionamento de sua estrutura define a identidade dos seus filhos (MINUCHIN 2008; PENSO; SUDBRACK, 2009). Estando

inserida no contexto mais amplo, a família é um sistema complexo composto por subsistemas que interagem entre si, considerando que cada membro tem sua individualidade. Dentro dessa complexidade, a família é convidada a se manter num movimento que possibilite a pertença para ser reconhecida como família e individualização de seus membros, para garantir que cada um continue tendo sua identidade pessoal (MINUCHIN, 1982). A saúde vai consistir no equilíbrio desse movimento que respeita as fronteiras entre os sistemas individual, familiar e social.

O pensamento sistêmico ajuda a compreender como se estabelecem as relações entre estes sistemas e as influências que podem levar ao pertencimento ou expulsão de seus membros. No caso da relação pais e filhos, muitos problemas apresentados, como sendo dos filhos, são da relação e não do membro isolado. Percebendo os conflitos, a partir das relações, pode-se ocasionar oportunidade privilegiada para conversar sobre o assunto, ajudando no crescimento da família como um todo, proporcionando espaços para se discutir as relações e a estrutura familiar em sua amplitude. Em algumas situações, as famílias somente procuram ajuda terapêutica diante de dificuldades relacionais com os filhos. Neste caso as dificuldades são percebidas como sinal de saúde, pois proporcionam a abertura da família para mudanças necessárias (MINUCHIN, 1982; ANDOLFI, 2002).

Para possibilitar a convivência entre os membros da família e seus diferentes subsistemas, é preciso que eles reconheçam que não vivem isoladamente; mas convivem, sendo as relações que sinalizam a saúde ou a doença da família (MINUCHIN, 1982; MINUCHIN 2008). Walsh (2005) alerta que quando um membro da família está em risco, por uso abusivo de substância química, toda família reflete, através da desestabilidade, a pressão que sofre. Essa situação é mais comum nas famílias vulneráveis, devido à condição de pobreza, que favorece conflitos internos, ocasionados pela situação social de risco e exclusão, ou seja, *déficits* em suas necessidades básicas de alimentação, educação, saúde e bem-estar (MINUCHIN, 1999; DIEESE, 2007).

O tema da vulnerabilidade encontra diferentes compreensões, entre as quais precisamos pontuar o foco que denuncia sua causa. De acordo com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE, 2007), a vulnerabilidade, tanto da pessoa, quanto da família ou grupos sociais, diz respeito à maior ou menor capacidade de manter o bem-estar, que significa ter condições de aproveitar as oportunidades que o Estado, mercado ou sociedade oferecem. Esta reflexão feita pelo DIEESE responsabiliza a pessoa, família ou grupo pela pobreza e vulnerabilidade, atribuindo peso maior a estes pelos fracassos sociais.

Por outro lado, os estudos de Gomes (2004) afirmam que a sociedade é a principal responsável pela vulnerabilidade, pois esta é gerada pela pobreza e miséria que trazem privações, instabilidade e ausência de solidariedade. A família que se encontra em situação de vulnerabilidade é desassistida pelas políticas públicas, ficando impossibilitada de atender às necessidades básicas de seus membros. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2002) mostra que a vulnerabilidade em que se encontram os jovens está aliada às condições socioeconômicas precárias, gerando aumento da violência e criminalidade. Para combater essa vulnerabilidade, esses estudos indicam que se deve investir na juventude, aumentando o capital social e cultural, para diminuir o clima de descrença nos jovens e incentivar a confiança no futuro.

A família é o sistema propício para despertar a confiança e os sonhos de seus membros. É no desenvolvimento da família ao longo do seu ciclo de vida familiar que ocorre a resolução dos processos emocionais e o estabelecimento de tarefas específicas que propiciam o crescimento e desenvolvimento de cada um dos seus membros. Nas fases do ciclo de vida vivenciado pela família, a adolescência é aquela que marca o processo de construção identitária e os processos de pertencimento e separação (CARTER; MCGOLDRICK, 1995). Contudo as famílias que se encontram em condições de vulnerabilidade enfrentam dificuldades nas vivências do seu ciclo de vida (PENSO; COSTA; RIBEIRO, 2008). Koller (2002) fala sobre a importância de se considerar a família nos estudos sobre adolescentes e jovens em situação de rua. Estes estudos tratam sobre a mudança de concepção do processo que levam às ruas. Indicam a necessidade de passar de uma visão em que os jovens abandonavam ou eram abandonados por suas famílias, fugiam para as ruas e lá ficavam para a percepção de um '*continuum*', onde os jovens ficam nas ruas durante o dia ou por um tempo e retornam às famílias de origem ou para uma instituição onde ficam por um curto espaço de tempo e retornam para a rua por tempo maior e assim sucessivamente até extinguir os laços familiares ou institucionais.

De acordo com os estudos de Mcgoldrick (2003), a cultura do meio social influencia no desenvolvimento da família, através do individualismo, alimentada pelo sistema capitalista e culturas coletivistas que privilegiam o patriarcado. Na cultura coletivista a estrutura de liderança da família depende da harmonia conjugal, através de conversas e negociações implícitas e explícitas, já na cultura individualista se busca um privilégio para os homens quanto à autoridade, defendendo uma comunicação indireta, implícita e disfarçada. Estas culturas influenciam na forma como a família irá passar pelas diferentes fases de seu

desenvolvimento, fazendo com que o filho possa adquirir ascendência, privilégios, acesso a informações, obrigações ou não.

Os efeitos da cultura no funcionamento da família ficam mais evidentes tanto diante dos conflitos, tensões e ansiedades internas, quanto do contexto de vulnerabilidades vivenciadas pelo processo de exclusão, revelando como esta se organiza diante das adversidades impostas socialmente (CARRETEIRO, 2002; SAWAIA, 2008). Internamente existe uma organização que não favorece o bom desenvolvimento desta família, podendo ser exemplificados pelos triângulos familiares, que podem gerar alianças negativas ou pelas posições assimétricas geradas pela cultura patriarcal que traz um desequilíbrio no ciclo de vida familiar (BOWEN, 1991; CARTER; MCGOLDRICK, 1995; MCGOLDRICK, 2003). Externamente há uma pressão do contexto social desfavorável ao sistema familiar vulnerável, provocando vazios que impossibilitam a família de dar conta de seu papel (CARRETEIRO, 2002). O funcionamento interno da família está relacionado ao contexto externo social, evidenciando que os conflitos familiares não podem culpabilizar ou inocentar, mas sim perceber o que pode contribuir ou atrapalhar os processos e tarefas do ciclo de vida familiar.

Ao tratar das dificuldades no ciclo de vida familiar, Penso et. al. (2003) mostram que a busca do jovem por autonomia e independência do grupo familiar pode trazer vários conflitos. As autoras afirmam que isto não é necessariamente ruim, mas poderá provocar desajustes, se não houver equilíbrio suficiente do sistema familiar para lidar com os acontecimentos. A dependência química pode ser um dos resultados desses conflitos, sendo não somente a busca pelo prazer que a droga proporciona, mas também a forma encontrada pelo jovem de buscar independência do grupo familiar, que pode não estar sabendo ajudá-lo no seu processo de autonomia, necessário para formação de sua identidade.

Caso o sistema familiar, não consiga contribuir para o processo de autonomia de seus filhos, pode levá-los a buscarem alternativas de saídas do contexto familiar, sendo a droga uma delas, como refletem Moreira, Neil e Silveira (2009) e Penso e Sudbrack (2009). A qualidade dos vínculos entre os membros da família pode ajudar a lidar com situações difíceis que apareçam, porém os papéis não assumidos podem estimular o uso de drogas e dificultar as formas de lidar com o problema, quando ele surge.

O uso de drogas aparece como *termômetro* na família, sinalizando que as relações devem ser trabalhadas e que o usuário da droga é um membro que denuncia dificuldades no contexto familiar e social. A percepção do usuário como sintoma familiar exige desse sistema mais cuidado no caminho que é feito em busca da estabilidade. É natural que a família exerça essa busca, através do fortalecimento dos vínculos entre seus membros, mas, muitas vezes,

com o sacrifício pessoal de seus componentes, como uso das drogas, por exemplo, (PENSO, 2003; PENSO; SUDBRACK, 2009). O intuito dessa família, muitas vezes inconsciente, é de manter o sistema unido e imune às diversas propostas externas que podem ameaçá-lo. As propostas externas, como o tráfico de drogas, desemprego e outros elementos da esfera social se tornam atrativos que podem atrair o jovem para o uso das drogas, por outro lado o funcionamento interno dessa família pode proporcionar um movimento capaz de levar o filho à busca por drogas ou outras compensações devido às relações familiares (COLLE, 2001; PENSO, 2003; PENSO; SUDBRACK, 2009).

O crack é uma das drogas que tem entrado no sistema familiar, influenciando a sua organização, necessitando de reflexões sobre o processo de dependência, como não sendo somente do jovem, mas envolve toda a família. Contudo tais reflexões não querem sinalizar a busca por culpados como ‘bodes expiatórios’. Nem o jovem, nem a família podem ser responsabilizados, pois estes são subsistemas que estão inseridos em um sistema mais complexo, o social (MINUCHIN, 2008).

De fato, a questão não é a busca por culpados, mas sim por compreensão do funcionamento dos sistemas familiar e social, onde ocorrem casos de jovens que vão para as ruas e usam crack. Penso e Sudbrack (2009) sinalizam para uma das possibilidades, que levam a essa trajetória, quando afirmam que a adolescência, por ser um período que influencia todo o sistema familiar, demanda maior atenção de seus membros quanto ao seu acompanhamento. Tanto os adolescentes como os jovens requerem do sistema familiar um acompanhamento e atenção, nem sempre existentes, ocasionando um vácuo que facilita outras experiências. As autoras ressaltam que o desenvolvimento dos filhos implica a abertura dos pais para o mesmo crescimento proposto para os filhos, pois as novas demandas exigem flexibilidade das fronteiras familiares dos papéis e a negociação de uma nova postura de autoridade e referência parental, coisa que nem sempre os pais conseguem (PENSO; SUDBRACK, 2009).

Compreender quais são os papéis no processo de educação pressupõe tomar consciência das heranças geracionais e das influências do contexto social. (CARTER; MCGOLDRICK, 1995; PENSO; COSTA; RIBEIRO, 2008). Colle (2001) afirma que algumas repetições de comportamentos que não ajudam os filhos são devido à incompreensão do sistema familiar de que os vínculos, tais como foram gerados no sistema, não devem permanecer eternamente da mesma forma, estáticos, mas devem evoluir, passando por processos de transformações em cada fase. De acordo com Penso e Sudbrack (2009), baseado no estudo de Stanton e Todd (1988), o comportamento normativo de segurar os filhos em casa

está ligado à fantasia do medo de perder o filho ou à quebra da homeostase do sistema familiar por parte dos pais. Mas estas atitudes tendem a sufocar o processo de busca natural pela autonomia do adolescente, nesta fase do ciclo de vida familiar (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Uma possibilidade de leitura sobre a relação dos pais em relação ao filho, usuário de drogas, nos é mostrado pelos estudos descritos por Penso et. al. (2003), onde objetivam compreender como as famílias de dependentes químicos se estruturam e como as relações se constituem. Estas autoras ressaltam a compreensão focada na tríade família - pai, mãe e o filho dependente de droga. Nestes estudos, o pai é descrito como desatento e distante e a mãe como superprotetora e envolvida com a vida do filho. Estes resultados apresentam os limites de cada membro e como esses limites emergem das relações, como foco gerador de conflitos que podem proporcionar espaços para o ingresso na droga.

O filho é fruto desse contexto relacional e por isso é importante garantir sua formação, envolvendo todos os membros da família. O sistema familiar, onde há casos de uso do crack, pode ser assim compreendido: o uso na adolescência pode ser o termômetro que denuncia as dificuldades familiares em atravessar essa etapa do Ciclo de Vida Familiar, em que ocorrem os movimentos de crescimento e individuação, essenciais na busca do jovem pela sua autonomia e independência do grupo familiar (PENSO; SUDBRACK, 2009; MCGOLDRICK, 2003). A droga, como termômetro, sinaliza que o sistema familiar pode estar estimulando de diversas formas: seja pelo funcionamento interno, quando os pais são usuários, agressores ou indiferentes ou pelo sistema externo, processos de exclusão social.

Estudar o jovem usuário de crack em situação de rua, tendo sistema familiar e social como parâmetro, é uma tentativa de perceber como as relações são estabelecidas nestes contextos e suas implicações na vida desse jovem. Este é um desafio proposto neste trabalho para tentar compreender a trajetória percorrida pelo jovem usuário de crack, no intuito de desvelar melhor a trama que ocorre entre os diversos sistemas que influenciam nesta história de vida.

Os referenciais teóricos, a psicossociologia e a teoria sistêmica aqui utilizadas ajudarão a acessar as trajetórias dos jovens, compreendendo que estes fazem parte dos sistemas familiar e social, sendo por eles influenciados. Estar em situação de rua e ser usuário de crack envolve uma complexa realidade que contribui para a construção da identidade destes jovens ao longo de suas histórias de vida.

3 – MÉTODO

3.1 - Pesquisa qualitativa e história de vida

A metodologia tem o importante papel de ajudar na sistematização da pesquisa, por isso influencia a maneira de olhar, aproximar e elaborar as reflexões (SILVA et al, 2007). Para ajudar nesta construção, elegemos o paradigma qualitativo, ao qual é atribuído um “caráter descritivo aos processos de produção de conhecimento e, a partir deles, um caráter indutivo” (GONZÁLEZ REY, 2002 p.47). Descrição e indução são maneiras de construir um caminho na pesquisa, como nos diz o próprio termo método, que vem do grego “meta” que quer dizer ‘ao largo’ e “odos” que quer dizer ‘caminho’(BARROS, 1986). Com essa etimologia é possível perceber que o método quer reportar à amplitude do caminho construído entre pesquisador, pesquisados e contexto, diante do itinerário que relata a história de vida, com seus traços específicos, possibilitando o trabalho aqui apresentado.

Este caminho via pesquisa qualitativa, proporciona ainda um cunho científico capaz de identificar as tramas e interfaces de uma sociedade complexa e instável (VASCONCELLOS, 2002). Ajuda ainda na compreensão do sistema social caótico, por não ter organização lógica, mas estruturado por se auto-organizar e manter uma ordem (DEMO, 2008). Associada à pesquisa qualitativa, a abordagem sistêmica e a psicossociologia propiciaram a valorização do relato, dando atenção especial à pessoa em seu contexto. Esta é uma pesquisa no campo, onde o sujeito está inserido, em seu ambiente de convivência cotidiana e não em laboratório (BARUS-MICHEL, 2006).

As bases metodológicas desta pesquisa têm como pressuposto o cuidado com os passos desenvolvidos, possibilitando a compreensão de como foi seu planejamento e sua investigação científica (BARROS, 1986). Este método busca ser um sistema aberto que percebe a contribuição da teoria, mas não enclausura a pesquisa empírica a ponto de rotular os resultados. Ao contrário, mantém múltiplas possibilidades de compreensão capazes de produzir zonas de sentido que facilitem vislumbrar novas possibilidades e descobertas (GONZÁLEZ REY, 2005).

Para González Rey (1999) o conceito de zonas de sentido possibilita acrescentar um elemento importante sobre a valorização da legitimidade do conhecimento, que é a significação para conceitualizar novas zonas da realidade. Estas zonas são os significados atribuídos a partir do vínculo criado entre pesquisando e pesquisador, sendo gerados na

subjetividade do pesquisador e manifestos nas reflexões, ou seja, é a leitura interpretativa do pesquisador, capaz de sintetizar a junção do teórico com o campo.

Nesta perspectiva, a pesquisa qualitativa se torna valiosa, tanto pela produção do conhecimento do que é vivenciado e estudado, quanto pela criação das Zonas de Sentido que permitem descobrir a relação com a pesquisa (GONZÁLEZ REY, 1999). Para gerar este conhecimento o pesquisador observa o campo, não como uma mera coleta de dados, pois não se acredita que existem dados estáticos a serem coletados, mas sim uma coleta de informações capazes de produzir um conhecimento sistêmico que valoriza a experiência empírica (GONZÁLEZ REY, 2005).

As pessoas que participam do processo são vistas como sujeitos e não como objetos passivos. O pesquisador é coparticipante, isto quer dizer que influencia e é influenciado pela pesquisa feita (GONZÁLEZ REY, 2005). O investigado tem um papel essencial nesta pesquisa e a qualidade de sua expressão está relacionada de forma permanente à qualidade do vínculo que tem com o pesquisador onde, este último, influencia e é influenciado na pesquisa (GONZÁLEZ REY, 1999; AUN, 2005).

Sobre o nível de influência do pesquisador, Silva (2007) reflete que, ao narrar sua história de vida, o pesquisado estará criando vínculos com o pesquisador, fazendo com que ambos se tornem atores da pesquisa. Não há neutralidade na pesquisa qualitativa, ao contrário, é muito importante valorizar o nível de influência do pesquisador como parte integrante do processo feito junto à história de vida de quem está participando da pesquisa.

Saber sobre o nível de influência entre pesquisador e sujeito é importante para valorizar o papel de quem é participante dos estudos e de sua história, como conteúdos essenciais na pesquisa qualitativa, de tal forma que a qualidade do vínculo estará relacionada à qualidade da pesquisa (LÉVY, 2001). Esta relação terá o pesquisador como sujeito, mas também como participante do processo de investigação. É um sujeito intelectual enquanto elabora Zonas de Sentido e participante quando se deixa influenciar pela realidade vivenciada pela pesquisa. O participante também se torna sujeito, ao influenciar no caminho que se está percorrendo em toda pesquisa, tornando-se coautor (GONZÁLEZ REY, 1999).

Assim, o pesquisador faz relações entre as teorias e vai produzindo ideias na medida em que novos elementos aparecem no processo da pesquisa. Esta produção é construída no movimento que pressupõe o confronto entre as teorias estudadas e o campo pesquisado, fazendo emergir novos níveis de estudos e possibilidades na investigação. Esta forma de estabelecer relações capazes de construir conhecimento, no próprio cenário em que acontece a

pesquisa, exige do investigador um bom nível de abertura de suas próprias ideias para não se impor ao campo (GONZÁLEZ REY, 1999).

Esta construção de conhecimento diz respeito à edificação de um processo, onde há a constituição da subjetividade, a partir do individual e do social (ANACHE, 2005). A subjetividade não é uma simples influência entre o social e o individual, mas sim um processo de influências que, muitas vezes, sofrem constantes mudanças, em um contexto complexo de onde surge a subjetividade (ANACHE, 2005). Dessa construção dependem as condições pessoais e, principalmente, sociais que são, juntas, instrumentos capazes da edificação do sujeito historicamente (BOCK; et al, 2001). Essa historicidade é conhecida e estudada nesta pesquisa através da história de vida.

Santos (2003) ao falar sobre os desafios de se compreender a história de vida, alerta para a maneira de fazer pesquisa, preocupada com uma realidade que não pode ser quantificada, mas que busca responder a questões particulares, que valorize o universo dos significados, crenças, valores e que busque compreender os espaços mais profundos das relações.

A perspectiva de estudo da história de vida, a partir da psicossociologia, proporcionou uma escuta atenta à trajetória individual de cada jovem em situação de rua, articulando com os contextos sociais dos quais fizeram e fazem parte. Nesta pesquisa, procuramos valorizar a narrativa de vida de cada um, sem esquecer a influência do pesquisador, bem como dos dois estudantes, estagiários que participaram dos estudos, frente à postura do entrevistado e da escuta feita. Esta narrativa revela uma concepção de identidade enquanto *sujeito sociológico* que encontra interação entre o eu e a sociedade (OLIVEIRA, 2009). Para este autor, ao narrar a trajetória de vida, o jovem levanta *aspectos pessoais*, familiares, dos amigos, escolares, profissionais e de outras instituições sociais que dizem respeito à construção de sua identidade, frutos da interação entre o eu e a sociedade.

O contexto social e familiar tem especial influência, neste estudo da história de vida, podendo ser localizada a partir da compreensão de seu funcionamento através da sociologia clínica. Esta pesquisa produziu relatos sobre a história de vida dos jovens, possibilitando a construção conjunta entre pesquisador e pesquisado de um sentido para os acontecimentos vividos e a *reinvenção* de aspectos menos nocivos. Possibilitou ainda perceber quais eram os aspectos transmitidos pelas gerações anteriores e que estavam implicando em sua construção atual (PENSO; COSTA; RIBEIRO, 2008; OLIVEIRA, 2009).

A dinâmica sobre o relato da história de vida proporcionou, ainda, aos participantes a socialização de sua história pessoal, possibilitando, ao mesmo tempo, a investigação e

elaboração de pressupostos sobre as narrativas feitas. Também permitiu articular o que foi dito por cada jovem com o que foi vivido na história pessoal, familiar e social (RUIZ, 2010).

O estudo da história de vida busca ainda recuperar a história da pessoa, organizando-a de maneira que possa ajudar na compreensão do processo, em sua continuidade e descontinuidade, através dos dados oferecidos pelos relatos do passado. Contudo não é somente ver o passado, mas principalmente articular esta história individual com a história coletiva, construída familiar e socialmente (SILVA et al. 2007).

3.2 - Percorso do pesquisador

Compreendendo que o método qualitativo prevê a influência do pesquisador, se faz necessário conhecer o percurso e a imersão no tema abordado ao longo da história de vida (GONZÁLEZ REY, 2005). Este trabalho é a continuação de um processo que venho fazendo há muitos anos, junto a jovens que vivem em situação de rua. Nos anos 1995 a 1998 trabalhei com jovens em situação de rua na cidade de Goiânia. Um grupo religioso¹, diante do descaso do poder público com a situação das crianças e jovens em situação de rua, iniciou uma reflexão sobre possibilidades de acompanhamento desse público juvenil nas ruas. Como fruto dessas reflexões, surgiu a ideia de formar um grupo capaz de proporcionar condições adequadas para aqueles meninos e meninas que desejassem deixar as ruas, as drogas e a prostituição e aproximação e acompanhamento de quem decidia continuar na rua.

O trabalho teve início com equipes que somente visitavam jovens que viviam em situação de rua. As constantes visitas nos mostraram à necessidade do público feminino, que na época, queriam sair das ruas e o poder público não oferecia nenhuma alternativa institucional para acolhê-las. Diante desta necessidade surgiu um projeto que resultou na abertura de uma casa para acolher meninas que tinham o desejo de sair das ruas, mas não encontravam apoio nos órgãos ligados à prefeitura local. De fato, existiam casas para acolher o público masculino, mas naquela ocasião não havia nenhuma alternativa para as jovens. Para fazer o processo de ingresso destas jovens na casa ou mesmo encaminhar os rapazes para alguma instituição, mantínhamos parcerias com entidades onde os jovens pudessem passar por um processo de desintoxicação, antes de iniciar a convivência e ressocialização, que implicava morar juntos, trabalhar, estudar e retomar o contato com suas famílias.

¹ Religiosos e religiosas consagrados/as de diversas congregações da Igreja Católica.

Para melhor respondermos às necessidades dos jovens tínhamos duas grandes equipes, uma responsável pela casa e outra pelas ruas. A casa foi montada para que as jovens morassem até o período em que se estabilizassem, sem tempo determinado para saírem. Na casa, a equipe fazia um rodízio dia e noite para acompanhamento as jovens, muitas com seus bebês recém-nascidos. Na casa de acolhida elas assumiam todas as atividades internas: cozinhar, limpar, lavar roupas e outros afazeres, sempre com ajuda de monitores/as. Os/as monitores/as inicialmente eram voluntários/as. Posteriormente, com financiamento de projetos, houve contratação de pessoal para ampliar a assistência às jovens. Em outro período, manhã ou tarde, elas estudavam em escolas públicas localizadas nas proximidades da casa. Os critérios para deixarem a casa estavam ligados ao abandono do uso de drogas que possibilitassem voltar para suas famílias de origem e ao nível de autonomia financeira que facilitasse ter casa própria.

A segunda equipe, da qual eu fazia parte, acompanhava dos jovens diretamente nas ruas da capital. Utilizamos a seguinte estratégia: duas vezes por semana, durante o dia, ficávamos junto aos jovens em situação de rua conversando, utilizando técnicas para entrosamento, como brincadeiras, gincanas e oferecendo lanches em alguns momentos. Uma noite por semana íamos a pontos de prostituição monitorar se haviam menores em situação de rua que estavam sendo exploradas sexualmente. Nestas visitas conversávamos com as profissionais do sexo, para as quais prestamos, muitas vezes, o serviço de escuta para desabafos de situações pessoais difíceis.

A seguir, descreverei meu processo acadêmico, mostrando que não concebo a oportunidade de pesquisar sem que haja uma ligação com a realidade, ou seja, ligando a academia à extensão comunitária. Percebo que há uma grande ressonância entre meu itinerário acadêmico e a trajetória junto aos jovens em situação de rua ou juventudes, em geral. No período do projeto já descrito, realizado em Goiânia eu estudava teologia e confrontava o que era aprendido na academia com a realidade social vivenciada por aqueles jovens. Em muitas situações, foi possível visualizar ou escutar o sofrimento de exclusão do público que vive nas ruas. Em uma ocasião vi uma menina em situação de rua - que naquele momento lavava suas peças íntimas, em um chafariz da praça pública - jogar essas peças em um carro que passava. Aproximei-me e perguntei por que havia tido aquela atitude e ela disse-me: “ela olhou com cara de nojo para mim”. Percebi aí que houve uma agressão anterior e que ela somente respondia ao que havia sofrido. Ainda hoje tenho contato com esse projeto de Goiânia e com algumas das meninas que conseguiram ter suas casas, constituir uma família, trabalhar e ser reintegradas socialmente.

Após a teologia e o trabalho com os jovens em situação de rua em Goiânia que durou quatro anos, fui morar em outra cidade, com a missão de acompanhar outros jovens em seus projetos de vida. Este trabalho envolvia jovens de outro contexto, com buscas específicas. Eram jovens que deixavam suas famílias para aprofundarem o discernimento vocacional, aprofundando o projeto de vida pessoal. Eram constituídos grupos pequenos para facilitar o processo formativo para se atingir o desejado discernimento e construção do projeto de vida. Este trabalho tinha a duração de dois anos com cada grupo.

O contato e acompanhamento às juventudes sempre esteve presente também nessa atividade. Após três anos, retornei a Goiânia e nesse novo itinerário houve, mais uma vez, o confronto das reflexões acadêmicas com o cotidiano, sempre vinculado ao acompanhamento de jovens. O grupo acompanhado em Goiânia era uma sequência do trabalho anterior, sobre discernimento vocacional e projeto de vida em Campo Grande, porém em outra fase. Neste período comecei o curso de graduação em psicologia, onde me dediquei de forma especial aos estudos sobre o sistema familiar, utilizando a abordagem sistêmica para fazer esta leitura, o que me fez perceber que muitas atitudes dos jovens, com os quais eu trabalhava, estavam ligadas à dinâmica familiar da qual faziam parte. Dei continuidade aos estudos na especialização, aprofundando as alternativas possíveis para apoiar as pessoas que precisavam de ajuda de serem escutadas e que não podiam pagar uma terapia. Montamos, assim, um grupo que recebeu formação através de cinco módulos, com temas voltados para a escuta, ética e convivência, cujo objetivo era de desenvolvermos a habilidade da escuta dos sofrimentos das pessoas que necessitavam, mas não tinham condição de pagar.

Ao término deste trabalho em Goiânia fui convidado pela Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) para me mudar para Brasília assumir a assessoria de multiplicadores que trabalham com juventudes a nível nacional. Esta proposta de assessoria tinha por objetivo tanto preparar as pessoas que trabalham com **Juventudes** quanto o trabalho diretamente e acompanhamento dos próprios jovens. Foi refletindo sobre a situação das **Juventudes** no Brasil, mas especialmente sendo confrontado com usuários de crack em Brasília que veio a necessidade de sistematizar estas experiências.

O Mestrado foi esta oportunidade para sistematização, além de permitir a compreensão da missão que exerço junto ao público juvenil. Como foi explicitado na introdução desta pesquisa, acompanho lideranças que trabalham com juventudes, em nível nacional, desde 2009. São multiplicadores que acompanham os jovens e as problemáticas que os envolve. Neste processo de acompanhamento me chamou atenção o alto índice de mortes provocadas no mundo juvenil. Este tema foi estudado em um seminário, em maio de 2009,

por um grupo de assessores/as das Juventudes, onde chegamos à conclusão de que muitas dessas mortes eram programadas encomenda de pessoas que se sentiam incomodadas pela presença de jovens, usuários de drogas, nas portas de comércios ou por traficantes nos chamados ‘acertos de conta’.

Diante desse quadro, pensamos numa campanha nacional contra violência e extermínio de jovens, desenvolvida pelas Pastorais da Juventude do Brasil². O termo extermínio foi adotado para denunciar as mortes programadas e propor o anúncio de uma cultura de paz. Assim, a campanha era composta por uma denúncia da violência e um anúncio da possibilidade de ter o direito de viver dignamente. Essa campanha tomou proporções nacionais e internacionais em encontros da América Latina e Caribe, chegando às telas da Rede Globo, na novela das 20h, no ano de 2010.

Com a propagação da campanha, fui percebendo que sua denúncia estava mais restrita às consequências, ou seja, à violência e morte das Juventudes e menos às suas causas. Percebi que a maioria das mortes tinha estreita relação com as drogas e tráfico.

Dois grandes eventos fizeram que eu começasse a pesquisar o tema do crack. O primeiro foi à observação do comportamento de pessoas diante do anúncio da violência e morte. Ali percebi que, na sequência ao susto, medo e revolta diante da violência e morte, vinha à aceitação e acomodação, se a notícia trazia o envolvimento daquele que foi assassinado com drogas. O segundo evento fazia parte do meu cotidiano. Trabalho no Plano Piloto e tenho que passar pela rodoviária interurbana todos os dias. Na rodoviária via muitos jovens usuários de crack e outras drogas. Perto dali está o local onde trabalho e em frente ao prédio existia uma cracolândia, por onde eu trafegava cotidianamente. Ver aquelas pessoas em tal situação, tão vulneráveis a tantas adversidades: frio, chuva, fome, violência que fez com que eu me reaproximasse das ruas e do tema.

Este trabalho aponta para diversas realidades juvenis que já tive experiência, porém este é um trabalho diferenciado que implica em transformar uma inspiração do tema desta pesquisa veio da situação limite que ameaça suas vidas em uma sistematização que vem de uma pesquisa científica.

3.3 - Aproximação ao campo

Como eu já disse o tema do uso de drogas e seus efeitos na vida das juventudes já era de meu interesse antes mesmo da pesquisa no Mestrado. Assim, minha aproximação do

² Pastorais da Juventude do Brasil (PJB): organização da juventude a nível pastoral na Igreja Católica.

campo da pesquisa começou mesmo antes da pesquisa acadêmica. No ano 2010, ano anterior ao início formal da pesquisa, eu já abordava jovens nas ruas do Plano Piloto, usuários de drogas pelos motivos relatados acima, procurando conhecer a trajetória de cada um.

As conversas giravam em torno do que os havia levado para situação de rua e ao uso de drogas, buscando uma possível correlação entre rua, drogas, família e sociedade. Com alguns jovens a conversa fluía e eles me revelavam a situação familiar de conflitos, com expulsão ou saída de casa, devido às constantes brigas. Em outros casos havia retraimento do jovem, que ficava quieto, não respondendo ou saindo rapidamente do local.

Estas abordagens eram feitas de maneira informal e, muitas vezes, a aproximação acontecia através da partilha de um lanche, almoço ou mesmo doação de roupa ou calçados para estabelecer vínculo e ganhar a confiança do jovem. Este trabalho não foi sistematizado, mas conta como experiência no exercício da escuta e comprometimento com a causa que é a vida do jovem.

No ano de 2011, com novo o governo distrital, a cracolândia em frente ao meu trabalho foi dispersada com a constante presença de policiais militares, impedindo assim meu contato com aqueles jovens. Na busca por entidades nas quais eles possivelmente estivessem abrigados, encontrei a Organização Não Governamental (ONG), descrita a seguir, na qual fizemos a aproximação de campo.

Após aprovação do conselho de ética, com as devidas orientações que implicavam alterações no procedimento dos estudos, iniciamos a pesquisa na ONG com jovens usuários de crack. Os facilitadores que participaram deste processo de aproximação foram dois estagiários, um homem e uma mulher. Devido à exigência da instituição para que não houvesse gravações das entrevistas, os estagiários faziam anotações e interagiam com o pesquisador nas observações feitas ao final de cada entrevista, sobre os procedimentos utilizados e ao contexto do relatado pelos jovens.

3.4 - Contexto da pesquisa

No contexto da pesquisa conheceremos melhor a instituição onde foram feitos os estudos, sua estrutura, quadro de funcionários e o processo estabelecido na aproximação deste campo. Vale ressaltar que minha experiência nesta instituição ocorreu da seguinte maneira: vinte dias com trabalhos grupais, três meses com as entrevistas individuais e um ano de acompanhamento via visitas e diálogo, tanto com os jovens que participaram da pesquisa, quanto com a equipe que se encontrava na instituição.

3.4.1 - A instituição

A instituição onde a pesquisa foi feita surgiu do trabalho de um pequeno grupo que, após alguns meses de experiência de acompanhamento de jovens e crianças, na rodoviária, formaram uma ONG para ampliar suas ações nas ruas da Capital Federal, especialmente na rodoviária de transporte urbano, localizada no centro da cidade. A equipe acompanhava os jovens em situação de rua, encaminhando para as instituições responsáveis por acolher aqueles que queriam sair das ruas e buscando dar suporte àqueles que continuavam na rodoviária, mas sempre tendo em vista a dignidade de cada um.

Depois de um ano de trabalho, essa ONG conseguiu uma sala em um complexo de prédios comerciais, na região, para abrigar e alimentar esses jovens e crianças. Contudo, segundo a fundadora do movimento, os lojistas e demais frequentadores do complexo começaram a se incomodar com a presença desses sujeitos e de seus educadores, abrindo um processo jurídico para retirá-los do local. Diante desse quadro os educadores buscaram auxílio do governo distrital, com poucos resultados em um primeiro momento.

Com as dificuldades de local para realizar suas ações e diante de novas demandas, como busca de autossustentação e ajuda financeira para o público assistido, o grupo (ONG) foi mudando a forma de acompanhamento, passando do trabalho nas ruas para o encaminhamento dos jovens ao mundo do trabalho, investindo na reciclagem e outros trabalhos alternativos, para os jovens já acompanhados. Contudo, houve certo afastamento do público jovem que continuava nas ruas, especialmente na rodoviária. Segundo a coordenadora da instituição, os próprios jovens cobraram o retorno do trabalho feito inicialmente, ou seja, acompanhamento dos jovens em situação de rua.

Retomado, essa modalidade de trabalho e, com nova administração distrital, a entidade conseguiu formar parceria com o Governo do Distrito Federal (GDF) através da disponibilização de funcionários e local para funcionamento da entidade. Foi cedido um espaço onde funcionava uma garagem de ônibus, com o rearranjo do espaço, para ser local de passagem dos jovens que desejassem sair das ruas e ter acompanhamento.

Atualmente, essa instituição é responsável por duas casas onde recebem os jovens em situação de rua. Uma é a casa de passagem localizada no centro da capital, onde foram feitas as entrevistas desta pesquisa e a outra é uma chácara localizada em um município próximo ao Plano Piloto, para desintoxicação e recuperação dos jovens usuários de drogas.

3.4.2 - Estrutura da casa de passagem

A casa de passagem, localizada ao lado do autódromo, no Plano Piloto, mantém uma infraestrutura básica para o trabalho: refeitório, cozinha (o alimento não é preparado no local, pois este chega pronto via terceirização), depósito onde é armazenada parte da alimentação para os lanches, lavanderia onde cada um é responsável por lavar sua roupa, dois escritórios, um para recepção e outro para coordenação, três dormitórios, um para homens, outro para mulheres e um menor para as crianças, salão onde são possíveis atividades de lazer e banheiros.

As condições gerais do prédio são precárias, pois não é um local construído para esse fim, exigindo da equipe uma adaptação e adequação, nem sempre conseguidas. Os dormitórios são pequenos, separados por divisórias frágeis, com pouca privacidade, sendo compostos por alguns beliches, colchões velhos, cobertores gastos e alguns armários. As janelas e bancos do refeitório estão danificados, com sinais de depredação, provocados pelos próprios internos. Segundo a equipe, no período de chuva há bastante infiltração no local, sendo alguns espaços totalmente alagados. A limpeza do local é razoavelmente boa, feita por funcionários contratados, com ajuda de alguns usuários.

3.4.3 - O quadro dos educadores da casa de passagem

Sobre o quadro de educadores é necessário salientar que houve mudanças, a partir do momento em que foi feita parceria com o governo. A casa de passagem foi totalmente assumida por funcionários do GDF, enquanto a instituição mantida na chácara tinha coordenação compartilhada com o governo distrital. No período em que era uma ONG, as lideranças eram constituídas de duas formas: jovens do grupo de dependentes, escolhidos pelas coordenadoras e jovens que manifestavam o desejo de contribuir com a instituição e que assumiam o papel de educadores. Atualmente, os educadores são constituídos por três grupos distintos: os dois primeiros são compostos pela coordenação e educadores, que formam o quadro de funcionários mantidos pelo governo distrital (GDF). O terceiro grupo é de jovens internos, que apresentam condições de recuperação suficientes para se tornarem responsáveis pelo grupo.

Nos dois primeiros casos os funcionários foram contratados e pagos pelo governo, através da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Transferência de Renda (SEDEST). O esquema de trabalho na instituição funcionava em regime de escala, doze por trinta e seis. Nas visitas à instituição, foi observado que nem todo funcionário tinha perfil para o trabalho com os jovens naquela entidade ou não gostavam do tipo de trabalho que exerciam

na instituição, mas atendia à função apenas por ser funcionário público. Algumas situações revelaram isso quando ouvimos desabafos de funcionários que se sentiam obrigados a trabalhar naquele local. Outra complicação diz respeito à forma de administração governamental, que reflete diretamente nos funcionários, provocando uma situação de inconstância que interfere na continuidade do trabalho, onde havia um grande rodízio de funcionários, ocasionando informações desencontradas e trabalho desarticulado. Era muito comum a troca de coordenação, sem que uma equipe passasse para outra o andamento dos projetos, recados e encaminhamentos feitos, no período de trabalho. Nosso grupo de pesquisa passou por momentos, em que os educadores que nos recebiam, já no meio da pesquisa, não sabiam quem éramos e o que estávamos fazendo ali por não terem sido informados pela equipe anterior, isso com informações prévias e em comum acordo com a coordenação. Contudo também havia funcionários contratados que respondiam com responsabilidade à sua função e uma funcionária contratada que mostrava ter aptidão para aquele trabalho, através da presteza com que atendia os meninos e meninas na instituição.

No terceiro grupo de funcionários que são os que passaram de assistidos pelo projeto para educadores, encontramos um único monitor que nos narrou estar na instituição desde os primeiros anos de sua existência, quando ainda era uma ONG. Foi possível notar que, diante da nova dinâmica da coordenação indicada pelo governo, havia uma tendência de não mais haver monitores do próprio grupo de jovens assistidos pela instituição, visto que a diminuição deste quadro já era visível. As motivações para esta mudança no perfil dos educadores não foi explicitada, mas foi possível perceber que não havia incentivo da coordenação no sentido de despertar e incentivar os jovens assistidos para a função de monitor/educador.

A mudança quanto ao quadro de educadores foi atribuída à forma como a coordenação estabelecida, depois da parceria entre a ONG e o governo, tinha na condução da instituição e a rotatividade no quadro de funcionários. Ao mesmo tempo em que ampliou o atendimento criando um espaço fora para os jovens da instituição, provocando uma desarticulação na organização de quem os acompanhava, passando de uma eleição vocacional, de acordo com a identificação com o serviço, para um vínculo empregatício, onde não há escolhas, mas obrigações trabalhistas.

3.5 - Descrição dos jovens da pesquisa

Os jovens entrevistados pertenciam à categoria de jovens adultos, com idades entre 20 e 25 anos, que estavam na instituição descrita anteriormente. Cada jovem foi convidado,

individualmente, para participar de forma voluntária da pesquisa. Toda questão legal foi negociada com a instituição, bem como o pedido formal para início da pesquisa, a qual foi devidamente assinada pela coordenação da Instituição.

O critério utilizado para inclusão dos jovens na pesquisa foi que tivessem passado por situação de rua e que fossem usuários ou já tivessem feito uso do crack. A participação dos jovens se deu, em parte, através de algumas indicações da direção e educadores da instituição, e por outra parte, nós, pesquisadores, tivemos a liberdade de convidar alguns jovens, que se adequavam aos critérios da pesquisa.

Foram sete jovens adultos, os que participaram da pesquisa, sendo todos usuários de crack. Destes, cinco eram homens e duas mulheres. Cada jovem tinha uma história específica sobre o itinerário até chegar às ruas: seis tinham família, mas o contato variava entre encontros semanais a quase ausência total. Um jovem tinha sua história toda ligada ao contexto de rua, pois esteve nas ruas desde o nascimento, pois a mãe vivia em situação de rua desde a gravidez.

Foi assinado o termo de consentimento livre esclarecido, conforme anexo, para que pudessem participar das entrevistas, somente participaram os que aderiram à proposta apresentada.

3.6 - Procedimentos de levantamento das informações

Para compreensão sobre o levantamento das informações é importante compreendermos como se deu a aproximação do campo e os desafios encontrados.

3.6.1 – Aproximação do campo

Os procedimentos para nossa aproximação dos jovens foram feitos após o conhecimento prévio da instituição, buscando adequar tal aproximação às necessidades apontadas pela coordenação, visando sempre os jovens usuários de crack, em situação de rua. O levantamento de informações sobre o perfil de cada jovem se deu após uma aproximação do campo. Primeiro foram feitas três visitas à instituição para conhecer o local e estabelecer vínculos com os educadores, funcionários e jovens. Todas as visitas foram previamente agendadas com a coordenação.

Nessas visitas, apresentamos nossa proposta da pesquisa e o desejo de aproximação com os jovens, porém de forma comprometida, tanto com os jovens quanto com a instituição que nos acolhia. A coordenadora, na época falou sobre as necessidades que percebia, propondo

trabalhos com grupos para atingir um número maior de jovens.

Após essa primeira etapa, avaliamos o processo que estávamos fazendo e como seria feita a pesquisa. Valorizamos os pareceres e solicitações da coordenação da casa de passagem, ao mesmo tempo em que apresentamos as necessidades que faziam parte da pesquisa. Cada visita foi discutida em reuniões com a devida supervisão da orientadora e com a presença dos entrevistadores, apontando caminhos possíveis para o itinerário construído processualmente.

Mesmo valorizando as necessidades da casa de passagem, propomos negociações para adequarmos às duas propostas. Nossa proposta enquanto equipe foi para iniciarmos com as entrevistas individuais; porém, foi feito o pedido pela coordenadora da instituição que começássemos montando um grupo com a justificativa de que conheceríamos mais realidades e atenderíamos um número maior de jovens, contribuindo assim com as necessidades institucionais. Acatado o pedido, montamos uma proposta de trabalho para o grupo, com duração de cinco encontros, numa proposta de grupo socioterapêutico (PENSO; RAMOS; GUSMÃO, 2003). Percebemos que não seria interessante definir todas as temáticas dos cinco encontros, para que a realidade do primeiro momento, com a ajuda das supervisões, fosse definindo os possíveis temas dos encontros seguintes.

Foram feitos dois encontros grupais, o primeiro com oito jovens, o segundo com cinco. No terceiro, como somente foram três jovens, fizemos uma revisão da metodologia. Esses encontros possibilitaram a mútua partilha e conhecimento dos participantes, através das apresentações. Nos encontros houve diversas manifestações dos jovens: alguns se dedicaram e se envolveram nas dinâmicas interligadas nos encontros, outros não conseguiram se envolver no trabalho, brincando durante as atividades e havia até os que falavam ou escutavam músicas em celulares.

Essa primeira proposta não teve continuidade, tanto pela diminuição do número dos jovens devido às transferências de alguns para outras instituições, evasão de outros e retorno às famílias de dois deles. Estes problemas foram compreendidos, pois a pesquisa estava acontecendo em uma instituição que era uma casa de passagem, onde os jovens em geral, ficam pouco tempo. Contudo nos deparamos com outros desafios não esperados e que já mencionamos acima em razão da inconstância do quadro de funcionários, e da coordenação; esquema de escala que dificultava os vínculos e a falta de parcerias e redes para encaminhamento dos jovens.

A seguir relato brevemente os dois encontros. No primeiro, foi decidido que o importante era estabelecer vínculo de confiança com os jovens. Esse encontro teve um aquecimento inicial, onde foi feita uma apresentação individual, através de desenhos que eram

confeccionados nos crachás por cada um. Após conversar sobre os desenhos, muitos retratando folha de maconha e armas, fizemos uma avaliação e vimos o significado do encontro para cada um. No segundo encontro, estavam somente cinco dos oito participantes do primeiro encontro. Retomamos o sentido do encontro e a apresentação feita, mostrando os crachás e o significado dos desenhos. Propomos a criação de regras para participar dos encontros, com participação de todos. Os jovens iam dizendo como deveriam ser essas regras, enquanto alguém da equipe anotava em um cartaz. O sentido de cada norma, estabelecida pelo grupo, foi refletido e ao final foi estabelecido um contrato para assegurar sigilo, utilizando um cartaz com o conteúdo sobre as regras, finalizando o segundo encontro.

No terceiro encontro estavam somente dois jovens do grupo inicial. Esta evasão se deveu à instabilidade institucional, já explicada acima, por ser casa de passagem e, em alguns casos, podem ser justificadas devido às transferências. No caso concreto desta pesquisa, três jovens foram para a chácara de recuperação, que estabelece vínculo com a casa de passagem e é localizada em uma região administrativa próxima; dois haviam voltado para a cidade de origem e um retornara para as ruas. Conversamos com os dois jovens que restaram daquela experiência grupal sobre a situação de cada um, sem um tema específico. As perguntas foram: como tinham passado a semana e como estavam se sentindo. Ao final, falamos sobre a proposta de entrevistas individuais a partir do encontro seguinte e perguntamos se haveria interesse dos dois. Ao responderem positivamente, nós os dispensamos naquele dia e marcamos o próximo encontro. Diante desta configuração, resolvemos suprimir o trabalho com grupo e partimos para as entrevistas individuais.

3.6.2 – Trabalhos desenvolvidos com os jovens: As entrevistas individuais

As duas primeiras entrevistas individuais foram marcadas para a semana seguinte, ao término do trabalho de grupo³. As outras cinco tiveram sequência ao longo do mês, ocorrendo uma ou duas entrevistas por semana. Os primeiros jovens procurados para entrevistas individuais foram os dois que participaram do trabalho anterior em grupo. Com esses dois jovens, conversamos sobre a proposta da entrevista, explicando a impossibilidade de dar continuidade ao grupo, do qual estavam participando, devido à inconstância dos jovens na instituição. Foi explicado que as entrevistas seriam uma nova maneira de dar continuidade às

³ Trabalho de grupo: proposta inicial da pesquisa na instituição que não foi concluída devido a evasão dos jovens e a mudanças no funcionamento institucional.

reflexões iniciadas no grupo, havendo um aprofundamento da história de vida pessoal de cada um.

Uma vez aceita a proposta por parte dos dois jovens iniciamos uma conversa informal, com cada um, explicando como seriam as entrevistas. Mostramos as perguntas que constavam no roteiro da entrevista, nos certificando se os mesmos concordavam em falar sobre aqueles assuntos. Em seguida, comentamos sobre nossa responsabilidade e compromisso diante do que fosse partilhado por cada um dos entrevistados. Dissemos ainda que haveria um retorno das reflexões feitas, no sentido de saberem o que percebemos da história a nós confiada, possíveis pontuações que poderíamos fazer com desejo de contribuir com cada entrevista feita.

Além desses dois jovens remanescentes do grupo, buscamos outros jovens para serem entrevistados na instituição. Pedimos indicação de nomes para a coordenação, considerando os critérios já expressos no objetivo deste trabalho. Foram-nos indicados três jovens, sendo um rapaz e duas moças. Os mesmos nos foram apresentados, porém na primeira entrevista percebemos que as duas meninas não eram usuárias de crack, não respondendo ao objetivo do trabalho. O jovem indicado estava dentro do quadro desejado. Após a primeira entrevista, porém, foi transferido da casa de passagem para a casa de recuperação, em outra região administrativa. Assim, eram cinco jovens participantes da etapa das entrevistas, sendo duas mulheres e três homens, porém somente dois continuavam na instituição. Saímos em busca de mais jovens, perguntando aleatoriamente sobre a história de vida de cada um, em visita à instituição. Encontramos mais dois jovens que atendiam ao propósito da pesquisa. Agora tínhamos sete jovens no contexto da entrevista, sendo que quatro jovens atendiam aos critérios e estavam na casa de passagem.

Destes quatro jovens que estavam na pesquisa, conseguimos fazer uma segunda entrevista somente com mais dois, três entrevistas com o terceiro, sendo que o quarto jovem saiu da instituição, retornando para casa da família. Assim ficamos com a possibilidade de aprofundar a história de vida de somente três jovens, ampliando as questões já discutidas na primeira entrevista ou abrindo novas questões de acordo com as reflexões feitas na supervisão. Entre as visitas à instituição e entrevistas aos jovens, ficamos três meses com a pesquisa direta no campo.

Durante a entrevista tínhamos o seguinte procedimento: eu, enquanto pesquisador fazia as perguntas ao jovem e os dois estagiários anotavam as respostas. Cada entrevista teve, em média, duração de uma hora e meia a duas horas. Vejamos a participação de cada:

O primeiro entrevistado foi Keny⁴, que já fazia parte do trabalho anterior (grupo). Este com atenção se colocou em prontidão e respondia a todas as perguntas sem grande dificuldade, expressando-se muito bem. Com Keny fizemos três entrevistas, sendo as duas últimas para ampliação da primeira. O que chamou atenção foi sua dedicação no curso profissionalizante que fazia no SESI, ocasionando, inclusive, atraso no início das entrevistas, devido ao transporte coletivo que tinha que pegar do curso para a instituição. Após as três entrevistas o relato da história de vida foi digitado e entregue ao Keny, como devolutiva, sendo apreciada e sofrendo as alterações que o mesmo quis pontuar.

O segundo foi Laércio que tinha um comportamento bastante diferente dos dois anteriores. Segundo Laércio, o crack era uma droga que não mais usava, porém, às vezes, fazia uso de bebidas alcoólicas e, esta era a droga que, segundo ele, o deixava “louco”. Com Laércio foram feitas duas entrevistas. Na primeira, ficou marcante o apego pelo filho e pela esposa; motivo que o levou a busca de tratamento naquela casa de passagem. Na segunda, prevaleceu o desejo de voltar para a esposa e a raiva da instituição pela demora em encaminhá-lo para tratamento, pois estava ali a espera de uma vaga na casa de recuperação. Com Laércio a devolutiva foi somente verbal, ao final da segunda entrevista, pois foi transferido antes da digitação dos relatos. Na devolutiva procuramos encorajá-lo para atingir seus objetivos de deixar o uso do álcool e voltar para a esposa e o filho.

O terceiro foi Felipe, jovem sorridente e bastante disponível. Com Felipe também tivemos três entrevistas. Mostrou-se uma pessoa dócil e bastante acessível. O que marcou no contato com esse jovem foi sua angústia em querer parar de fumar crack, o que era visto como fraqueza por ele mesmo, diante das constantes recaídas. Com ele também foi feita devolutiva escrita; porém, devido à dificuldade de leitura pessoal, foi lida sua história de vida e pedida sua apreciação. Houve agradecimento, por parte do jovem, pelo fiel relato e incentivo da equipe de pesquisa para deixar o uso do crack e investir em seu projeto de vida.

Como havíamos combinado, no começo da pesquisa, de que ao final das entrevistas sairíamos para comer pizza e comemorar o aniversário de Keny, assim fizemos. Porém, sem a presença do Laércio que já havia saído da instituição e do Keny que viajara naqueles dias, para atender à programação da instituição, restando somente o Felipe e dois membros da equipe de pesquisa.

Sobre as outras cinco entrevistas não irei relatar detalhes, visto que não responderam aos critérios que estabelecemos para esta pesquisa. Foi feita somente uma entrevista com cada

⁴ Keny é um nome fictício escolhido pelo próprio jovem.

jovem neste grupo. Constatamos, após os relatos, que dois jovens (L e P) não eram usuários de crack, uma das meninas (Q) brincava muito durante a entrevista e a outra jovem (M) saiu da instituição sem concluir o processo iniciado na primeira entrevista, ficando com sua história incompleta.

Além das anotações, foram confeccionados genogramas com os jovens que participaram das entrevistas: com Keny e Felipe foram obtidos mais dados sobre a família, já Laércio forneceu poucas informações. Os genogramas ajudaram na percepção do quadro familiar e nas relações estabelecidas. A segunda entrevista, feita com Laércio, não houve a confecção completa do genograma, devido à indisposição que o jovem mostrou em falar sobre sua família. Ele evitou comentar o assunto família de origem. Foram feitos desenhos como uma forma alternativa para que os jovens expressassem os sentimentos e avaliações do processo feito. O atendimento sistêmico ajudou a estabelecer uma relação de ajuda, entendida a partir das “relações igualitárias, fraternas e amistosas”, onde se evita a indução e o direcionamento na entrevista (PRETTE; PRETTE, 2004, p. 27).

Genograma, desenhos e outros materiais foram recursos utilizados e podem ajudar no estímulo e reflexão. Nessa pesquisa foram utilizadas folhas em branco para que os jovens pudessem se expressar através de escrita ou desenhos. Esse material ajudou na composição e criatividade e eles foram capazes de expressar situações pessoais, traços da história de vida, difíceis de serem verbalizadas.

Foram utilizadas ainda folhas e cadernos para anotações dos relatos no momento das entrevistas, bem como canetas e pinceis, entregues aos participantes para que pudessem escrever ou desenhar, no final de cada entrevista, sua conclusão sobre a proposta apresentada pelos entrevistadores.

É preciso salientar que, mesmo estando concluídas as entrevistas, o contato com a Instituição permanece aberto, implicando em um compromisso nosso com cada jovem entrevistado.

4.6.3 - Quadro mostrando os contatos e processo de levantamento das informações

O quadro a seguir apresenta a contextualização de cada entrevista feita com a quantidade, local e amplitude das mesmas.

Nomes/iniciais	Situação no grupo inicial	Entrevistas	Entrevistas
Keny	Participou	1ª entrevista (novembro) - Feita entrevista completa (segundo roteiro, anexo)	2ª e 3ª entrevistas (dezembro) - Entrevista retomada: lida primeira redação, perguntado ao jovem seu parecer sobre a mesma; - Ampliação de alguns temas da entrevista;
Felipe	Participou	Feita entrevista completa (segundo roteiro, anexo)	2ª e 3ª entrevistas (dezembro) - Entrevista retomada: lida primeira redação, foi perguntado ao jovem seu parecer sobre a mesma; - Reflexões sobre as recaídas constantes ao uso do crack;
Laércio	Foi convidado somente para as entrevistas, participando de dois momentos.	Feita entrevista completa (segundo roteiro, anexo)	2ª entrevista - Entrevista retomada: lida primeira redação, foi perguntado ao jovem seu parecer sobre a mesma;
L		Feita somente uma entrevista (segundo roteiro, anexo)	...
P		Feita somente uma entrevista (segundo roteiro, anexo)	...
Q		Feita somente uma entrevista (segundo roteiro, anexo)	...
M		Feita somente uma entrevista (segundo roteiro, anexo)	...

3.6.4 - Instrumentos utilizados

Na perspectiva da epistemologia qualitativa o vínculo pesquisador e sujeito é um elemento essencial no processo de construção das zonas de sentido. Mas, é importante a utilização de instrumentos, como fontes para investigação científica, capazes de produção de ideias, de conhecimento dentro de um processo gerador no campo (GONZÁLEZ REY, 1999).

O instrumento é definido, como toda situação ou recurso, que permite ao outro expressar-se no contexto de relação que caracteriza a pesquisa e como ferramenta interativa, não para gerar resultados objetivamente, mas para ajudar no processo de reflexão do estudo proposto. Mas é importante ressaltar que mesmo sendo muito significativo para a pesquisa, é importante cuidar para que não ocorra o instrumentalismo como coisificação do instrumento, pois poderia ferir a legitimidade da informação que venha a ser produzida pelo instrumento, (GONZÁLEZ REY, 2005).

Dentro dos diferentes tipos de instrumentos, a entrevista semiestruturada representa a possibilidade de posicionar o sujeito de forma rápida e simples, sendo capaz de produzir sentidos subjetivos em suas diversas expressões. É um instrumento interessante para estudar representações conscientes do sujeito e para conhecer aspectos que ele/a possa descrever diretamente, (GONZÁLEZ REY, 2005). Mas este autor alerta que embora tendo grande utilidade, a entrevista e mesmo outros instrumentos, não devem ser via de resultados, mas sim de informação (González Rey, 2005).

A forma como as entrevistas foram conduzidas, numa relação de respeito ao outro e de uma escrita clínica, proporcionou uma conversação geradora de confiabilidade, ajudando a conhecer a trajetória de vida dos jovens entrevistados, pois, além de facilitarem a expressão de cada participante da pesquisa, as perguntas deram espaço à expressão individual de cada um (BARUS-MICHEL, 2006).

Outro instrumento utilizado foi o genograma de cada participante, articulando a representação gráfica com a história contada. O genograma é um instrumento que auxilia na compreensão do quadro familiar, possibilitando a avaliação e o diagnóstico da visão familiar que o entrevistado oferece. É tido, pelos terapeutas de família, como um método eficiente para obter informações sobre a família e perceber os laços transgeracionais e intergeracionais, as repetições, os mitos familiares e os aspectos familiares que são transmitidos através do tempo (PENSO, 2003; CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Foram utilizados desenhos com diferentes propósitos. No caso de um dos jovens que teve dificuldade para relatar sua história de vida o desenho expressou o que foi dito verbalmente, confirmando com desenho básico o pouco desejo de relato. No caso de outro

jovem que manifestou talento artístico, o desenho ampliou o contexto familiar por ele explicitado.

Utilizamos ainda o diário de campo, como instrumento, para percebermos a realidade onde se realizava a pesquisa. Este instrumento ajudou a captar a forma e os momentos da pesquisa, que aconteciam nas relações entre os funcionários da instituição e a equipe da pesquisa, bem como dos funcionários para com os jovens e o clima institucional como um todo. Segundo González Rey (2005), grandes acontecimentos são definidos no interior do campo, pois é o processo feito no campo que rompe com um possível controle do esquema estabelecido *a priori*. Nesta perspectiva, as decisões são constantemente revistas, enriquecendo o modelo teórico em desenvolvimento como aconteceu nesta pesquisa, que precisou adaptar a sua aproximação do campo à realidade encontrada.

3.7 - Procedimentos de análise das informações

O material de análise utilizou as entrevistas e demais dados coletados na pesquisa, estudando-os a partir do referencial teórico da teoria sistêmica e da psicossociologia, buscando uma compreensão da história de vida do usuário de crack.

O procedimento de análise foi feito com base na metodologia de Gonzalez Rey, articulando a história de vida pessoal com o contexto familiar e social de cada sujeito, bem como valorizando a interação do pesquisador, que proporciona o protagonismo dos jovens participantes da pesquisa, (GONZÁLEZ REY, 2005). Foram levantados indicadores a partir da leitura do material, relacionando-os com os objetivos da pesquisa.

A postura de aproximação do campo de pesquisa e do levantamento de indicadores favoreceu a construção das Zonas de Sentido que permitiu perceber, através do material levantado nas entrevistas (genogramas, desenhos e diário de campo), aspectos ligados a suas famílias e ao contexto social. A aproximação com os jovens em situação de rua, a escuta da sua história de vida, possibilitou novas reflexões, inaugurando zonas de sentido, que se desenvolvem diante dos desafios no confronto do modelo teórico utilizado, frente ao momento empírico, no caminhar da linha de pesquisa (GONZÁLEZ REY, 2005).

O método ajudou na articulação dos instrumentos utilizados com a interpretação realizada através das Zonas de Sentido. Esta articulação ajudou na discussão e compreensão da trajetória da história de vida dos participantes.

4 – RESULTADOS

Nos resultados são narradas de forma detalhada e organizada a história de vida dos jovens Keny, Laércio e Felipe. A construção do texto foi de acordo com a narrativa de cada jovem.

4.1 – Jovem Keny (nome fictício escolhido pelo próprio jovem).

4.1.2 - Descrição do sujeito:

Keny, vinte anos de idade, nasceu em Goiânia. Seus pais tiveram dois filhos: Tânia, que hoje “*deve ter*” vinte e um anos, por ser mais velha, um ano, que Keny. De acordo com os relatos de Keny, seus pais viveram pouco tempo juntos, pois brigavam muito devido às bebedeiras e uso de drogas do pai. A única lembrança que tem dos pais é de brigas e violência, neste período: “*acho que ficou na minha cabeça, porque aconteceu várias vezes*”. Estas imagens fazem parte das suas lembranças com dois anos de idade. Com três anos de idade os pais se separaram e o pai o trouxe para morar com a tia paterna em Brasília. Keny disse que, naquele momento, teve a sensação de que o pai não voltaria mais para buscá-lo: “*Eu sabia que ele não ia voltar mais. Percebi que ele não queria, mas tinha que ir por causa da polícia*”.

Relata que nunca mais viu a mãe desde aquele dia em que o pai o tirou de casa. O pai teve outros filhos “*mais ou menos uns onze*”. A caçula, de sete anos é a única com quem Keny mantém vínculo. Keny mostra um afeto especial por esta irmã, ao se referir a ela usa a seguinte frase: “*minha princesa*”. Este é o único sentimento positivo que aparece sobre a figura feminina nos relatos de Keny. Em relação à mãe, figura desconhecida; em relação a tia, onde cresceu, marcado pelo rigor e em relação às namoradas, desconfiança e ausência de sentimentos amorosos, somente atração física.

Começou estudar aos seis anos. Disse que era “*agitado e briguento*” no colégio. A lembrança que o marcou nesta idade foi a morte dos Mamonas Assassinas⁵, pois era um grupo muito animado e “*estava nas paradas*”. Com oito anos mostrava-se mais impulsivo no colégio, mas buscava compensar com dedicação aos estudos: “*sempre fui agitado, estudava muito pra não apanhar da tia, pois aprontava, tacava pedra nas janelas...*”; “*Com nove anos já tava começando ficar rebelde, porque a tia batia muito*”.

⁵ Mamonas Assassinas: banda musica sulista que morreu em acidente aéreo.

Nos encontros com o pesquisador e estagiários, sua aparência era bem cuidada. Mesmo com entrevistas à noite, após um dia de curso, Keny estava arrumado, com roupas limpas. Durante as entrevistas mostra-se centrado nas questões e convicto em atingir seus objetivos. Perguntado sobre a autopercepção, respondeu: *“Acho que não sou tão assim fora da margem assim. Sou agitado, tranquilo, não gosto de ser aborrecido”*.

4.1.2 - Descrição do uso de drogas e da vivência de situação de rua

Aos nove anos, diante dos conflitos com a tia, é levado pelo pai para o interior do estado do Tocantins. Novamente é retirado da convivência com a figura feminina, primeiro foi retirado da mãe, aos três anos, agora é separado da tia. Foi nesta cidade que teve seu primeiro contato com as drogas: *“vi coisas novas, vi a droga”*. O pai era traficante e consumidor de drogas, porém proibia o filho de consumir e aos traficantes de lhe dar drogas. Seu primeiro contato foi com o cigarro, mesmo tendo contato com o mundo do tráfico, ainda não usava: *“no começo eu via, mas não mexia, mas de tanto a gente vê a gente começa a se interessar”*.

Por ser traficante, o pai viajava muito, e na ausência do chefe (pai) os traficantes ofereciam drogas para que Keny experimentasse. Aos onze anos mudou-se com o pai para outra cidade e com a mudança o movimento do tráfico ficou mais intenso. Foi este o período em que iniciou seu interesse por mulheres e intensificou o uso da maconha. Em um ano já tinha experimentado todas as drogas que o pai traficava: *“com doze anos veio tudo, ele (o pai), me dava dinheiro e comecei a usar tudo: crack, pó, maconha e merla”*.

Em sua fala sobre o uso de crack e os motivos para seu consumo, Keny fala motivações: *“fumava para aquecer, matar a fome e porque eu gostava”*. Perguntado sobre os efeitos do crack, revelou o quanto atrativa é esta droga: *“a sensação do crack é diferente, dá prazer, por isso é que falam nunca fume, pois quando começa não dá pra parar, são todos os prazeres resumidos num só”*.

Neste período a polícia descobriu que seu pai traficava e o prendeu no estado do Tocantins, Keny retorna para Brasília, novamente para casa da tia: *“Foi meio embaçado, meio triste, o tempo fechou para o meu pai e eu voltei (Brasília)”*. Ao sair do Tocantins a adolescente ainda estava grávida. Keny soube da gravidez e do nascimento da criança depois que já estava em Brasília e nunca foi conhecer o filho.

Com catorze anos engravidou uma adolescente de treze anos durante uma festa: *“Eu estava numa balada, onde conheci a menina e na própria festa aconteceu e ela engravidou”*. Keny disse que foi o único contato com esta garota e que somente tomou conhecimento da

gravidez pelo pai quando já não mais estava naquela cidade. Segundo Keny o pai ligou bravo por saber que havia deixado uma menina grávida. Este acontecimento mostra mais uma relação complicada com o mundo feminino: há uma ausência de figura feminina que cuida na infância e agora, no início da adolescência as primeiras relações sexuais se dão sem envolvimento afetivo, sem gostar, sem compromisso.

Aos quinze anos já se envolvia em atos ilícitos, como roubos e furtos. Neste período, durante um assalto a um supermercado, recebeu um tiro próximo a coluna do guarda que vigiava o local. O ferimento o deixou na cadeira de rodas por alguns meses. O diagnóstico era de que não mais voltaria a andar: *“o médico falou que eu não ia andar mais”*. Por ordem judicial ficou em um abrigo e por isto pode fazer fisioterapia no SARA, onde se recuperou totalmente da lesão.

O fato de completar dezoito anos possibilitou a sua prisão em cadeias comuns: *“com dezoito anos fui preso novamente por roubo e com dezenove fui pra semiliberdade, saía pra estudar, estava namorando uma garota da escola”*.

Quando ganhou o privilégio de ir para o regime semiaberto, Keny encontrou uma garota com quem iniciou um namoro que não durou muito. Durante o namoro disse que ia bem, sem quebrar as regras do regime semiaberto, mas com o seu término rompeu com o regime semiaberto e foi morar na rua, voltando a usar drogas. Ficou, por três meses, nas ruas de Brasília, onde teve contato com a casa de passagem onde está até hoje: *“o pessoal do Projeto tava resgatando os meninos, daí eu vi eles, corri para não ser visto, mas me encontraram e acabei aceitando a proposta de sair da rua e vir pra cá”*.

4.1.3 - Descrição da situação familiar e social do jovem

A situação socioeconômica da família, apresentada foi de extrema precariedade. O pai ganhava dinheiro traficando, mas não se tem informações se ele ajudava a tia com as despesas do filho. Além desta omissão com relação aos cuidados com o filho, seu pai tinha outros filhos com diferentes mulheres sem morar com nenhuma delas, semelhante ao que aconteceu com a mãe de Keny. O pai não tinha contato com Keny e não proporcionou nenhum contato do filho com mãe. Além disso, a tia, única figura feminina presente na sua vida, tinha muito conflitos com Keny, em razão de seus comportamentos rebeldes e do pouco compromisso na escola, além das fugas para a rua.

Sobre a convivência com a tia, Keny recorda que ela era uma pessoa trabalhadora, que tinha de trabalhar para sobreviver. Em relação à educação era muito exigente, principalmente

com os estudos escolares, usando de violência física quando se recebia queixa da escola ou que o Keny era indisciplinado ou percebesse indisciplina.

Durante a entrevista Keny mostrou que sua relação com a família, especialmente a tia, fez com que gerasse um descrédito de todos a seu respeito e de seus propósitos: *“eles estão pensando numa coisa, que eu não sou capaz de mudar, só que eu quero surpreender bem mais”*. Contudo alimenta um desejo de mudança e tem mostrado indícios de perseverança, sendo e sua irmã mais nova uma motivação para esta mudança de vida: *“quero chegar lá, poder abraçar minha irmãzinha e dizer pra minha tia: aí tia to bem!”*.

4.1.4 - Descrição do uso de drogas e da vivência em situação de rua

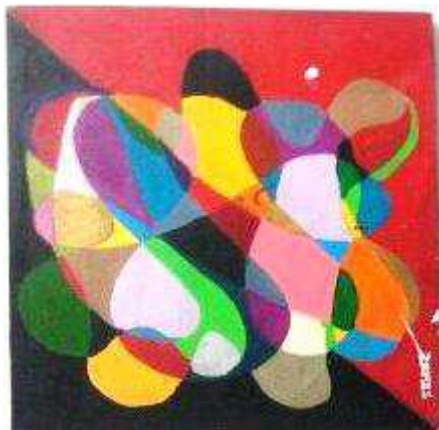
Junto a este contexto familiar, somou-se à situação das ruas, por onde viveu bons períodos, entre os catorze e dezenove anos de idade. Sobre este período, comentou: *“você se adapta nas ruas, por isso que o tratamento é difícil porque as pessoas gostam de morar na rua... porque é mais fácil, dinheiro fácil”*. Falou ainda do aspecto *“anti-horário”*, à noite fica acordado e de dia dormindo. Reconheceu os atrativos da rua e das drogas, mas alimentou uma nova perspectiva de vida fora deste ambiente.

Sua percepção sobre a sociedade revelou que é uma realidade distante *“a sociedade são eles lá, do outro lado da ponte, sei não, mas é tudo o que envolve o ser humano”*. Perguntado sobre o que seria este ‘do outro lado da ponte’, respondeu: *“quem tem dinheiro, condição, da classe média...”*. Diante desta percepção manifestou o seguinte parecer sobre a possibilidade que a sociedade tem para contribuir com quem é usuário de drogas e que vive em situação de rua: *“A sociedade ajuda quando dá oportunidade de sair fora da rua, através do amparo social”*. Perguntado sobre que tipo de amparo à sociedade pode oferecer a ele mostrou possibilidades que podem auxiliar na recuperação: *“pela psicologia, por cursos no Serviço Social da Indústria (SESI), através do programa social Vira Vida⁶”*. Porém também demonstrou que a sociedade pode deixar de ajudar quando faz o contrário, quando mostra negligência diante da situação: *“mas empurra (pro buraco), quando vira as costas e finge que não vê”*.

⁶ Vira Vida: Projetos sociais para profissionalização de jovens desenvolvidos pelo Serviço Social da Indústria (SESI), em várias cidades do País.

4.1.5 - Instituição

Ao ser levado para a Instituição, com dezenove anos, disse ter reconhecido que havia uma chance de se recuperar; pois, surgiu um desejo de construir um futuro diferente: *“eu sei que não quero isso pra mim, sei que tenho potencial para ser diferente”*. A instituição surgiu como uma oportunidade de fazer curso de artes, em seu caso de pintura em tela, profissionalizantes e outros. Sobre as oportunidades que eram oferecidas nesta instituição, Keny mostrou um quadro pintado por ele em uma oficina sobre artes. Este quadro ficava no refeitório da instituição:



(Quadro⁷ feito por Keny)

Falou empolgado sobre o trabalho realizado (pintura) e disse que estava estudando ensino médio e fazendo curso no SESI. Todas as tardes, em torno das 18h, quando chegava à Instituição, sentia necessidade de fumar maconha para *“tranquilizar”*. Perguntado sobre esta necessidade e os possíveis perigos de recaída para as ruas e o crack, disse que os danos da maconha são menores e que fumar ameniza a vontade de usar o crack: *“acho que cheguei num momento da minha vida que eu me perguntei, o que você quer da vida? Quer batalhar ou quer mofar na cadeia? Quero trabalhar como todo mundo, ter um carro uma família”*. Esta consciência do que quer e o amor a irmãzinha de sete anos parecem ser grandes motivações para a perseverança de Keny.

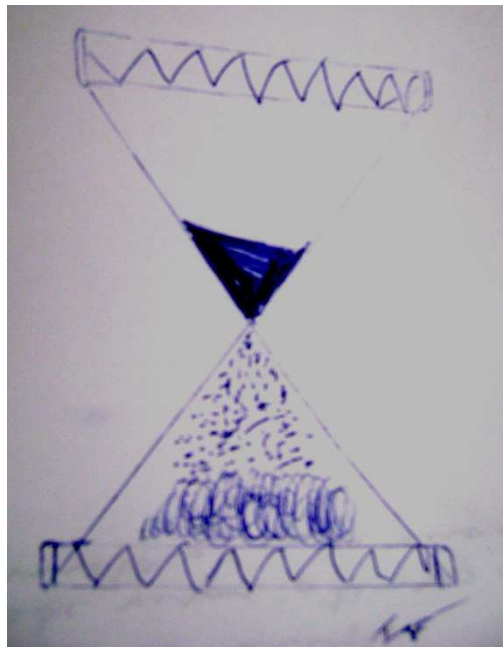
⁷ Quadro pintado em moldura simples, durante uma aula sobre artes, anterior às entrevistas feitas nesta pesquisa. Este quadro estava exposto na parede do refeitório comum.

4.1. 6 - Futuro

Aos dezoito anos, mesmo em meio às drogas e baladas já se dava conta de que não estava no caminho que o ajudaria a ter um futuro: “*Só decepção também com a vida. Eu tava levando tudo na brincadeira. Droga malandragem e cadeia*”.

Hoje se mantêm firme nos estudos, quer se formar, trabalhar e mostrar para família que consegue sair do mundo das drogas, das ruas e ser alguém diferente do que já foi.

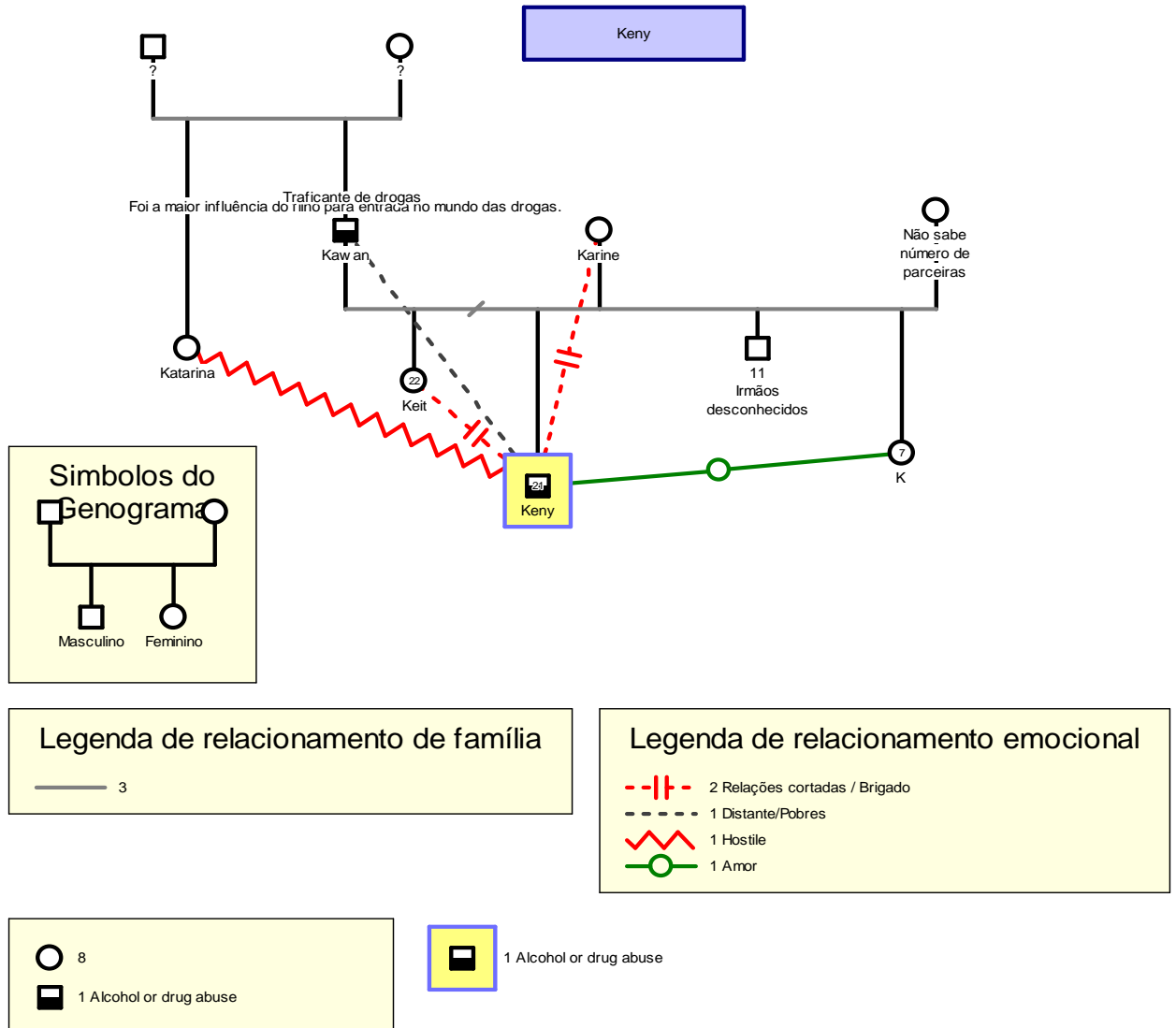
Ao final das entrevistas foi pedido para que Keny demonstrasse seus talentos artísticos novamente, desenhando algo que representasse o momento que está vivendo e sobre a vida e o futuro. Fez o seguinte desenho:



(Desenho confeccionado por Keny ao final das entrevistas: dezembro/2011)

Perguntado sobre o que o desenho significava, disse: “*Só o tempo vai dizer o que será de mim*”. Esta frase expressa que Keny ainda se sente refém da história e do tempo. Questionado sobre a determinação do tempo sobre sua vida, parou, refletiu e respondeu: “*Bom, eu que determino o tempo né?*”. Perguntado se com esta nova visão o sentido do desenho, do relógio do tempo mudava, disse: “*É uma meta e é o primeiro passo que eu to dando*”. Demonstrando mais segurança diante de um futuro que pode ser construído.

4.1.7 – Genograma do jovem Keny



4.2 - Jovem Laércio

4.2.1 - Descrição do sujeito

Laércio é um jovem de vinte e dois anos que nasceu no Piauí. Desconfia ter sido registrado com três ou quatro anos; pois, quando tinha doze anos era muito grande para a idade. Procurou voluntariamente à casa de passagem se tratar da dependência alcoólica. Mostrou-se introvertido inicialmente, mas quando falamos sobre o propósito da entrevista e da valorização do espaço da fala, mostrou-se necessitado de ser escutado: *“tô precisando desabafar”*.

Em seu ‘desabafo’ inicial falou de maneira emocionada do filho recém-nascido que tinha e da esposa que havia deixado. Disse que estava com muitas saudades, mas que tinha que se recuperar para voltar, pois a bebida alcoólica estava acabando com a relação do casal.

Sobre sua infância, a única lembrança que conseguiu resgatar na memória mais antiga foi de cenas em que apanhava da prima: *“Lembro coisa dos três anos, mas não lembro dos quatro. Lembro que minha prima me batia muito com chinela havaiana”*. Relata que sua prima ia com a mãe para casa dele, e tanto quando ia brincar ou cuidar a pedido da mãe, ela batia nele.

As lembranças da dimensão lúdica somente aparecem a partir dos seis anos: *“Lembro que brincava de skate, patins, carrinho de rolimã”*. Aos oito anos já estava inserido no mundo do trabalho informal, quando começou a vigiar carro, pois a mãe não tinha dinheiro, tendo que *se virar* para comprar roupas. Com esse trabalho veio o acesso às ruas e o contato com as drogas: *“depois sai de casa e comecei a ficar na rodoviária onde fumava e cheirava cola”*. Quanto indagado o que o motivou a sair de casa, disse: *“apanhava demais e queria ter minhas coisas”*.

4.2.2 - Descrição da situação familiar e social do jovem

Uma dificuldade de Laércio foi falar sobre sua família de origem. Sobre o pouco dito, descreveu a família a partir da mãe e dos três irmãos, sendo duas mulheres e um homem, com os quais morava antes de ir para as ruas. É o segundo mais velho dos irmãos. Perguntado sobre o pai, responde com a face mais séria: *“Meu pai não sei não, acho que ele tava no Piauí bebendo, fio da égua”*. Diz que os pais se separaram, mas que não sabe o motivo.

Sobre a situação econômico da família afirmava que *“não era muito boa, pois ela (mãe) trabalhava para colocar as coisas básicas dentro de casa”*. A mãe tinha um bar onde

vendia churrasquinho, mas a renda não dava para sustentar a casa. Diante da situação a mãe tentou montar um espaço para dança de forró, mas não deu certo.

Laércio mostrava pouco interesse em falar sobre sua família de origem nas duas entrevistas realizadas. Dizia que tinha seis meses que não via a mãe e que naquela ocasião (da entrevista) ela estava morando em uma ocupação de chácaras. Ficava sabendo notícias através do irmão que morava próximo a casa da mãe.

Chamou atenção Laércio ter começado a conversa falando do filho e da esposa, e não sobre ele mesmo, como foi perguntado, demonstrando saudade e amor pelos dois. Na segunda entrevista tinha uma expressão de tristeza e disse que os motivos não eram dores físicas, mas que tinha a ver com o conteúdo que falou na primeira entrevista (saudades da companheira e filho). Disse que sempre que começava a falar da companheira sente saudades e vontade de voltar para casa. Relatou que a conheceu em um projeto anterior, do Serviço Social da Indústria (SESI), que participava como jovem em situação de rua. Essa garota era irmã de uma das meninas que estava no projeto com ele e quando foi visitá-la, se conheceram e ele se apaixonou. Diz que até hoje seus sentimentos são muito fortes por ela: *“quando vejo ela, meu coração começa acelerar, como se fosse a primeira vez”*.

Passaram a namorar e foram morar juntos. Foram morar com a irmã da esposa e seu cunhado. Contudo a convivência não era boa, pois segundo Laércio, a irmã e o cunhado da namorada dele não os queriam juntos. Laércio atribuiu a busca pela bebida alcoólica a essas *‘contrariedades’*, junto com a bebida vieram às brigas: *“só que aí a cachaça veio para destruir tudo”*, reconhece a dificuldade diante das consequências do uso do álcool, mas em seguida assume para si a responsabilidade: *“a culpa não é da cachaça, é minha”*. Nesta formulação percebemos a dificuldade para o jovem discernir entre o que é responsabilidade individual diante da possibilidade do protagonismo pessoal e o que é consequência de fatores sociais e ausência de políticas públicas da saúde.

Neste período Laércio trabalhava em uma fábrica de lajes e ajudava nas despesas. Logo a companheira ficou grávida e após cinco meses do nascimento do filho em razão do uso do álcool e acometido pelo ciúmes, brigaram e Laércio agrediu a esposa e o filho. Comentou estes fatos com grande arrependimento e pediu para que a figura do filho ficasse próximo à sua figura no genograma: *“vou botar meu filho aqui. Que eu me identifique, parece comigo”*. Disse que tinha que se tratar para voltar para seu filho e para sua companheira: *“Porque amo ele. Amo demais!”*.

Apesar das brigas a companheira vinha visitá-lo e ele manifestava desejo de retomar a relação, porém ela dizia que Laércio deveria se tratar antes. Na segunda entrevista Laércio

relatou de forma feliz que havia saído com a companheira e o filho para irem ao cinema e que o filho ficou todo o fim de semana no projeto com ele.

Sobre o acesso aos estudos, Laércio disse que começou a estudar aos sete anos e que era um aluno aplicado: *“Eu era o melhor da sala na matéria de português”*. Mesmo com bom desempenho, frequentou a escola somente até a 4ª série: *“depois disso saí da escola de vez, comecei a me drogar e a morar na rua”*.

A trajetória de Laércio por instituições foi longa, tanto por detenção, quanto para *recuperação* (tratamento para uso abusivo de álcool). Na entrevista fazia questão de dizer que veio em busca de tratamento e que gostaria de ir logo para uma casa de *recuperação*. Também fez crítica a uma educadora da casa de passagem: *“quer manda na minha vida...”*. Complementou a reflexão se queixando da postura desta educadora: *“ela (ex-moradora de rua e educadora) fica fazendo insinuações de que meu filho não parece comigo. Ela só fica parasitando por ai e me grilando”*.

O contato com os estudos foram retomados quando esteve nas instituições por onde passou. Relatou com pesar sobre o curso feito através da instituição *Vira Vida*, pois ali recebia uma bolsa de R\$400,00, mas que não soube valorizar. Disse que seu primeiro pagamento foi totalmente gasto com droga, lamentou: *“Quando o dinheiro acaba e a droga acaba o cara pensa, pô porque não peguei o dinheiro para fazer outra coisa melhor... aí vem a depressão”*.

No período das entrevistas Laércio estava fazendo curso de serigrafia, mas era somente para ocupar o tempo: *“eu to indo pra fazer alguma coisa”*, enquanto estava esperando o encaminhamento para a clínica que estava demorando: *“o processo está parasitando”*.

4.2.3 - Descrição do uso de drogas e da vivência em situação de rua

O contato de Laércio com as ruas ocorreu bem cedo, mas de forma progressiva. Inicialmente fugia de casa e a mãe sempre o trazia de volta, mas chegou um momento em que ela não o encontrava mais. Nas ruas Laércio disse que já usou: *“tudo, menos heroína”*. Ao ser perguntado como era viver nas ruas, expressou em duas palavras: *“euforia, putaria...”*.

Aos doze anos começou a roubar e fazer uso de drogas mais pesadas. Com quinze anos já traficava e roubava. Relatou que o período dos doze aos dezesseis anos morou no programa de assistência social para crianças e adolescentes (SOS criança), mas ia pra entidade somente para dormir, pois podia ficar na rua até às 22h15m.

No período em que dormia nesta instituição, relata que eram constantes as brigas e violência: *“brigava, levava facada, dava facada, levava tiro, dava tiro”*. Comenta que no

mundo do crime é fácil conseguir armas: “*quem tá no tráfico consegue todo tipo de arma*”. Sobre as motivações para os furtos relatou: “*não tinha dinheiro para usar droga, tinha que roubar*”.

Recordou-se sobre um dos atos de violência que cometeu: “*estava com mais cinco garotos cheirando cola no mato, e avistamos um casal com bicicleta entrando no mato, seguimos, pegamos eles, batemos na moça e deixamos ela ir embora. Depois batemos em ambos com bambu, sendo primeiro no garoto e depois na menina. Depois a polícia pegou agente e bateu também*”. O relato deixou o questionamento para nós, pesquisador e estagiários, sobre um possível estupro, porém questionado sobre o evento, se foi ‘somente’ aquela descrição, Laércio não quis comentar.

Após este fato, Laércio foi encaminhado para Delegacia da Infância e Adolescência (DCA), depois Centro de Atendimento Juvenil Especializado (CAJE) e Centro de Internação (CESAM). Ficou sob medidas sócio educativas até os dezoito anos de idade. Já passou por várias experiências de ficar preso, na ultima vez ficou quarenta de cinco dias. Disse que ninguém ia visitá-lo na prisão e que preferia que a família não ficasse sabendo: “*ela (mãe) sofreu demais eu preferia não avisar*”.

Em relação ao período em que usou crack e seus atrativos, Laércio disse: “*Porque o crack vicia muito rápido e dá um prazer. Quanto mais a pessoa fuma mais ela quer ficar na paranóia*”. Porém reafirmou que hoje o único problema é a *cachaça*: “*Não podia beber, parece que entrava o satanás*”. Perguntado sobre o que o levou a ter a ultima recaída, Laércio atribuiu ao namoro, por ser muito ciumento “*Fico maluco se eu vê ela com outro cara. Esse mundo tá difícil de ter mulher fiel*”.

- O desenho abaixo foi confeccionado por Laércio em seu crachá. Figura que expressa o momento da entrevista em que este jovem se sentia pequeno diante do uso do álcool e da espera por tratamento.



(Desenho confeccionado por Laércio em novembro/2011)

Aos dezoito anos procurou ajuda para se recuperar. Ao ser perguntado o que levou a procurar ajuda, diz: “*Porque eu via que ia morrer. Já estava magricelo com a cara toda*

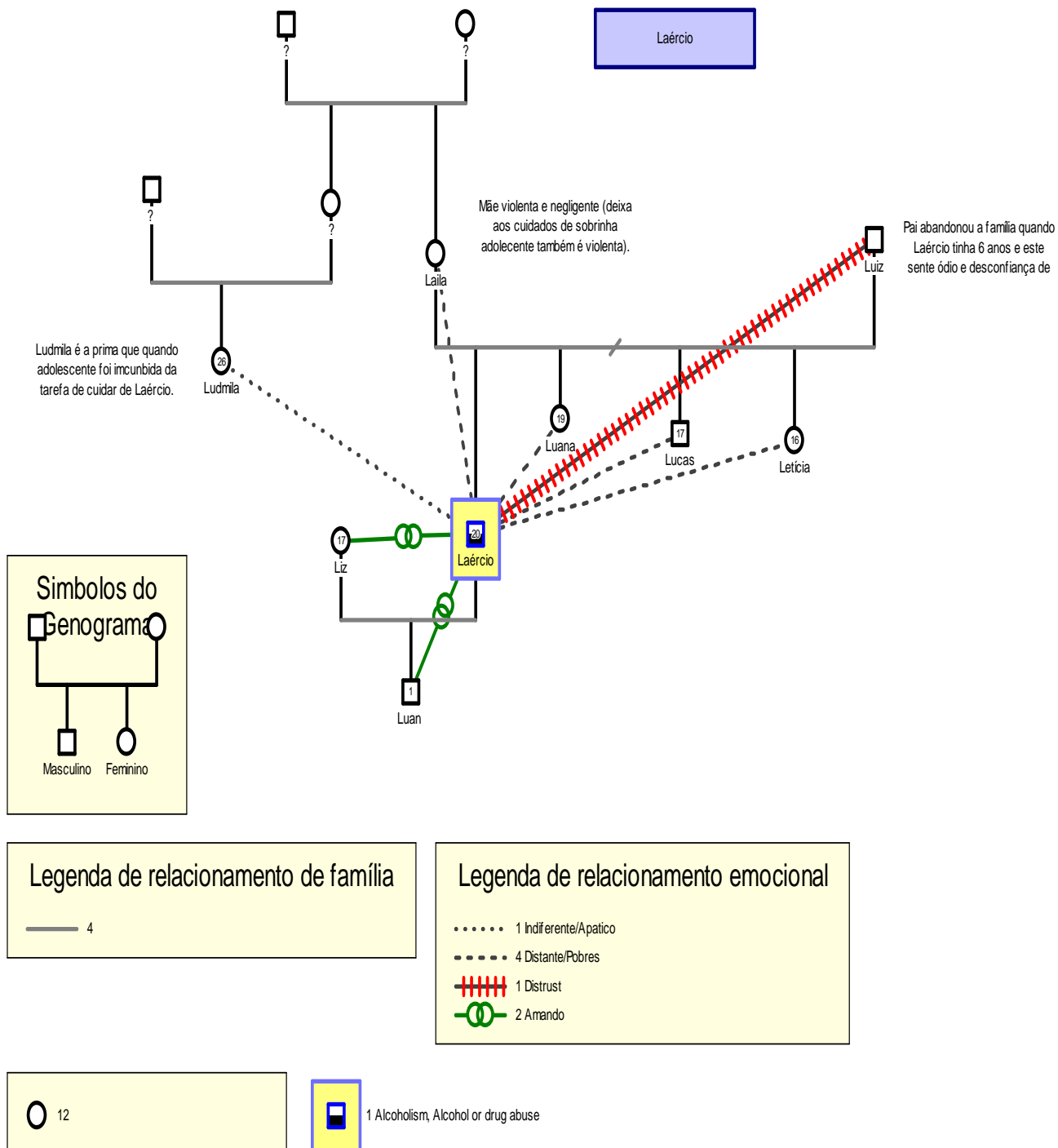
chupada”. Ficou internado na clínica por seis meses, onde parou de usar drogas ilícitas. Depois que saiu da internação ficou por oito meses sem beber, voltando a beber após este período de abstinência.

4.2.4 - Futuro

Ao ser perguntado sobre o que faria de diferente se pudesse voltar no tempo “*Queria terminar o curso, arrumar uma esposa dividir as coisas*”. Sobre projeto de vida Laércio afirma: “*Penso em voltar a estudar, trabalhar... tipo subir na vida, ajudar em casa*”. Disse que se fosse fazer algum curso seria de vigilante, ou gostaria de ser funcionário público.

Sobre suas experiências profissionais, disse: “*eu nunca trabalhei em emprego com carteira assinada. Meu primeiro serviço foi na fábrica de lajes*”. Relatou que gosta de educação física, “*penso em primeiro estudar, pra eu ver se dá para arrumas uns concursos*” “*fazer as coisas que todo mundo faz, pagar contas...*”.

4.2.5 – Genograma do jovem Laércio



4.3 - Jovem Felipe

4.3.1 - Descrição do sujeito

Felipe tem vinte e dois anos, nasceu em Planaltina – DF. É um jovem sorridente, mantendo bom humor em todos os encontros. Mostrou facilidade para falar sobre sua história, acentuando sua capacidade de ser querido pelas pessoas por onde passava. Nas entrevistas falou sobre o desejo de deixar o uso de drogas e ajudar a família, especialmente a mãe, porém reconheceu a sua fraqueza diante do crack, com constantes recaídas e retornos às ruas e uso da droga.

4.3.2 - Descrição da situação familiar e social do jovem

A história familiar e social de Felipe aponta para uma situação de exclusão e marginalização compreendida por ele próprio como única, como disse no início da primeira entrevista: *“Minha história de vida, eu acho que é a mais diferente aqui, porque minha mãe era moradora de rua”*. Diante de uma situação de rua, restava à esta família um pequeno barraco, construído com lonas e madeiras usadas, com fragilidade e insegurança. Com quatorze anos, quando morava com a mãe em uma cidade do entorno de Brasília, relata que um dia, estava sozinho, ouviu um barulho e viu que era assalto, pegou a faca *“só ameacei ele porque eu fiquei com medo”*.

Quanto à sua família Felipe reconhece como seus irmãos os três que moram com a sua mãe: *“tenho três irmãos, tinha mais, mas minha mãe deu”*. Perguntado sobre estes outros irmãos que foram ‘dados’ Felipe disse que a mãe os deu pequenos e que foram dois. Então ao todo sua mãe teve seis filhos.

Com sete anos sua mãe o deixou com a família (avó materna, tias...) em Planaltina devido às precárias condições de moradia. Tem mais ou menos quatro anos que a avó materna morreu *“era muito bom, até hoje eles gostam muito de mim”*. Relatou que às vezes conversa com os familiares por telefone e recentemente retomou o contato com a família, já com vinte e dois anos, recebeu visitas da mãe na instituição.

Perguntado sobre a presença do pai, Felipe disse: *“não fui criado com ele não: quando cresci minha mãe já era separada dele, por isso não tenho relacionamento com ele não”*. Acrescenta: *“não gosto dele. Já puxou cadeia, já matou gente. Não gosto de me encontrar com ele”*. Disse que uma vez estava com a avó, o pai passou e não o cumprimentou.

Felipe mostrou afetos positivos por duas figuras femininas, sua Avó e mãe e somente por um dos 3 companheiros que a mãe teve, revelando dificuldade com o pai e um padrasto.

“A minha mãe morava na rua, ai teve um marido que é o pai da minha irmã que é depois de mim (mais nova)”. Sobre este padrasto Felipe disse: “desse padrasto eu gostava dele pra caramba, mas ele já morreu”; “o outro morreu de cachaça, cirrose”. Perguntado sobre a morte do padrasto F. respondeu que “morreu eu era pequeno ainda... já tem bem.... na época ela (mãe) já tava grávida dele (padrasto)”. Comentando sobre o atual marido da mãe Felipe diz “depois juntou com esse cara da Bahia que é meu padrasto que ta com ela hoje e tem 2 filhos com ele”.

Felipe diz que não frequenta a casa da mãe: “tem mais de quatro anos que não vai à casa da minha família”. Perguntado sobre os motivos pelos quais não vai à casa da mãe, diz: “ia mais quando minha avó era mais viva. Depois que ela morreu não fui mais”. Refletindo sobre quem é sua família Felipe disse: “família são minhas tias, primos...”.

Com treze anos começou ir à escola, mas ao invés de ir pra aula ia pra rodoviária. Neste período Felipe morava com a avó. Assim que ela descobriu que Felipe não ia à escola a avó o mandou morar com a mãe e Felipe então parou de estudar.

Voltou a estudar já na instituição atual, onde a pesquisa foi realizada. Estudava curso profissionalizante no SESI e recebia R\$400,00, por mês. Em suas recaídas chegava a comprar todo dinheiro de crack para usar durante toda noite, ao ponto de chegar o dia seguinte sem nenhum dinheiro.

4.3.3 - Descrição do uso de drogas e da vivência de situação de rua

Felipe diz que foi criado nas ruas, na L2 norte “esse pessoal (moradores e lojistas) me considera até hoje” (por nunca ter roubado). Vigiava carro no pão de açúcar “eu comecei a me enturmar com os meninos de rua e mudou tudo: comecei a cheirar tiner, cola, fumar maconha e depois veio o crack”. Diz ter boas lembranças, de quando ganhava salgado, dinheiro, mas também ruins, de policiais que batiam “tem policiais que são folgados. Um tal de Dr. Peixe, leva a gente pro cerrado, joga da ponte, bate”.

Quando perguntado o uso de drogas Felipe reconhece: “tem hora que vem a vontade de usar e quando ela vem é difícil segurar”. Quanto ao uso do crack, relata: “é só ilusão, ela só bate a abstinência de querer mais”. “Você passa dia sem dormir, sem comer”. “Eu ficava até com medo do coração parar”. “Eu acho que sem o crack era melhor”. “Tem hora que a gente para pra pensar, mas todo mundo cai não é fácil não”. “Não é a clínica que faz o cara parar de usar a droga, é se o cara quiser”. “Se o cara pensar positivo aqui mesmo o cara para”. “Eu já passei quatro meses sem usar, eu posso passar mais”.

Quando questionado, Felipe fala abertamente sobre o uso do crack e das constantes recaídas, mas tenta preservar a família destas informações: *“Minha família não sabe, só minha mãe sabe”*. Perguntado por que esconder Felipe diz que: *“Vão querer vir aqui (rua/instituição). Isso iria dar um clima pesado na família. Vão querer me julgar”*. *“Tô meio cismado pra passar natal com a família, passar tranquilo”*. Quando questionado sobre o que poderia impedi-lo de passar o natal com sua família, diz: *“só o crack mesmo... só o crack”*.

Felipe relatou o que pensa sobre a postura da família diante do uso de drogas, respondeu: *“A família tem que ajudar buscar tratamento, dando uma chance, mas tem uma hora que a família cansa, pois o cara dar mole”*.

Sobre o comportamento que a sociedade tem diante dele Felipe afirma: *“a sociedade vê agente, mas... tem gente que tem pena de vê a gente sujo, jogado, ai da dinheiro pra comer, mas não é só isso. A sociedade tinha que ajudar a construir clinicas. o governo tem que abrir o esporte, um futebol pra ocupar o tempo da pessoa”*.

Perguntado sobre o que pensa a respeito das drogas, diz: *“A droga gera violência, e violência gera morte”*. Questionado porque fuma já que faz mal, Felipe diz: *“O que me enfraquece é ver os outros fumando”*. Fala sobre um amigo que morreu por causa das drogas e que cheirava tiner *“toda comida que comia, voltava para fora”*. Diz que o amigo estava indo pra Goiânia, no caminho dormiu e não acordou mais, o garoto tinha dezoito anos.

Em relação a envolvimento com questões ilícitas, disse: *“aprontar pra ficar preso, nunca, nunca”*. Esta fala da primeira entrevista não encontrou ressonância na segunda entrevista: *“Não gosto de roubar, mas na rua você precisa de qualquer coisa que de dinheiro”*. Concluiu: *“Minha paixão mesmo é a droga. a droga me domina, mas sempre acaba se machucando, arrumando briga, devendo os outros...”*.

4.3.4 - Recaídas

Sobre as recaídas ao uso do crack Felipe relata: *“A droga ela é assim, faz você fazer dívida”*. Sobre as consequências do uso do crack, comenta: *“O efeito do crack é deixar você magro, com fome, a lombrada dela passa rápido, dai fico agoniado, mas enquanto to na lombrada que eu fumei, já to no 'corre' pra fumar outro”*.

Retratando sua ultima recaída ao uso do crack e às ruas, depois de algum tempo na rua, disse: *“ai falei pro tio (educador de rua) to tendo essas recaída ai direto propus pra ele ta indo e consultando no CAPS (Centro de atenção psicossocial) ne?! Vê se eu consigo ir pro CAPS ai, porque eu já participei ne?! Pra eu ver se eu consigo voltar pro CAPS. Pra ver se*

quando dar abstinência em mim se ele da remédio pra tirar essa abstinência de mim. Pra quando sentir a abstinência vou lá e tomo e aí fico tranquilo”.

Felipe disse que suas recaídas são motivadas por outros usuários: *“se alguém me chamando pra usar ou me mostrar”*. Acredita que somente deixaria de ter as recaídas com uso de remédios: *“eu tenho que tá com o remédio, comprimido pra eu tomar pra me sustentar, entendeu? Por que eu to vendo que eu não to aguentando, entendeu? Eu sozinho não to aguentando segurar a abstinência da droga. Qualquer coisinha eu to recaindo”*.

Fala sobre como aconteceram as recaídas: *“quando alguém vem da rua e traz (crack) e me chamam pra fumar não resisto. Sabe da minha fraqueza e se eu vou fumar também ai já era”*. Conclui refletindo sobre a origem das recaídas: *“eu acho que essa é minha fraqueza, porque sempre vivi na rua, e pra sair assim é difícil. A minha vida foi vida de rua. Só de quatro anos pra cá que to quieto”*.

A recaída é seguida de dias nas ruas: *“quando eu fumo um já vem abstinência de fumar mais ai eu vou pra rua. Um pedacinho que você fumar vai bater mais vontade de fumar ainda. Se eu fumar esse pedacinho e fumar maconha ai eu fico mais tranquilo, entendeu? Se eu fumar só a pedra vou querer descer pra rua de qualquer jeito”*. Felipe fala da mistura do crack com maconha para amenizar o estado pessoal: *“a maconha ela acalma, ela não te deixa naquele vicio, naquela abstinência doida pra fumar a pedra. A maconha te dá sono, vontade de comer e a pedra não, ela já corta a fome, ai seu corpo fica pedindo mais droga, mais droga”*.

Para conseguir dinheiro Felipe diz: *“fico pedindo, peço na viçosa. Fico ajudando os cara a vender droga pra arrumar mais pedra (tráfico)”*. Sobre o tempo que fica nas ruas: *“Eu fumo os três dias. Já passei quadro dias sem dormir, virado”*. Sobre a ressaca do uso do crack, diz: *“depois desses quatro dias eu tava sentindo a ânsia de vomito. O estomago tava vazio, ai boto tudo pra fora”*.

Após este período surge o desejo de voltar para instituição: *“Já tava sentindo vontade de vir embora”*.

4.3.5 - Instituição

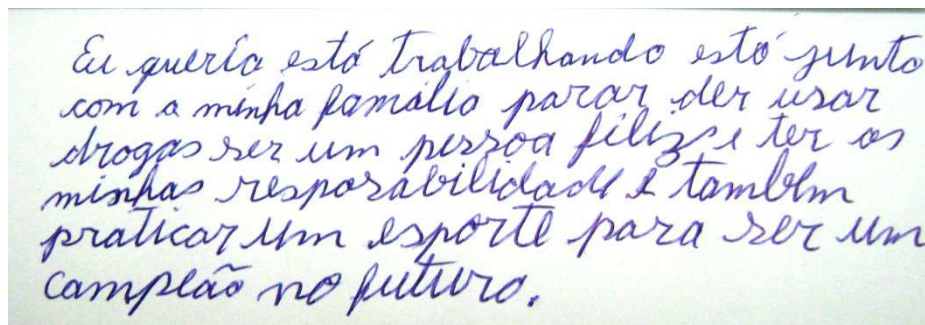
Felipe afirmou ter passado por três casas de recuperação. Na primeira disse não ter dado certo por causa de brigas. Na segunda ficou três meses e depois saiu. Na atual é onde tem ficado mais tempo, a quatro anos.

Fala sobre a presença de coordenadores na instituição que já foram usuários: *“um monitor, que já usou e vendeu pedra. Já vi ele levando tiro, hoje ele coordenar”*.

4.3.6 - Futuro

Sobre o futuro “o meu futuro era ser bombeiro, só que eu acho que tá muito tarde”.
“Mas agora que tive essa experiência com o povo de rua, eu quero ajudar, ajudar a tirar esse pessoal do crack”.

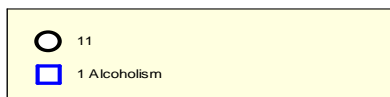
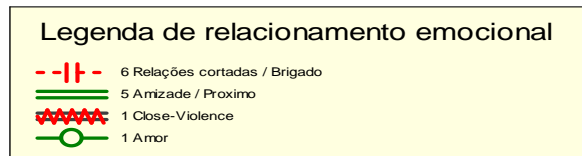
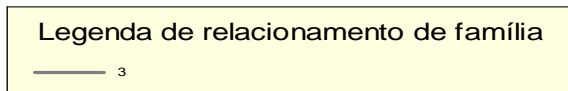
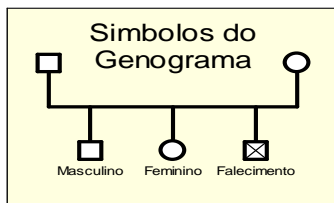
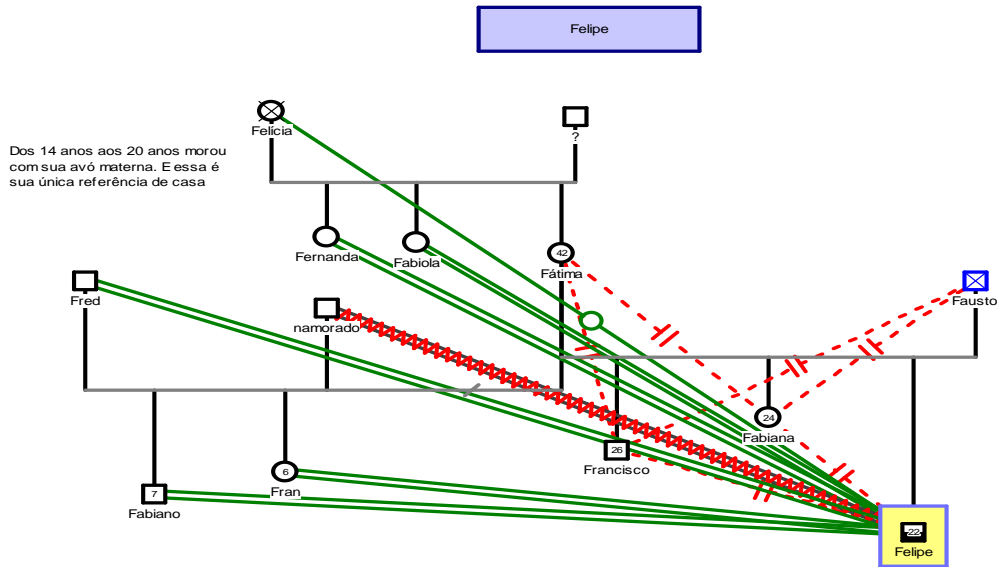
Felipe preferiu escrever sobre sua perspectiva de futuro e não desenhar. Segue escrita:



Eu queria estar trabalhando está junto
com a minha família parar de usar
drogas ser um pessoa feliz e ter as
minhas responsabilidades e também
praticar um esporte para ser um
campeão no futuro.

(Escrito por Felipe em dezembro/2011)

4.3.7 – Genograma do jovem Felipe



5 – DISCUSSÃO

Começamos a discussão retomando três situações que mostram similaridades e diferenças dos sujeitos desta pesquisa: Keny, Felipe e Laércio. Sobre o que é similar, podemos afirmar que os três jovens viviam em situação de rua e eram usuários de crack. A respeito das diferenças, constatamos que as suas histórias de vidas revelam vivências particulares a respeito de sua condição pessoal e familiar. São três situações que têm pontos comuns, como a situação de rua e o uso do crack, mas trazem traços próprios que dizem respeito à história de cada sujeito, mostrando que há um tipo de juventude específica que sofre as consequências por estar nas ruas, como exclusão, marginalização, mas são juventudes com histórias distintas e itinerários próprios que os conduziram até esta condição (MOTA, 2011; SOUZA, 2010).

Dois destes jovens, Laércio e Keny, não tinham contato com suas famílias de origem, nuclear ou extensa. Laércio demonstrava raiva do pai devido ao abandono sofrido e às relações ruins com a mãe, mostrando pouca disposição para falar sobre o assunto. Revelava sentimentos de raiva e indiferença, quando se tratava de conversar sobre a sua família. Keny tinha dificuldade para lembrar-se da mãe, pois havia sido retirado de casa pelo pai, traficante de drogas, com apenas três anos de idade e não tinha contato com outros membros da família materna. O pai levou-o para viver com sua irmã. A única lembrança que guardava era de brigas entre os pais. Felipe, o terceiro jovem desta pesquisa, recebia visitas da mãe na casa de passagem e demonstrava uma vinculação capaz de despertar o seu desejo de ajudar a família financeiramente. Sua mãe morava nas ruas, local onde conheceu seu companheiro com quem teve os filhos, inclusive Felipe. Este jovem se percebia diferente dos demais por ter uma história familiar ligada à situação de rua, visto que sua mãe vivia nas ruas. Ele ficou parte de sua vida com a mãe até o dia em que foi para a casa de passagem, aos vinte anos de idade. Quanto aos laços afetivos, demonstrou ter sentimento de apreço pela família, especialmente carinho pela avó, com quem morou algum tempo, na infância, até o momento em que esta veio a falecer.

Para interpretar esta realidade complexa procuramos valorizar e legitimar as narrativas de cada jovem, bem como o conhecimento que emergiu da pesquisa, sistematizando esta experiência a partir do levantamento de indicadores e da construção de Zonas de Sentido, buscando atribuir significados para esta realidade (GONZÁLEZ REY, 1999). Estes significados foram atribuídos considerando a aproximação criada entre pesquisando e

pesquisador, contribuindo para uma leitura interpretativa, capaz de sintetizar a junção dos aspectos teóricos àqueles encontrados junto à realidade pesquisada.

Foram construídas três Zonas de Sentido que retratam os três espaços onde estes jovens buscaram suporte para sua construção identitária; *Das famílias às ruas: fragilidades que geram buscas*; *Das ruas às drogas: a busca por contextos de pertencimento* e *Das ruas à instituição: a busca de um futuro diferente*. A seguir discutiremos cada uma delas.

5.1 - Das famílias às ruas: fragilidades que geram buscas

Nesta primeira Zona de Sentido serão discutidas as relações familiares, compreendidas como primeiro espaço de vivência, e o percurso feito pelos jovens desde suas vivências na família até a situação de rua. O relato da história de vida proporcionou aos jovens participantes da pesquisa a reconstrução de suas trajetórias tendo a realidade familiar como experiência primária. De suas narrativas emergiram aspectos a respeito dos respectivos sistemas, familiar e social. Neste primeiro momento da discussão, contudo, nos deteremos nos aspectos familiares.

Sobre a influência das vivências familiares, foi possível constatar situações de violência como parte integrante do cotidiano destes jovens desde sua infância. No relato de Laércio, a violência é um dos elementos que está presente em sua história desde muito cedo, mostrando a fragilidade dos cuidados parentais. Ainda criança, ficava sob a responsabilidade de uma adolescente que o agredia: “*Quando tinha quatro anos lembro que minha prima me batia muito com chinela havaiana*”. A violência é uma realidade que também está presente nas histórias familiares de Keny, ao narrar que apanhava da tia, com quem morava: “*minha tia me batia muito*” e de Felipe, “*o marido da minha mãe (padrasto), só sabia beber e bater na gente*”. A violência vivenciada por estes jovens ao longo do Ciclo de Vida Familiar tornaram o ambiente familiar desfavorável, dificultando o movimento de crescimento e individuação necessário para a constituição da autonomia e independência. Ao contrário, a família apresenta-se como um ambiente hostil e negativo, acarretando prejuízos para sua construção identitária (PENSO; SUDBRACK, 2009).

Estes relatos apontam para situações que revelam a desproteção, onde encontramos uma adolescente que, ainda precisa de cuidados parentais, responsabilizada pelo cuidado e educação de uma criança, em quem bate e uma tia e padrasto que utilizam da violência para se relacionarem com as crianças. Estas narrativas mostram que existe nos três casos uma situação familiar desfavorável à continuidade destas crianças junto à família e uma situação social que impõe um quadro gerador de violência ao obrigar uma mãe a deixar o filho com

outra criança para ter que trabalhar e garantir a sobrevivência; uma tia que não contava com a ajuda do irmão, pai de Keny, e a mãe de Felipe que coloca um homem em casa para ajudar nas despesas, porém este usuário de álcool e violento. São situações revelam uma dinâmica familiar com papéis parentais fragilizados, o que pode propiciar a ocorrência da violência (MINUCHIN 2008; KOLLER, 2002).

A fragilidade dos cuidados parentais faz com que haja uma ausência de referências familiares, especialmente da figura paterna, dificultando a confiança nas orientações e práticas que poderiam dar segurança e permitir um processo saudável de construção identitária. O que ocorre e o contrário, a insegurança gerando vazio e raiva (PENSO; SUDBRACK, 2009; CARRETEIRO, 2002). Um exemplificar esta situação a partir do sentimento de raiva e insegurança que Laércio manifestou pelo pai durante as entrevistas. Parece que devido ao pouco tempo de presença do pai junto à família, fez com que ele tivesse dificuldade de verbalizar acontecimentos que fizessem lembrar à figura paterna. Podemos inferir que, para Laércio, o registro no cartório feito por seu pai não tinha o devido crédito, pois sua ausência provocou uma espécie de desagregação entre a atitude de abandonar a família e um registro que validaria a identidade deste filho, com relação à linhagem paterna. Esta conclusão nos é sinalizada tanto pela dificuldade que Laércio teve de citar o pai em sua história quanto pela insegurança revelada nas poucas palavras proferidas sobre ele: *“Desconfio ter sido registrado (oficialmente com um ano) com três ou quatro anos de idade, pois sempre fui maior do que a idade que marcava no registro”*. Mais do que a desconfiança gerada pela aparente altura em relação à idade, nos parece que é a pouca e insignificante presença do pai, aqui negada, somada à ausência marcante ao longo da vida, que faz com que Laércio não valide os poucos feitos do pai em sua vida, como por exemplo, ter registrado o filho no cartório e lhe dado o seu nome, o que segundo Sudbrack (1992) define a articulação patronímica, designando à criança o pai legal e definindo o *nascimento legítimo*.

Relatos dos outros jovens também apontam para um distanciamento do pai e presença de sentimentos negativos e de raiva em relação ao mesmo: *“Meu pai não sei não, acho que ele tava no Piauí bebendo. Fio da égua”* relata Laércio. *“Não gosto dele (pai)! Já puxou cadeia, já matou gente. Não gosto de me encontrar com ele”* (Felipe). Para Keny o pai é uma figura que o retirou da mãe e o abandonou: *“meu pai é traficante e por isso me entregou pra irmã dele, minha tia”*. Podemos pensar que são filhos cujos projetos parentais eram frágeis, com omissão dos pais, com relação ao desempenho do papel paterno, denunciando um tipo de funcionamento relacional que não favorece a criação e desenvolvimento dos filhos (PENSO; SUDBRACK, 2009; PENSO et al, 2012).

Além da fragilidade dos papéis parentais existem as condições sociais que levam estas famílias a disporem de seus filhos, como relata Felipe: “*Minha mãe deu dois filhos dela ainda pequenos, porque não tinha muita condição*”. Felipe não somente relatou sobre a doação de seus irmãos, mas também falou sobre a sua experiência de ser entregue pela mãe para a avó: “*Aos sete anos minha mãe me levou para morar com a minha avó (materna)*”. A atitude de dar os filhos ou enviá-los para morar com parentes pode ser atribuída às muitas ausências vividas por estas famílias: de recursos financeiros, de condição social, de respaldo do Estado e de redes sociais de apoio (MINUCHIN, 1999; CAMPOS, 2005). Nesta situação, crianças e adolescentes que ainda necessitam de cuidados são expostos a fatores de risco que podem levá-los ao uso de drogas e à vivência de situação de rua. A situação desta família, como de muitas outras famílias brasileiras, totalmente vulneráveis, vivendo na rua e em condições de pobreza, favorece a fragmentação familiar. Dar os filhos neste contexto não é um desejo, mas sim uma imposição contextual, em razão de uma lógica social que conduz a falta de condições financeiras, reproduzindo nos filhos, a exclusão sofrida pelos pais (TAKEUTI, 2002; SAWAIA, 2008; DEMO, 2008).

Estes sistemas familiares fragilizados pelo desamparo social reproduzem uma série de situações de falta de cuidado e violência, como podemos notar no relato de Keny: “*Aos três anos meu pai separou da minha mãe e me deixou na casa de minha tia, onde apanhei muito*”. A primeira situação que revela a fragilidade do cuidado ocorre por parte desta mãe que, na percepção de Keny não mostrou o desejo de ficar com ele, ao deixar o pai levá-lo sem manifestar nenhum movimento de ir procurá-lo. O contexto de um marido traficante e violento leva-nos a conclusão de que a atitude desta mãe não é um ato de vontade de simplesmente não querer ir atrás do filho, levando-nos a crer que ela temia este pai. Este clima de medo pode ter feito com que ela não encontrasse recursos para lutar pela guarda do filho. A segunda situação é com relação a este pai que tira o filho da mãe, porém, não assume para si a responsabilidade do cuidado, delegando-a a sua irmã, tia de Keny, que, por sua vez, utiliza da violência na sua educação. Observamos, portanto, nas histórias de vida de Laércio, Keny e Felipe fragilidades nos cuidados parentais e situações de violência que diminuem a força da família em relação ao cuidado e pertença, tornando o ambiente familiar desfavorável para estes jovens (PENSO; RAMOS; GUSMÃO, 2005; PENSO; SUDBRACK, 2009; KOLLER, 2002).

As consequências das dificuldades e conflitos ocorridos no núcleo relacional familiar recairão especialmente sobre os filhos, ocasionando exclusão conforme o funcionamento da familiar. Nos casos dos jovens pesquisados é possível perceber o processo de exclusão

gradativo sofrido na família, por exemplo, na fala de Laércio: “*Com oito anos comecei a sair de casa. Inicialmente fugia de casa e minha mãe sempre me buscava de volta, mas chegou um momento em que ela não me buscava mais*”. Por outro lado é importante compreender o contexto no qual esta mãe está inserida: abandonada pelo marido, realizando trabalhos pesados e vivendo em situação de pobreza, que a fez desistir do filho, facilitando a sua ida para as ruas e seu envolvimento nas “malhas do tráfico” (CARRETEIRO, 2002). Laércio justifica sua ida para as ruas em razão da violência e da pobreza: “*Apanhava demais, da mãe e da prima, e queria ter minhas coisas*”, expressando que a exclusão e a violência sofridas o levaram para contextos de risco, como as ruas (KOLLER, 2002; NEIL; SILVA, 2009; PENSO; RAMOS; GUSMÃO, 2005;).

No entanto, a fragilidade e violência verificadas no sistema familiar não podem ser uma sentença condenatória dos pais, mas um apontamento sobre as relações estabelecidas, no caso de Laércio, sua desconfiança com relação ao registro e seu sofrimento com relação à ausência paterna, e a delegação dos seus cuidados para uma prima que geraram desconfiança e fragilidade nos cuidados. Portanto, constatamos que a história familiar com ausências de figuras cuidadoras influenciou a vida destes jovens, permeando as relações familiares, ao ponto de dificultar uma formação identitária com suficiente crença e força em si mesmo, impossibilitando o pertencimento e permanência no ambiente familiar que se mostra frágil e incapaz de criar vínculos (MINUCHIN, 1982; ANDOLFI, 2002). Ao contrário, mostra limites no relacionamento familiar, podendo nos ajudar na compreensão do complexo itinerário percorrido entre estar com a família e ir para as ruas (PENSO; SUDBRACK, 2009).

No caso de Laércio, a relação com o pai revelou aspectos antagônicos, visto que a má experiência vivenciada enquanto filho não o ajudou encontrar no ambiente familiar o devido afeto, despertando o desejo de ser um pai diferente, como percebemos no seu relato: “*Meu pai sumiu no mundo e minha mãe me colocava para trabalhar com ela no bar*”; “*Amo minha mulher e meu filho*” Este jovem mostra o desejo de gerar o novo na família que tem possibilidade de constituir. Mesmo afetado pelo sistema familiar de origem, Laércio busca construir algo diferente do que viveu. Porém se depara com grandes desafios, ligados às suas experiências de violência intrafamiliar associada ao uso de drogas, especialmente o álcool, que o levam a reagir de forma violenta: “*quando bebo, perco a cabeça e bato na mulher e filho*”. Visto que a trajetória de Laércio é influenciada pelo contexto de sua história de vida, é importante considerar estas influências nestes estudos. As relações familiares e uso de drogas são partes constitutivas deste contexto que estão impedindo este jovem de elaborar e edificar

seus sonhos, bem como de oferecer o que não teve em seu ambiente familiar para sua esposa e filho que afirma amar.

A influência do contexto familiar discutida nesta primeira Zona de Sentido está intimamente ligada à *'projeção social'* que, tanto as famílias quanto estes jovens, vivenciam na sua trajetória de vida (KOLLER, 2002; CARRETEIRO, 2010), conforme discutiremos na segunda Zona de sentido, visto que os sistemas familiar e social não são dissociados.

Acreditamos que a fragilidade dos cuidados parentais contribuiu para que estes jovens fossem despojados de seus projetos e buscassem as ruas e as drogas. Observamos que a ausência ou violência do pai e a carência de vínculo com a mãe e de outros membros da família, como a tia, parece ter provocado verdadeiros *buracos em suas histórias*. Com relação à mãe, Laércio afirma: *“Já tem seis meses que não vejo a mãe”*; Felipe narra: *“Tenho mais de quatro anos que não vou à casa da minha família. Depois que minha avó morreu não fui mais lá”* e Keny também relata: *“Aos três anos meu pai me deixou na casa de minha tia e nunca mais vi minha mãe”*. Os três jovens relataram ausências no sistema familiar, espaços vazios que dificultou sua constituição identitária (CARRETEIRO, 2002; PENSO; SUDBRACK, 2009).

O vazio de projetos parentais para estes jovens muda o papel deste grupo primário, que deixa de ser aquele que fortaleceria seus *membros*. Esta atitude do núcleo familiar traz grandes prejuízos, especialmente na fase da infância destes jovens, podendo dificultar a construção identitária ou o desempenho adequado dos papéis parentais a serem desempenhado no futuro. Estes pais, ao não conseguirem cuidar deixam de depositar projetos em seus filhos, despojando-os de seus próprios projetos, como consequência (PENSO, 2003; PENSO; SUDBRACK, 2009; PENSO M. A. et al, 2012).

Visto que o núcleo familiar é responsável pela transmissão geracional, verificamos nesta pesquisa que houve poucas condições oferecidas para formação identitária destes jovens, pois são famílias fragilizadas e vulneráveis que enfrentaram muitas dificuldades. O que foi possível notar de referência positiva nos genogramas diz respeito à figura feminina, porém no caso específico de Felipe. Este jovem foi entregue pela mãe aos cuidados da avó ainda criança, com quem ficou até os dezesseis, quando a avó faleceu. A relação que este jovem revela ter tido com a avó, mostrou-se positiva quanto à afabilidade adquirida, que o mesmo transmite nas relações que estabelece, bem como o amor expresso para com a avó devido com os cuidados que está dispensou no tempo em que cuidou do neto.

Os genogramas mostram repetições quanto à figura paterna, revelando uso de drogas e violência: Keny teve o pai traficante e usuário de drogas; Felipe, foi agredido pelo padrasto

que era alcoolista, situação parecida a de Laércio cujo pai era alcoolista e abandonou a família. A transmissão geracional é expressiva na história familiar de Felipe, pois sua família nuclear já se encontrava em situação de rua desde seu nascimento. Os genogramas confirmam que o ciclo de vida familiar com a presença masculina se mostra limitada. Este é ausente na maioria do tempo e a pouca presença que há se revela agressiva. A transmissão geracional é pautada sobre uso abusivo de drogas, situação de rua e relações desfavoráveis para formação identitária destes jovens (CARTER, MCGOLDRICK 1995; PENSO, 2003; PENSO; COSTA; RIBEIRO, 2008).

Como núcleo e rede primária, a família deveria ser capaz de fornecer modelos para identificação de seus membros e contribuir para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento, facilitando o processo de construção identitária dos seus adolescentes e jovens (MINUCHIN, 1982; PENSO; SUDBRACK, 2009). Notamos nos jovens participantes da pesquisa que suas redes primárias são tão falhas em seus papéis, ao ponto de tornar o quadro da dinâmica familiar destes jovens frágil diante dos referenciais parentais, sendo incapaz de vinculá-los à família, dificultando uma base que dê sustentação a um projeto de vida estruturante.

A privação dos cuidados parentais, as vivências de violência, juntamente com a falta de referenciais, materno e paterno, levou à fragilidade das funções familiares, empurrando estes jovens para contextos de risco e para a margem (SELOSSE, 1996). Tal situação pode ser exemplificada no caso de Laércio: *“Eu saí de casa, usava drogas, bebia e me metia em confusões. Ainda hoje, é só beber que me envolvo em brigas. Bato e apanho”*.

As experiências destes jovens que em suas repetidas visitas às ruas, somadas à situação *caótica* da família, relacionados às atitudes de *desistência* dos pais, possibilita a legitimação de uma nova realidade, tornando a situação de rua, um acontecimento possível e com ele suas consequências na vida destes sujeitos. São ocorrências pessoais na história de vida de cada jovem capazes de se transformarem em questões íntimas, internalizando vivências que vão constituindo sua identidade e sendo expressas nas suas próprias histórias, podendo provocar uma desilusão frente ao seu projeto de vida. Estas histórias mostram uma desinserção, se é possível afirmar que houve, de fato, em algum momento, uma real inserção destes jovens na família (GAULEJAC, 2006). O que ocorre, parece ser uma ausência de projetos familiares para estes jovens e sua identificação com as figuras parentais e, conseqüentemente sua vinculação afetiva ao contexto familiar provocando graves consequências nas suas vidas (PENSO; SUDBRACK, 2003; PENSO, et al, 2012).

Além da ausência de apoio por parte da família, há ainda uma desqualificação do potencial destes jovens para a mudança, como podemos constatar no desabafo de Keny: “*Eles (família) estão pensando numa coisa, que eu não sou capaz de mudar, só que eu quero surpreender bem mais*”. O relato de Keny denuncia que há uma ausência de investimento por parte do sistema familiar que lhe delega um lugar de fracasso e incapacidade (GAULEJAC, 2009). Estes sistemas que têm a força para promover ou levar ao fracasso um projeto de vida são instâncias frágeis que não cumprem seus papéis, deixando de ser esta base que estrutura o sujeito, levando-o à margem e rupturas (SELOSSE, 1996). Assim temos um contexto de marginalização onde se constitui a identidade a partir de um duplo movimento: as fragilidades dos vínculos familiares revelam uma ausência de investimento nos jovens, empurrando-os para as ruas associado a um contexto social de pobreza e exclusão, onde existem atrativos que podem puxar este jovem para o uso das drogas (CARRETEIRO, 2003; DOMANICO, 2006).

A dinâmica das relações familiares que apareceu nos relatos destes jovens, mostra que existe uma fragilidade nos vínculos e a impossibilidade de manter estes jovens no seio familiar: “*A única lembrança que tenho dos meus pais juntos é de brigas e violência, eles brigavam muito (Keny)*”. Este depoimento confirma os estudos de Koller (2002) que tratam sobre a mudança de concepção do processo que leva às ruas, passando de uma visão em que os jovens abandonavam ou eram abandonados por suas famílias para a concepção de que os jovens fogem para as ruas porque o ambiente em casa não é acolhedor.

Como colocamos anteriormente, mesmo havendo uma forte influência negativa do sistema familiar e social na vida do jovem, devido às fragilidades estruturais, não podemos afirmar que as consequências produzirão efeitos somente ruins em sua trajetória. O jovem que passa por adversidades pode sim ter atitudes contrárias às que percebeu em sua família de origem, transformando a herança familiar, como notamos no relato de Laércio: “*Quando vejo ela (companheira), meu coração começa acelerar, como se fosse a primeira vez*”. Mesmo tendo em sua história a experiência de ver o pai abandonando a mãe, é capaz de amar sua esposa. Sobre filho diz: “*Amo ele. Amo demais*”, demonstrando que, mesmo diante do abandono paterno, na sua infância, desenvolve pelo filho um amor de pai. Ou seja, mesmo tendo um pai ausente, se preocupa com o filho e com a esposa, transformação das heranças familiares recebidas (WALSH, 2005).

No entanto, mesmo demonstrando resiliência, diante de sua história pessoal/familiar, deixa-se envolver pelo uso de drogas, tornando-se agressivo com sua companheira e filho. Nestes momentos seus sentimentos são dominados por comportamentos agressivos: ama, porém bate, chegando ao ato de violência, mostrando que seu projeto expresso nos

sentimentos de amor pela esposa e filho se torna frágil diante da realidade e de suas recaídas perante as drogas. A droga pode revelar relações familiares frágeis e dificuldades no exercício do cuidado e da proteção, podendo levar à repetições transgeracionais, que impedem ou dificultam a busca de alternativas saudáveis para que este jovem realize seus sonhos (PENSO; COSTA; RIBEIRO, 2008).

No caso de Felipe, as rupturas dos vínculos com os pais foram compensadas com estabelecimento de vínculo com outros parentes e até mesmo com a instituição em que foi acolhido. Assim ele afirma que família não é exatamente a nuclear, mas são aqueles que lhe acolhem: *“Minha família são minhas tias, primos... avó”*; *“a casa de passagem para mim é como uma família, onde posso dormir, comer, tomar banho”*. No entanto a complexa realidade da instituição somada aos problemas administrativos em que se encontra a estrutura institucional, não consegue dar respostas às necessidades dos jovens. Esta situação de reprodução da situação vivenciada pelos jovens em suas famílias de origem na instituição serão mais bem refletidas na terceira Zona de Sentido.

Em resumo nesta primeira Zona de Sentido discutimos como o sistema familiar influencia a saúde dos seus membros; pois eles não vivem isoladamente, mas convivem, transmitindo via relações, saúde ou doença (VASCONCELLOS, 2002). Como já afirmamos anteriormente a fragilidade dos cuidados, somadas à ausência de um projeto parental e a desistência dos filhos, imposta pelo contexto socioeconômico das famílias destes jovens, ocasionam contexto de violência e desproteção. No entanto, é importante destacar que a distância dos pais e a fragilidade dos cuidados por parte das mães não caracterizam a família como má ou responsável isoladamente pela situação dos jovens Keny, Laércio e Felipe, pois, estas famílias são somente um subsistema, que esta inserida em um sistema amplo e complexo, em uma cultura e em um meio social que influencia no desenvolvimento da família (CARTER; MCGOLDRICK, 1995; MINUCHIN, 1982). Constatamos ainda que as experiências desses três jovens que participaram da pesquisa, em suas repetidas visitas às ruas, somadas à situação caótica da família, relacionados às atitudes de “desistência” dos pais, possibilitou a legitimação de uma nova realidade, tornando a situação de rua, um acontecimento possível. Porém não com consequências automaticamente negativas, no sentido determinante de um fracasso eminente, visto que os sonhos destes jovens ainda sobrevivem frente a tantas adversidades, em um processo de resiliência (MINUCHIN, 1982; WALSH, 2005).

5.2 - Das ruas às drogas: a busca por contextos de pertencimento

Na primeira Zona de Sentido vimos alguns elementos que fizeram parte das vivências dos jovens participantes da pesquisa em suas famílias. Constatando vazios e limites que contribuíram para que os mesmos tivessem as ruas como espaço alternativo para vivenciarem a possibilidade de encontro de suportes identitários. Nesta segunda Zona de Sentido discutiremos se de fato as ruas proporcionaram respostas para estas buscas. Também discutiremos o encontro dos jovens com as drogas, especialmente o crack, bem como a presença de outros elementos que influenciaram este novo espaço de buscas, a rua. Mesmo tendo a presença forte do uso de drogas nesta segunda Zona de Sentido, explicitamos que seu uso não é exclusividade do espaço das ruas, visto em que alguns relatos das entrevistas com Keny, Laércio e Felipe, já notamos casos de iniciação ao uso de drogas, ainda no seio familiar.

Buscamos como referencial teórico, a psicossociologia que permite articular o que é dito por cada jovem com o que foi vivido nas suas histórias pessoal, familiar e social, percebendo o que foi negligenciado na transição entre o sistema familiar e o social que conduziu às ruas e ao uso de drogas (CARRETEIRO, 2001; BARUS-MICHEL; ENRIQUEZ; LÉVY, 2006). Apesar das semelhanças, percebemos que cada história tem suas peculiaridades. A história de vida de Felipe é constituída já no contexto das ruas, pois quando nasceu sua mãe já vivia em situação de rua. Isto fez que ele não percebesse claramente o momento exato da ruptura com o sistema familiar e sua ida para as ruas, pois já se sentia parte do contexto da rua: *“Minha história de vida, eu acho que é a mais diferente aqui, porque minha mãe era moradora de rua”*. Contudo há um momento em que seu sistema familiar e os vínculos ali contidos são completamente desfeitos: a morte da avó, sua referencia familiar. *“Quando minha avó morreu não fui mais visitar minha família. Isto já faz quatro anos”* (Felipe). O momento que marca a ruptura de Laércio com a família e sua ida para as ruas se dá precocemente: *“Com oito anos sai de casa e comecei a ficar na rodoviária onde fumava, cheirava cola”*. Keny, por sua vez, é retirado bruscamente do seio familiar, após a separação conjugal dos pais: *“Meu pai me retirou de minha mãe com três anos de idade”*.

Como discutimos na primeira Zona de Sentido, estes três jovens passaram por rupturas no sistema familiar e inserção na situação de rua de forma diferente. Enquanto Felipe tem uma história construída em situação de rua, Laércio e Keny vivenciaram outras situações que contribuíram para que chegassem às ruas e ao uso de drogas. Nestes dois casos, são descritos itinerários mostrando que o que foi vivenciado pelos jovens apresenta um descompasso entre as buscas individuais e as fragilidades do sistema familiar, criando condições para que

chegassem à situação de rua como lugar possível para continuarem as suas buscas por de suportes identitários.

Dentre os vários elementos que contribuíram para o processo que geraram vazios, temos dois que estão fortemente relacionados à saída precoce destes jovens da família para as ruas: um é a violência muito presente no ambiente familiar e outro é o uso de drogas expresso nos desenhos confeccionados, principalmente nos crachás, bem como nos relatos das entrevistas. Esta relação aponta a fragilidade dos dois sistemas, o familiar e o social, pois o primeiro deveria cuidar de seus membros e o segundo dar apoio ao primeiro para exercer seu papel. A falha de um ocasiona uma consequente ausência de respaldo para o jovem, deixando-o à *mercê da sorte*, e facilitando sua trajetória para a margem (SELLOSSE, 1996). No caso de Keny é nítido o uso de drogas precocemente e com uma progressão rápida para diferentes drogas: *“Aos nove anos comecei a fumar cigarros; aos onze iniciei com a maconha e com doze anos veio tudo. Ele (o pai) me dava dinheiro e comecei a usar tudo: crack, pó, maconha e merla”*. Situação semelhante é descrita por Laércio: *“Com oito anos comecei a sair de casa. Depois disso saí da escola de vez, comecei a me drogar e a morar na rua”*; *“Minha mãe me buscava na rua para ajudar no bar”* (Laércio). Nestes relatos observamos que a vivência de situação de rua e uso de drogas estão relacionados com a sua realidade sociofamiliar, onde, uma das atrações das ruas é a droga, atrelada à falta de condições financeiras para sustentar o vício, somada ao contato com bebidas e seus usuários, no bar da mãe (OLIVEIRA; NAPPO 2008; KOLLER, 2002).

Se por um lado temos os sistemas familiar e social que não desempenham o seu papel, por outro temos a influência de grupos de pares que atrai os jovens, facilitando seu deslocamento para as ruas e, conseqüentemente para o uso de drogas: *“Eu comecei a me enturmar com os meninos de rua e mudou tudo. Comecei a cheirar tiner, cola, fumar maconha e depois veio o crack”*(Felipe). Em resumo, a busca por suporte identitário, contextos de pertencimento, somados à fuga das adversidades encontradas no sistema familiar são algumas das motivações para o uso de drogas (CARRETEIRO, 2002; PENSO; SUDBRACK, 2009).

O contexto histórico do jovem Felipe, que já nasceu em situação de rua, tendo início precoce no uso de drogas, somada à situação de pobreza e o grupo como estímulo, faz com que os desafios pareçam maiores diante do uso do crack pelo grupo: *“O que me enfraquece é ver os outros fumando”*. Temos neste caso um cenário propício para o uso de drogas quando constatamos que o jovem precisa do grupo para a construção identitária, mas o grupo que encontra é o que lhe oferece drogas, facilitando assim o uso. No caso dos jovens desta

pesquisa, empobrecidos e em situação de rua, a necessidade de um grupo que lhes dê apoio é aumentada diante das incertezas e medos impostos pela sua condição de ‘fregueses’ da droga e das ruas, situações às quais estão mais expostos. (MINAYO; DESLANDES 1998; SANTOUCY; CONCEIÇÃO; SUDBRACK, 2008; PENSO; SUDBRACK, 2009).

É importante ressaltar ainda que o contexto gerado pelo uso de drogas nas ruas deixa os jovens acuados e em situação de conflito, podendo levá-los ao envolvimento em situações de violência. Porém os discursos sociais, incentivados pelas elaborações midiáticas, muitas vezes, não apontam para a origem desta problemática que está relacionada à ausência de suportes sociais, desencadeando processos de violência de fato. Ao contrário, fica centrado nas suas consequências, normatizando uma lógica que não desperta o interesse para a compreensão da história de vida e do contexto, social daqueles que são usuários de drogas. Tal atitude leva a uma postura de eliminação do jovem, que passa a ser visto como problema social, confundindo o jovem com a droga, onde o crack e seus usuários são a mesma coisa (DOMANICO, 2006).

A violência sofrida ao longo da vida por estes jovens participantes da pesquisa, devido às grandes ausências de cuidado e respaldo social, tem como consequência comportamentos agressivos e atos delinquentes, agravados pelo uso e efeitos do crack como pode ser observado nas narrativas de Keny: *“Aos quinze anos já me envolvia em atos ilícitos, como roubos e furtos. Com dezoito anos, quando fui roubar um supermercado, levei um tiro do policial e fui preso”* e Laércio: *“Não tinha dinheiro para usar droga, tinha que roubar”*. É inegável que a violência que o usuário de crack pratica faz sofrer a outrem, mas o jovem sofre também com o uso, como percebemos na fala de Felipe ao relatar suas reações físicas: *“Eu ficava até com medo do coração parar quando fumava o crack”*; ou quando descreve o contexto que envolve a busca pela droga: *“É só ilusão, ela só bate a abstinência de querer mais”*. Além disso, seu sofrimento ocorre pelas situações de exclusão como parte de uma lógica social e negação de apoio e oportunidades (TAKEUTI, 2002; SAWAIA, 2008).

As posturas sociais contribuem para um tipo de violência simbólica, no conceito ampliado de Carretero (2003), ao descrever sobre os vários tipos de violência que fazem parte do cotidiano. Além da violência simbólica os jovens em situação de rua sofrem violência física por policiais, como descrita por Felipe: *“Tem policiais que são folgados, um tal de Dr. Peixe, leva a gente pro cerrado, joga da ponte, bate”*. A polícia, herdeira de um período histórico de ditadura violenta, é o retrato de uma sociedade contraditória, que incapaz de oferecer oportunidade, pune (PENSO et al, 2012). Em nome do combate ao uso de drogas, gera violência e contribui para o processo de exclusão. Neste caso os policiais militares são

‘cúmplices’ na execução da limpeza social, fazendo com que os jovens em situação de rua se sintam desvalorizados, diminuídos, devido aos efeitos da vergonha e humilhação social que sofrem (DOMANICO, 2006; GAULEJAC, 2006). Isto fica claro na denúncia feita por Felipe: *“Levam a gente pra lugares onde não tem ninguém, no meio do mato e bate”*. O papel de proteção policial assume uma imagem estereotipada, apoiada em intervenções que os colocam à margem da sociedade, excluídos de oportunidades (SELLOSSE, 1996; SAWAIA, 2008). Neste processo, implanta o medo em nome da defesa de um público seletivo, proporcionando num contexto de pânico e fobia para uma parcela social descartável (CARRETEIRO, 2003; SANTOUCY; CONCEIÇÃO; FELIX, 2005; PENSO et al, 2012).

A violência é instalada pelo próprio estado quando temos militares que primeiro atiram para depois verificarem a situação. Esta falta de preparação e ineficácia faz parte do histórico da polícia, revelando que não foi para cuidar e recuperar que ela foi criada, mas para fazer a limpeza social, ser ofensiva e proteger os interesses de uma parcela população, como é possível verificar neste relato: *“Prá conseguir grana me envolvi num assalto a um supermercado. Os policiais chegaram atirando. Um tiro me atingiu e me deixou seis meses na cadeira de roda (Keny)”*. Contudo vale pontuar que os problemas relacionados à ineficiência e violência da polícia é o termômetro que sinaliza problemas sociais que têm a lógica perversa de punição e não de inserção social (DEMO, 1999; CARRETEIRO, 2002; COHN, 2004; DOMANICO, 2006; CARRETEIRO; PINTO; RODRIGUEZ, 2011; PENSO et al, 2012).

As ruas são, neste contexto de busca por culpados, o lugar que resta para este público excluído de oportunidades e cuidados sociais. Os próprios jovens que vivem neste contexto de vulnerabilidade introjetam estes discursos, levando-os a buscarem outros culpados. Restam a estes jovens culpar o que lhes foi apresentado como causador de todas as problemáticas vividas: as drogas. Esta passa a ser reconhecida como a principal origem da violência que sofrem ou que comentem pelo seu envolvimento com roubos e furtos. Este esquema perverso é exemplificado nos relatos a seguir: *“Eu já vi amigo meu morrer por causa do crack. A droga gera violência, e violência gera morte (Felipe)”*. *“É só beber cachaça que me envolvo em brigas, apanho e bato (Laércio)”*. A lógica perversa leva o jovem Felipe a culpar o crack pela morte do amigo, porém Moreira, Niel e Silveira (2009) afirmam que o perigo das drogas é a relação estabelecida em seu processamento, envolvendo o tráfico e suas consequências, que estão ligadas ao contexto das ruas, como lugar para os usuários de drogas.

Tal situação é descrita por Coimbra (2001), como denúncia aos modelos econômicos vigentes, que por sua vez estão ligados ao contexto social que torna o jovem bode expiatório, desencadeando um processo de exclusão de setores da população que geram segregação e

violência. Constatamos, portanto, que este movimento perverso expresso na junção do relato de Felipe sobre a consequência do uso de drogas e as reflexões de Moreira, Niel e Silveira (2009) e Coimbra (2001), mostraram que a morte é a consequência de um processo de violência que faz parte da história de vida destes jovens. Denunciar o processo que gera estes resultados parece ser a chave para se chegar às causas primeiras, sendo a violência um fator que pode denunciar estas origens, funcionando como termômetro na compreensão das origens do processo de exclusão social (CARRETEIRO, 2001; PENSO; SUDBRACK, 2003; TAKEUTI, 2002; SAWAIA, 2008).

Além de culpabilizar as drogas pela ocorrência da violência, a sociedade tende a inculcar toda a responsabilidade pelo seu uso aos jovens, ignorando os processos sociais e econômicos que colocam parte da população à margem da sociedade, provocando rupturas do sujeito com a norma social em razão dos processos de marginalização (SELLOSSE, 1996; MINAYO, 1998; CARRETEIRO, 2003; GOMES; PEREIRA, 2004). São estratégias para o controle social com o objetivo de conter o que incomoda, mantendo a ‘ordem social’. Felipe, por exemplo, não só entende o crack como gerador dos problemas relacionados à violência, como traz para si a responsabilidade e a culpa pelo seu envolvimento com as drogas e também pela interrupção do seu uso: *“Não é a clínica que faz o cara parar de usar a droga, é se o cara quiser”*.

Vale ressaltar que o jovem Felipe, mesmo desejando deixar o uso das drogas, ao longo da pesquisa, não conseguiu manter seus propósitos de abstinência, com recaídas constantes levando-o a vivenciar um sentimento de fraqueza, que segundo ele, o tornava incapaz de superar o contexto que o levava ao uso. Esta situação de incapacidade diante do recorrente uso levou Felipe a um sentimento de inferioridade que têm impossibilitado iniciativas e forças para sair da situação instalada ao longo de sua história de vida: o uso de drogas.

A assimilação dos malefícios assumidos pessoalmente, sem reflexão sobre a responsabilidade social irá influenciar na história de vida desses jovens que estão em situação de rua, exigindo demais de si mesmos, como afirma Felipe: *“Se o cara pensar positivo, aqui mesmo (instituição), o cara para (de usar drogas)”*. Neste caso é nítido que apenas seus recursos pessoais não sustentam a abstinência, pois tanto nos três meses de coletas de dados, quanto no acompanhamento destes jovens ao longo do ano da pesquisa Felipe foi o que menos perseverança teve no que diz respeito à interrupção do uso de crack e do tiner. Contudo esta dificuldade não pode ser atribuída unicamente à fraqueza ou incapacidade pessoal, pois houve uma história familiar e social, conduzida por uma lógica perversa que o conduziu a esta situação. (TAKEUTI, 2002; SAWAIA, 2008). Este esquema que faz parte do processo de

exclusão é capaz de provocar uma desinserção destes jovens, dificultando a construção e realização de um projeto de vida diferente desta realidade cruel (SELOSSE, 1996; GAULEJAC, 2006).

As condições sociais das famílias dos jovens entrevistados indicam que a pobreza e o contexto de exclusão e vulnerabilidade contribuem para facilitar a trajetória entre a vivência de rua e uso de drogas, como nos diz Laércio: “*Minha mãe tinha um bar, de onde retirava o sustento. Ela trabalhava para colocar as coisas básicas dentro de casa. Mas não dava, ai fui vigiar carro porque a mãe não tinha dinheiro pra mim andar nos panos*”. Entendemos que as condições precárias que esta mãe teve de suprir as necessidades básicas do filho, não é somente dela, mas de todo um contexto onde havia a ausência do pai e a existência de um sistema social incapaz de proporcionar condições de estudo e trabalho digno, que não só impossibilita a autonomia financeira, mas empurra estas famílias e seus filhos para a exclusão (DEMO, 1999; TAKEUTI, 2002; CAMPOS, 2005; OLIVEIRA; NAPPO, 2008).

Inevitavelmente a trajetória de uso do crack aponta para fatores de exclusão social, como percebemos na narrativa de Felipe: “*A sociedade vê a gente, mas... tem gente que tem pena de ver a gente sujo, jogado. Ai dá dinheiro pra comer, mas não é só isso*”. Os jovens querem mais do que comida e esmolas que apenas mantêm um sistema injusto, desigual e estigmatizante provocando a sua desinserção social. Tais atitudes paliativas revelam somente a busca pela reparação de uma culpa social (SELOSSE, 1996; GAULEJAC; LÉONETTI, 2009). É uma sociedade que vigia e pune, que não querendo pagar o ‘custo’ de tal fabricação, retira de uma parcela da população, a capacidade de ‘ser sujeito’, e a coloca no lugar de ‘objeto’ (OLIVEIRA; NAPPO, 2008; DORNELLES, 2011). Inegavelmente, as maiores vítimas deste processo são os jovens, pobres, negros, moradores das periferias das grandes cidades e os que vivem em situação de rua. O jovem Felipe sente os efeitos desta lógica perversa e cobra de todos nós que ele tem seus desejos e que estes estão ligados à sua dignidade e existência de oportunidades (TAKEUTI, 2002; SAWAIA, 2008; CARRETEIRO; PINTO; RODRIGUEZ, 2011).

Diante da complexidade que constitui a trajetória destes jovens, vistos como objetos descartáveis pela lógica da *exclusão/inclusão*, ao estudar como ocorre a relação entre vivência de rua e uso de drogas, é importante conhecer sua história de vida além da biografia. Este conhecimento que nos foi ofertado via relatos, desenhos e demais instrumentos utilizados na pesquisa pode ajudar na compreensão do percurso entre os sistemas pessoal, familiar e social, na tentativa de ajudar estes jovens a compreenderem e conectarem a sua trajetória e não desistirem de suas buscas. (SAWAIA, 2008; CARRETEIRO, 2003).

Nas histórias dos jovens aqui entrevistados, há um itinerário que leva às ruas e ao uso de drogas, bem como existe uma progressão quanto ao tipo de droga utilizada na trajetória que percorrem. Nas narrativas que ouvimos foi comum o cigarro e a cola como porta de entrada para o uso e a idade muito precoce para o início, como é o caso de Keny: “*Aos nove anos comecei a fumar cigarros*”. Para Laércio, o álcool foi não somente a porta de entrada, mas continua sendo o seu maior problema: “*A pinga é meu maior mal. Sempre que bebia e me metia em brigas. A cachaça veio para destruir tudo*”. Estes relatos confirmam estudos de Oliveira e Nappo (2008) em sua pesquisa sobre a caracterização do crack, na cidade de São Paulo, em que a maioria de seus entrevistados iniciou o uso com drogas lícitas como álcool e tabaco.

Com relação aos jovens aqui entrevistados, as motivações para o seu uso dizem respeito ao que foi abordado, porém traz outras dimensões. No caso de Keny aparecem três explicações: “*Fumava (crack) para esquecer, matar a fome e porque eu gostava*”. Questionado sobre o que é preciso ‘*esquecer*’, disse que deveria esquecer a situação familiar, as surras da tia, sua condição social, a ausência de recursos financeiros e ainda a fome. Isto nos remete aos estudos de Bucher (1996), ao colocar que o uso de drogas é responsabilidade da sociedade em razão de sua organização desequilibrada e injusta, que incentiva o uso de entorpecentes. Já a expressão ‘*gostava*’ é ampliada quando perguntado por que o crack: “*A sensação do crack é diferente. Dá prazer. Por isso é que falam nunca fume, pois quando começa não dá pra parar, são todos os prazeres resumidos num só (Keny)*”. Este relato amplia as motivações que levam ao uso do crack, apontando para situações mais amplas, que parecem possibilitar uma sensação de completude absoluta, onde todos os prazeres são vivenciados ao mesmo tempo. Isto nos leva a imaginar que o vazio gerado na história pessoal, seu contexto social e familiar, com suas implicações danosas à vida de cada jovem, não foi preenchido nas ruas. Com relação aos sujeitos aqui entrevistados, o crack parece oportunizar certo alívio diante desta busca por algo que ainda não foi proporcionado a este jovem pelas instâncias responsáveis (COLLE, 2001).

No entanto, o uso de drogas, além de não preencher os vazios provocados pelas deficiências do sistema familiar e social, inaugura novos ‘buracos’ insaciáveis, como podemos notar na descrição que Laércio faz: “*O crack vicia muito rápido e dá um prazer. Mas só dura dez minutos. Depois tem que fumar de novo. Quanto mais a pessoa fuma mais ela quer ficar na paranoia*”. Esta afirmação vem confirmar estudos que afirmam ser o crack uma das drogas que mais tem atraído adeptos nos últimos tempos, com motivações e buscas incessantes; visto que não há projetos sociais para estes jovens, tendo no uso do crack efeitos

rápidos que desencadeiam novas buscas, exigindo pesquisas para sua compreensão, (BRASIL, 2010; DORNELLES, 2011; OBID, 2011).

Nesta segunda Zona de Sentido nos deparamos com o dilema já refletido na primeira, que diz respeito às buscas dos jovens. Vimos que os suportes identitários na família se deram de forma bastante frágil e deficitária. No contexto de rua verificamos duas dimensões com consequências distintas: na primeira há uma busca com respostas frustradas, pois as ruas não dão as condições que ajudem na edificação de um projeto de vida; na segunda, constatamos que a rua pode ser este lugar que fará parte desta construção, visto que ali os jovens vivem e convivem, constituindo sua identidade no enlace da influência entre o social e o individual (CARRETEIRO, 2002; PENSO; SUDBRACK, 2009).

É importante ressaltar que estamos nos referindo aqui a um sistema social incapaz de proteger, que intimida esta parcela da população e ainda atribui a ela mesma as causas do seu fracasso, como afirma Felipe sobre suas frequentes recaídas ao uso do crack: “*Eu acho que essa é minha fraqueza, porque sempre vivi na rua, e pra sair assim é difícil. A minha vida foi vida de rua*”. No entanto, com certeza, este fracasso não é somente individual. A identidade é uma construção que depende das condições pessoais, mas, principalmente, familiares e sociais que, juntas, possibilitam instrumentos capazes constituição histórica do sujeito. (ANACHE, 2005; GAULEJAC; LÉONETTI, 2009).

O que observamos é que a lógica social não contribui para formação digna dos jovens que participaram desta pesquisa. Ao contrário, marginaliza e estigmatiza estes jovens em situação de rua usuários de drogas, fazendo-os sentirem-se sujeitos sem direitos, ou seja, como *objetos descartáveis*, colocando-os como invisíveis e incapazes (GAULEJAC, 2006; TAKEUTI, 2002; SAWAIA, 2008). Esta postura social dificulta a formação identitária do jovem que quer ter um futuro diferente, com um projeto de vida com oportunidades e sonhos. Isto pode ser percebido nos seguintes relatos que revelam o forte impacto da cultura social nas suas vidas: “*Só vejo decepção na vida (Keny)*” e “*Você passa dia sem dormir, sem comer (Felipe)*”.

Nesta Segunda Zona de sentido buscamos discutir como as ausências (familiares e sociais) relatadas nas histórias de vida de Keny, Laércio e Felipe os levaram à situação de rua como possibilidade de preenchimento destes ‘buracos’. Junto com o contexto das ruas e as posturas sociais perversas veio o uso do crack e suas consequências. No entanto, nos relatos destes jovens vimos que não houve o preenchimento da busca primeira, ao contrário, foram geradas novas inquietações e novas experiências desafiadoras. Porém também foi possível constatar que apesar de todas as adversidades, elas não desistiram dos sonhos de uma vida

diferente. Vamos discutir na próxima Zona de Sentido que os vazios dos projetos institucionais (CARRETEIRO, 2002) não impedem os projetos de vida destes jovens. O desafio posto é, porém, como sustentar sonhos diante de tantas adversidades?

5.3 - Das ruas à instituição: A busca por um futuro diferente

Nesta última Zona de Sentido apresentamos a perspectiva trazida pelos jovens da pesquisa, que mesmo *despojados de seus projetos*, devido às dificuldades ocasionadas pela negligência familiar e social, preservaram seus sonhos e desejos de construir uma trajetória futura diferente daquela vivida até o momento, em um processo de resistência e resiliência (WALSH, 2005). Foi possível perceber em cada jovem o desejo de continuar buscando diferentes formas de viver e outros suportes identitários. As buscas levaram estes jovens até a instituição de acolhimento, onde desiludidos pelas relações vividas na família, no contexto social e na rua, esperam encontrar apoio para planejar um projeto de vida diferente daquele a eles *predestinado* (SELOSSE, 1996; BOCK; et al, 2001; ANACHE, 2005).

Os jovens Keny, Laércio e Felipe mostraram o desejo por um futuro diferente da realidade vivenciada até então. Podemos constatar que nem mesmo a situação de vulnerabilidade da família e a ausência de projetos sociais, somados à situação de rua e uso de crack, foram suficientes para frustrarem o seu desejo e a busca por algo diferente para o futuro e uma revisão do percurso feito, como podemos perceber na narrativa de Keny: “*Acho que cheguei num momento da minha vida que eu me perguntei, o que você quer da vida? Quer batalhar ou quer mofar na cadeia?*”.

As adversidades sofridas não foram capazes de retirar os sonhos e as buscas por novas possibilidades de um futuro alternativo, comprovando a força e resiliência destes jovens (WALSH; 2005). Ao contrário, fez com que o jovem Keny encontrasse forças para impulsionar sua vontade de fazer diferente do que já ocorrera no passado, querendo provar para sua família que era capaz: “*Eles (família) estão pensando numa coisa: que eu não sou capaz de mudar*”; “*Só que eu quero surpreender bem mais*”. Esta afirmação revela o desejo de keny de mudar sua história. Porém o sucesso ou fracasso diante destes propósitos dependerão de uma mudança da postura social, saindo de um lugar de perversidade para atitudes que deem suporte para estes jovens conseguirem vencer as barreiras impostas a eles, ao longo de suas trajetórias de vida (TAKEUTI, 2002; BARUS-MICHEL; ENRIQUEZ; LÉVY, 2006).

Estes jovens buscam vínculos com suas famílias, mesmo que não seja mais possível recuperar aqueles com seus pais e mães. Neste caso procuraram resgatar os vínculos com

outros parentes. No caso de Keny que foi retirado da mãe aos três anos de idade e morou pouco tempo com o pai, ele faz questão de manter o vínculo afetivo com a sua meia irmã e também mostrar para a tia sua capacidade de mudança: “*Quero chegar lá, poder abraçar minha irmãzinha e dizer pra minha tia: aí tia tô bem!*”. A ligação afetiva com a irmã e o desejo de mostrar para a tia que pode “*vencer na vida*” parece alimentar os sonhos de Keny por um futuro diferente, onde: “*quero trabalhar como todo mundo, ter um carro, uma família*”. Este jovem mostra o seu desejo de ter um trabalho e com ele os direitos que todos os cidadãos têm como dignidade, respeito e uma inserção social que lhe proporcione condições de consolidar sua identidade (JACOBINA; COSTA, 2007).

Em um mundo capitalista a dignidade passa pela independência financeira, experimentada como independência emocional e social. Contrapõe-se a esta *dignidade* anunciada pelo sistema, uma ausência de oportunidades que tornam os vínculos trabalhistas frágeis, ocasionando incertezas e perda de esperança no futuro (CARRETEIRO; PINTO; RODRIGUEZ, 2011). Por lei, todo cidadão tem direito ao trabalho, mas para esta parcela da população, pobre e excluída, o trabalho é mais do que o sustento financeiro, é uma forma de inserção social, que funciona como suporte identitário. Neste sentido, o trabalho proporciona não somente dignidade e cidadania, mas ajuda na constituição da identidade, mesmo que seja notória a luta da população empobrecida para conseguir um trabalho para sobreviver (CARRETEIRO; PINTO; RODRIGUEZ, 2011; JACOBINA; COSTA, 2007).

Os sonhos destes jovens são motivados pelo desejo da inclusão social, através de oportunidades para o trabalho e o sustento de um novo projeto de vida que se contraponha às ausências e negligências vivenciadas em um passado marcado pela fragilidade nos vínculos familiares e vulnerabilidades sociais. É marcante a busca por situações distintas daquelas experimentadas no passado, sinalizando um desejo que clama por respaldo social para poder concretizar este sonho, como é expresso por Laércio: “*Eu quero dar um futuro diferente para meu filho, mas pra isso eu preciso arrumar uns concursos, trabalho*”.

No entanto seus desejos e sonhos somente serão possíveis com apoio da sociedade, do estado e da família. Além disso, para estes jovens que vivem em situação de exclusão e vulnerabilidade é muito importante o apoio das instituições que os acolhem. A instituição onde foi feita esta pesquisa com os jovens que ali buscaram ajuda é uma instituição que, em sua origem, era uma ONG⁸ e que, posteriormente, foi assumida pelo Governo do Distrito Federal. Os jovens entrevistados relataram que, enquanto organização não governamental

⁸ Ver na metodologia: Projeto Giração (ONG-DF)

havia uma articulação do trabalho de maneira que os mesmos se sentiam mais bem acompanhados individualmente, recebendo mais atenção e cuidado. Outro aspecto diagnosticado como positivo, naquela ocasião, era a formação de redes e parcerias para discussão de temas ligados às suas vivências nas ruas, como o uso de drogas e a violência.

A transferência da administração da ONG para o Governo do Distrito Federal pareceu ser inicialmente uma oportunidade para sustentabilidade financeira da instituição. Porém os conflitos administrativos na transição, bem como a instabilidade no quadro de funcionários somada à ausência de objetivos nítidos, instalaram um quadro de insegurança. A nova gestão evidencia a incoerência de um estado que elabora bonitas leis, mas é incapaz de articular o jurídico com a prática social, desperdiçando oportunidades de investir em projetos que realmente levem a sério o acompanhamento de jovens em situação de vulnerabilidade (CARRETEIRO, 2002). O contexto de descuido em que se encontra a instituição e o despreparo dos profissionais que ali trabalham revela a ausência de um projeto sério que, além do desperdício do dinheiro público, leva os jovens que necessitam deste serviço e também os visitantes a assimilarem que a coisa pública não merece crédito e que nada do governo dá certo mesmo (COIMBRA, 2001; DOMANICO, 2010).

O que poderia ser uma soma de forças entre poder público e iniciativa privada mostram-se como uma frágil tentativa de “limpeza social”, com o único objetivo de retirar os jovens das ruas, ao invés de lhes proporcionar um espaço adequado para inclusão social. Esta postura remete a uma tradição nas ações de combate às drogas e à pobreza e com elas os seus usuários, negligenciando a pessoa, não favorecendo a sua saúde e a preservação da sua vida. Acreditamos que é preciso ir além, debatendo sobre os efeitos da droga, mas também sobre as atitudes da sociedade nas vidas destes jovens. Isto porque, esta postura social de ruptura em relação ao acompanhamento e responsabilidade de reinserção via trabalho e dignidade de jovens pobres, moradores de rua e usuários de drogas provoca a exclusão social que os deixa isolados e sem o respaldo necessário para vislumbrar novas possibilidades em sua vida, em um processo de desincorporação social (GAULEJAC, 2006; PENSO et al, 2012). Os próprios jovens vislumbram tais possibilidades, como constatamos no que reflete Felipe ao oferecer uma alternativa mais consistente para sociedade: *“A sociedade tinha que ajudar a construir clínicas. O governo tem que proporcionar esporte, um futebol pra ocupar o tempo da pessoa”*.

O que constatamos é que nesta busca de suporte na instituição os jovens reencontram-se com a experiência vivida na família, que não acreditou no seu potencial de transformação deixando-os a rua como alternativa. Este descrédito sofrido em forma de negligência vivida

em suas histórias de vida reaparece na instituição que não cumpre seu papel, não de forma plena, de ajudá-los na reestruturação destas buscas, porque também parece não acreditar no seu potencial. Parece-nos que, mesmo quando as instituições naqueles que a procuram, são ineficazes nas propostas apresentadas para que os jovens realizem seus sonhos e projetos. Isto é assimilado, como podemos constatar na narrativa de Laércio: *“Estou na casa de passagem esperando pra ir pra casa de recuperação, mas até hoje nada, não sei se estão interessados”*. Assim, o que deveria ser um trabalho preventivo reparador, se transforma em uma decepção, como percebemos na expressão de Laércio, denunciando a negligência da instituição que não cumpriu às promessas feitas de encaminhá-lo para um tratamento adequado (SANTANA et al., 2005; SANTOUCY; CONCEIÇÃO; SUDBRACK, 2008).

O enfrentamento ao crack é tido pelo Governo Federal como um dos grandes desafios, pois é esta droga é identificada como epidemia, visto que na pesquisa 2012 o Brasil foi apontado como o maior mercado de crack e o segundo maior de cocaína no mundo, conforme resultado da pesquisa do Instituto Nacional de Pesquisa de Políticas Públicas do Álcool e Outras Drogas (INPAD) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), (BRASIL, 2010; CNM, 2012). Assumido pelas instituições ligadas ao Governo do Distrito Federal, este plano procura acolher os jovens usuários em casas para acolhimento transitório, leitos para internação, entre outros dispositivos como os Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPSad), com objetivo de diminuir o crescente uso de drogas, especialmente o crack.

Foi possível constatar efeitos positivos destas iniciativas governamentais na casa de passagem com atitudes de apoio e incentivo que os jovens nos revelaram. O caso mais expressivo é de Keny que teve seus talentos artísticos despertados na instituição via oficinas de pintura. Os talentos não só foram despertados, mas valorizados, visto que há um quadro deste jovem no refeitório comum da instituição, sinalizando que a produção deste jovem tem espaço naquela instituição, que lhe dá visibilidade. Trata-se de um quadro muito bonito, conforme apresentamos nos resultados desta pesquisa. Contudo este caso representa uma porcentagem muito pequena do público que busca a instituição como apoio.

Apesar do empenho do Governo, especialmente Federal, no sentido de contribuir na construção de políticas públicas de combate à fome, pobreza e miséria, bem como ao enfrentamento às drogas, permanece o desafio de transformar leis em práticas que respondam às necessidades da população. Existem leis de proteção à criança e adolescente e às suas famílias, mas estas políticas não chegam a alcançar uma parcela da população, da qual estes jovens pertencem, porque não têm projetos de ressocialização, educação e cuidado, conforme

proposto por Selosse (1996). Podemos confirmar esta ausência no depoimento de Laércio ao se referir à sua trajetória em diferentes instituições, desde a infância: “*Dos doze aos dezesseis anos eu morava no SOS criança, ia só pra dormir e podia ficar na rua até 22h. Neste período eu brigava, levava facada, dava facada, levava tiro, dava tiro*”. Neste caso fica claro que a instituição servia apenas como pousada para dormir à noite, não se mostrando eficiente diante do objetivo porque foram criadas, com ações que ajudem os jovens a saírem da exclusão e marginalização, bem como do uso abusivo de drogas (SANTOUCY; CONCEIÇÃO; SUDBRACK, 2008; BRASIL, 2010).

A experiência de uma instituição como *pousada para dormir* relatada pelo jovem Laércio; também é reproduzida por Felipe, na instituição onde está no momento e onde foi feita a pesquisa: “*A instituição é aonde venho dormir, comer...*” e às narrativas de Keny: “*Ficar aqui (instituição) já não dá mais. Estou tendo recaídas aqui, pois a droga aparece fácil, daí fica difícil segurar*”. Esses relatos mostram que a instituição, enquanto casa de passagem, está fazendo o trabalho paliativo de ser um lugar para repouso e alimentação destes jovens, mas ao mesmo tempo, também é um contexto de risco, onde as drogas fazem parte, levando a constantes recaídas. O trabalho de reinserção social não é feito. A instituição com este funcionamento fragmentado não conseguirá atender e compreender o jovem em sua necessidade ampla, mantendo uma visão *quebrada* de sua história e processo (SELOSSE, 1996). Mesmo que a acolhida e alimentação sejam importantes para estes jovens que vivem em situação de rua, é necessário que estas instituições possam ir além da simples disponibilização de espaço físico. É preciso metas ousadas quanto à prevenção e cuidado destes jovens, sendo necessário empenho e investimento do governo e das equipes para executá-las (SANTANA et al., 2005).

Parece haver um esforço quanto ao debate sobre drogas e propostas de programas de atenção mais apropriados, porém há um distanciamento entre as formulações das leis e sua implantação nas bases. Esta pesquisa mostra que os avanços têm poucos sinais concretos quanto ao tratamento da população usuária de crack. Os poucos avanços dizem respeito mais à identificação do público usuário e sua situação social do que em relação às práticas de tratamento, especialmente o enfrentamento diante do crescente uso do crack (CNM, 2012). A obrigação do estado de buscar soluções para minimizar o agravamento no uso de drogas é, muitas vezes, transferida para instituições da sociedade civil. Estas, por sua vez, têm dificuldades para dar conta do papel. (PENSO; RAMOS; GUSMÃO, 2003).

A instituição onde estes jovens estavam que funciona como casa de passagem para um período transitório, apresentou limitações quanto à ajuda aos jovens, no que diz respeito à sua

demanda de tratamento para o uso de drogas, conforme o relato de Laércio: “*Estou esperando o encaminhamento para a clínica, onde vou fazer tratamento para dependência, mas o processo está parasitando*”. Nesta fala notamos que a instituição como uma alternativa às ruas, não consegue acionar uma rede de serviços necessária para acompanhamento destes jovens. “*O processo está parasitando*”.

Nesta instituição somou às dificuldades de cumprimento do seu real papel institucional, a inconstância no quadro de funcionários, impossibilitando a continuidade de projetos e com eles a vivência dos acertos e erros em cada recomeço. Esta descontinuidade nos serviços, acrescida à rede fraca, incapaz de dar o devido respaldo para que o jovem consiga reelaborar sua história, dificulta as chances de sair da estigmatização e concretizar suas buscas (SELOSSE, 1996). Outra constatação é a ausência de investimento, verificada no sucateamento e nas improvisações do prédio que revelam que não há, efetivamente, uma prioridade política para acompanhar os jovens ali acolhidos, sendo negligente e irresponsável ao deixar de garantir espaço onde seria possível sonhar com um projeto de vida. O que acontece nesta instituição é uma consequência do funcionamento do Estado no que diz respeito à gestão de entidades que deveriam possibilitar educação, proteção, dignidade e condições para inclusão social do jovem que busca ajuda (DOMANICO, 2006; JACOBINA; COSTA, 2007; COSTA; PENSO, 2010).

Toda esta problemática na instituição revela uma distância entre o que o jovem sonha e espera, enquanto apoio, e o que o governo oferece. Esta disparidade entre o que é esperado pelo jovem e o que é proposto pelas instituições, parece fazer parte de uma confusão sobre a compreensão desta população com visões estereotipadas, sobre suas reais necessidades. Na pesquisa foi possível notar esta distância entre a necessidade de apoio que os jovens usuários de crack que vivem em situação de rua buscavam na instituição e a sua incapacidade de oferta à altura. Isso pode ser confirmado nos relatos a seguir. “*Aos dezenove anos conheci os educadores da casa de passagem e sai das ruas. Foi ai que eu vi que tinha uma chance (Keny)*”. Também tinham a expectativa de ter um futuro diferente do seu passado: “*Penso em voltar a estudar, trabalhar... tipo subir na vida, ajudar em casa. Eu espero que a casa de passagem me ajude (Laércio)*”. E ainda esperavam encontrar um ambiente que suprisse a carência familiar: “*a instituição é uma segunda família... (Felipe)*”.

No entanto, foi notória a influência institucional positiva na vida dos jovens no quesito de ser um lugar onde os jovens podem dormir, comer e ter acesso à outros benefícios. Contudo os esforços institucionais trazem contradições. Por exemplo, na condução das propostas de cursos que deveriam preparar para o mercado de trabalho, não eram discutidas

com os jovens sobre como lidar com o dinheiro recebido. Isto pode ser observado nos relatos de Laércio: *“Quando eu fazia curso na instituição ‘Vira Vida’, onde recebia uma bolsa de R\$400,00, no primeiro pagamento, gastei tudo com droga. Mas quando o dinheiro acaba e a droga acaba, o cara pensa: pô!, Porque não peguei o dinheiro para fazer outra coisa melhor... aí vem a depressão”*. Caso semelhante é o de Felipe: *“Eu estudava no curso profissionalizante no SESI e recebia R\$400,00 por mês. Mas quando eu tinha as recaídas chegava a comprar todo dinheiro de crack para usar durante toda noite, ao ponto de chegar o dia seguinte sem nenhum dinheiro”*. A contradição está diante do aspecto positivo que é proporcionar a inserção destes jovens no mundo do trabalho e a forma como este processo é conduzido visto que o trabalho como busca pela independência financeira e, conseqüentemente, emocional, emancipação pessoal e inserção social, dando dignidade e gerando projeto de vida, não ocorre (JACOBINA; COSTA, 2007).

Vale ressaltar, que os fatos relatados pelos jovens, que são descritos no parágrafo anterior, ocorreram no início dos cursos. Ao final desta pesquisa, após alguns meses de contato destes jovens com o mercado de trabalho, eles já mostravam mudanças, valorizando a oportunidade e o dinheiro que recebiam como é o caso de Keny: *“Estou guardando o dinheiro que recebo por mês para quando eu sair daqui (casa de passagem), pois tenho que pagar aluguel, comer, né?”*. Foi notório que as parcerias estabelecidas para encaminhamentos no campo da profissionalização e as oficinas de artes, como a pintura, que funcionaram no início da instituição, até o momento em que não pertencia ao Governo do Distrito Federal, ajudaram no desenvolvimento das habilidades dos jovens.

Os jovens que fizeram parte da pesquisa mostraram-se desejosos de mudanças em suas vidas e ansiosos por oportunidades, como percebemos na expressão de Felipe: *“Tem hora que a gente para pra pensar e quer sair dessa”*, porém faltam forças: *“mas todo mundo cai, não é fácil não (Felipe)”*. Sozinho o jovem terá muitas dificuldades de encontrar saídas dessa trama, que é maior do que ele. Mas tendo apoio social, através das redes e parcerias, o caminho a ser trilhado, se tornará possível. A fragilidade destas redes não tem impedido que os jovens que participaram desta pesquisa sustentem seus sonhos, porém é fato que as instituições não os ajudam a realizá-los. Os encaminhamentos feitos são limitados e a metodologia utilizada tem se mostrado incapaz na auto-organização destes jovens.

É preciso que, somada à vontade dos jovens, existam iniciativas governamentais de apoio, capazes de gerar condições suficientes para que sejam fortalecidos os processos interacionais que permitem ao jovem, à pessoa ou à família, realizarem seus sonhos, mesmo diante de desafios desorganizadores da vida, no caso desta pesquisa, o uso de crack e a

vivência de rua, sendo capazes de renascerem e aprenderem a partir deles: “*Eu acho que sem o crack era melhor (Felipe)*”.

Foi possível perceber nesta terceira zona de sentido que as buscas dos jovens Keny, Felipe e Laércio, após percorrerem sua trajetória desde as vivências familiares de violência e abandono até a vivência de rua, com todos os seus perigos e atrativos, buscaram na instituição, enquanto casa de passagem, uma possibilidade para realizar seus sonhos por um futuro diferente da história até então vivenciada.

Contudo as esperanças depositadas na instituição, enquanto reparadora de uma história de vazios, foram grandemente frustradas. Duas dimensões podem ser refletidas diante deste desfecho: uma diz respeito ao excesso de expectativa depositada em uma instituição que responde por somente uma etapa de um processo de ausências na vida destes jovens e está inserida em uma rede de cuidados que não consegue dar o respaldo. A outra dimensão revela certa artificialidade nos programas lançados pelos governos, criando instituições sem as devidas condições de responder ao seu papel que é de acolher, cuidar e encaminhar estes jovens. Esta fragilidade institucional se deve aos desafios de uma máquina governamental sem direção e projeto, provocando a inconstância no quadro de funcionários e nos rumos propostos, impedito que de fato exista um projeto capaz de pensar nos jovens, em suas buscas de ter um projeto de vida. Quem de fato paga o preço maior são os próprios jovens que, não tendo condições de se reabilitarem frente ao uso de drogas, ficam impedidos de uma real inserção social, impossibilitados de conseguir um emprego e demais oportunidades para sustentarem seus projetos e sonhos.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar às considerações finais é possível perceber que não há uma conclusão e tão pouco há resultados finais que atendam de forma fechada aos objetivos primeiros. Há, no entanto, mesmo mediante os grandes desafios encontrados, uma beleza percebida no caminho percorrido com indicação de pistas concretas desta pesquisa. Tentar compreender como foi o itinerário dos jovens Keny, Felipe e Laércio na busca por suportes identitários, no sistema familiar e social, em contexto das ruas e uso de crack foi um aprendizado espetacular, para nós enquanto pesquisadores.

Mesmo tendo levantado a temática do crack como epidemia no referencial teórico, esta não foi uma realidade constatada ao final destes estudos. Dos três jovens que participaram desta pesquisa por já terem fumado crack, dois deixaram o uso desta droga, mas tinham dificuldade de deixar o álcool e a maconha. Somente um continuou com forte desejo de fumar o crack, porém o uso constante era do tiner. O que percebemos é que as drogas como um todo mostram um espaço cativo diante de uma sociedade incapaz de articular suas forças políticas e econômicas em vista das pessoas que estão excluídas de oportunidades de forma eficaz.

Quanto ao primeiro objetivo, consideramos que foi possível construir a trajetória percorrida pelos jovens em situação de rua e o início do uso de crack, na qual percebemos que houve a busca por respaldos compreendidos como suportes identitários. No segundo objetivo conhecemos as histórias familiares dos jovens que participaram da pesquisa, onde foram constatadas fragilidades e vulnerabilidades transmitidas de forma transgeracional, influenciando este sistema e dificultando o seu papel de ajudar na estruturação de seus filhos. No terceiro e último objetivo ficou evidente que o contexto social tem grande responsabilidade na trajetória que levou às ruas e ao uso de drogas visto que é uma população que vive à margem e por isso digna de restos e sobras aos olhos dos governantes. As precárias condições da casa de passagem manifesta esta não prioridade dos governos para com a população excluída, como se não fossem dignas da atenção do estado. Esta postura negligente revela uma perversidade que incita à violência, influenciando enormemente na trajetória de vida destes jovens, seja pelo processo de exclusão e marginalização que estas famílias viviam, seja pelo fraco desempenho da instituição responsável pela reinserção destes jovens. Toda esta percepção só foi possível ao percorrer a história familiar via narrativas dos jovens participantes da pesquisa com auxílio da psicossociologia e abordagem sistêmica.

Ficou óbvio que a situação familiar e sua condição financeira frágil contribuíram para a negligência no processo de educação dos filhos, deixando vazios que deram espaço para o

acesso ao tráfico e outros contextos que foram extremamente prejudiciais à vida destes jovens. Enfim, foi constatado que a lógica social se revelou incapaz de dar o apoio necessário a eles, através da implantação das políticas públicas que visam mais o dinheiro federal do que a eficácia mediante as necessidades de quem deveria ser os beneficiados. Ou seja, existe uma perversidade social que impossibilita que o jovem consiga continuar sonhando com um futuro diferente, tendo poucas chances de construir seu projeto de vida diante tantos *ventos contrários*. Constatamos que esta postura social teve efeitos nas vidas destes jovens, provocando implicações na sua formação, observadas nas muitas recaídas ao uso de drogas, mesmo estando na instituição.

O estudo da história de vida dos jovens Keny, Felipe e Laércio permitiu observar como o funcionamento familiar e social pode levar às ruas. Esta compreensão foi possível devido à articulação com a psicossociologia, constatando influências dos contextos social e familiar que levaram à fragmentação da história individual de cada um. Esta fragmentação se deu desde a infância destes jovens, quando retirados de suas famílias de formas diversas enquanto evento, mas envolvendo situação social e econômica semelhantes. Mesmo com uma história de fragmentações os jovens conservaram o desejo por um futuro diferente. Perguntamos-nos se esta postura de *inteireza*, diante de tantas adversidades, foi possível devido aos vínculos criados nestes espaços de vivências. Tal postura foi considerada na construção das Zonas de Sentido que possibilitaram observar a existência de um *filho condutor*, nas suas histórias, a saber, as **buscas** dos jovens, capazes de se sustentar, superando a falta de investimento e oportunidades sofridas.

Mesmo diante de históricos de vida tão desfavoráveis e dos acontecimentos vivenciados, por se tratar de uma pesquisa intervenção, foi possível compreender e organizar as contradições que emergiram na vida destes jovens, contribuindo para não perderem seus sonhos diante de tantos *vazios* (CARRETEIRO, 2002). A percepção das experiências pessoais possibilitou certo balanço entre a história passada e o presente vivenciado, ocasionando novas perspectivas para o futuro, ajudando a compreender a trama entre os sistemas familiar e social no contexto das ruas e na complexa relação com o uso de crack.

Sendo uma pesquisa intervenção, com a participação dos jovens no grupo que existiu inicialmente e nas entrevistas posteriores, foi possível perceber que, a despeito da crueldade da realidade vivida, existiam buscas de futuros diferentes por partes dos jovens. Como, mesmo após as entrevistas continuamos visitando a instituição e tendo contato com os jovens, foi possível constatar o impacto deste espaço de escuta que foi criado e que provocou uma pequena revisão de aspectos de suas vidas, especialmente com relação ao que estava

dificultando à vivência do presente, bem como o resgate de suas histórias transgeracionais. Ao terem a possibilidade de relatarem suas histórias de vidas e serem escutados de forma respeitosa e humana, estes jovens puderam refletir sobre suas histórias passadas e manter a atitude de não desistirem de seus projetos para o futuro.

Encontramos alguns desafios que dificultaram o desenvolvimento da pesquisa. O primeiro diz respeito à aproximação e inserção do pesquisador no ambiente de convivência cotidiana onde estavam os jovens em situação de rua, usuários de crack, buscando compatibilizar a proposta da pesquisa apresentada à instituição e valorizar as contrapostas da coordenação que esperava uma ajuda imediata. Outro desafio foi devido às constantes mudanças na coordenação da instituição, inviabilizando o cumprimento dos contatos e combinações referentes à pesquisa. A rotatividade quanto às lideranças na instituição que tiveram consequências diretas no quadro de funcionários, provocou a descontinuidade nos trabalhos da casa de passagem. Houve ainda reflexos das transferências dos jovens que frequentavam a instituição para outra unidade. Soma-se a isto o *desmando* institucional, a falta de regras e condução seguras o que limitou a continuidade do primeiro trabalho proposto, que foi a realização de um grupo psicossocial.

Em termos práticos de crescimento pessoal, os resultados obtidos nesta pesquisa, somadas às minhas experiências do trabalho com Juventudes e assessorias nacionais com multiplicadores me fez constatar outros desafios a respeito da população que está nas ruas e precisa de uma casa de passagem para apoio na sua luta pela saída do uso de crack. Neste sentido foi constatada a falta à formação de redes capazes de dar suporte para que os jovens possam dar conta de superar as fragilidades impostas em suas histórias de vida. Isto implica na necessidade de envolver as diversas instituições que têm responsabilidades jurídica e social sobre os jovens para uma discussão sobre os problemas sociais e suas possíveis soluções. Nossa crença é que a formação de redes sociais pode somar forças que contribuem na luta contra a violência, favorecendo a vida e ajudando os jovens na construção de seu projeto de vida.

Considero também aqui meu aprendizado pessoal nesta pesquisa pela possibilidade de estudo e aprofundamento das abordagens Sistêmica (com a qual já trabalhava) e da Psicossociologia (a qual fui apresentada no Mestrado) que me ajudaram a compreender os itinerários dos jovens em situação de rua e uso de crack com os quais tive o prazer de conviver e trabalhar. Estas duas abordagens possibilitaram a articulação entre o que eu ouvia dos jovens com o que foi aprendido na academia e refletido nas constantes discussões com minha orientadora. Fica como grande lição para mim: a conservação dos sonhos e desejo por

buscas de inserção social, construção de projeto de vida e resgate de valores sociais e familiares por estes jovens que a perversidade do sistema abalou, mas não conseguiu destruir. No entanto é inegável que ao reelaborarem suas histórias de vida, feridas foram abertas pela lembrança das violências sofridas. Daí nossa postura de continuar em contato com os jovens, mesmo após as entrevistas, com o intuito de manter o apoio. Estes jovens mostraram que são capazes de resistir, mesmo com a falta de investimento e apesar do descrédito social, sustentando suas buscas por suportes identitários menos perversos para a realização de seus sonhos e projetos para um futuro diferente.

Acreditamos ainda que esta pesquisa desperta para iniciativas que possibilitem meios capazes de gerar condições para que estes e outros jovens que se encontram na mesma situação possam ser empoderados, potencializando-os como sujeitos de direitos.

A pesquisa deixa, para possível continuidade nos estudos, alguns outros desafios, entre eles, de compreender a legitimação da violência e da morte diante de realidades como a droga e a marginalização. Não é possível conceber que os jovens continuem sendo vítimas duplamente, das drogas e do extermínio, tendo a sociedade como aquela que avaliza este esquema perverso.

Acreditamos que conceber a violência contra o jovem excluído e usuário de drogas como *normal* é uma problemática que ameniza a culpa social de todos nós, quando se centra nas consequências do problema que são as drogas e não nas causas que é a ausência do estado para esta parcela da população. Senão uma ausência total, apenas tímidas iniciativas, sem grandes impactos na realidade. Esta é uma lógica de controle social, cujo objetivo é conter o que incomoda, mantendo a *ordem social dominante*. Acreditamos que é preciso continuar estudando este fenômeno que normatiza uma lógica que não desperta o interesse para a compreensão da história de vida e do contexto social daqueles que são excluídos, massacrados pela organização social e tornam-se usuários de drogas e em situação de rua. É preciso também combater esta postura de eliminação do jovem, que passa a ser visto como problema social, confundido com a droga, onde o crack e seu usuário passam a ser a mesma coisa. Outro desafio diz respeito às brechas que favorecem a marginalidade, deixando como único lugar para os usuários de crack, as ruas, gerando um contexto de violência capaz de condenar os usuários à morte.

Ao pesquisar sobre as condições familiares e sociais dos jovens que estão em situação de rua e são usuários de crack, observamos que além da violência física eles sofrem uma violência velada, encoberta e não dita que é normatizada com a justificativa de que são jovens usuários de drogas e vivendo em situação de rua. Esta abordagem deve denunciar uma

situação que, muitas vezes, vai se tornando normal socialmente, fazendo com que o extraordinário, que é a morte e violência, vá se tornando ordinário, se fazendo normal. É preciso denunciar esta normalidade, pois fere a vida. Denunciar a violência é a chave para se chegar às causas primeiras, pois a violência denuncia suas origens, funcionando como termômetro do que é apontado como problema: o jovem e o uso de drogas.

Chegamos ao final desta pesquisa compreendendo que, nesta busca por suporte identitário, ao longo de sua curta vida, pois a maioria morre antes dos 25 anos, o jovem é confrontado com as experiências vividas carregadas de sofrimento e privações. Neste contexto de buscas, a rua e o uso de drogas, especialmente o crack, além de não preencherem os vazios, provocados pelas deficiências do sistema familiar e social, inauguram novos *buracos* insaciáveis.

"O que me preocupa não é o grito dos maus. É o silêncio dos bons".
(Martin Luther King)

7 - REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: desafios para Políticas Públicas**. Brasília: Edições UNESCO BRASIL, 2002.

ANACHE, A. A. O diagnóstico psicológico na abordagem qualitativa oferecendo visibilidade ao sujeito com retardo mental grave. In. GONZÁLEZ REY F. **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia** (org). São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. p. 293-310.

ANDOLFI M. A terapia de casal como processo transformativo. **A crise do casal do casal: uma perspectiva sistêmico-relacional**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 99-122

AUN, J. G. Contextualização dos atendimentos de famílias e redes sociais. In: AUN, J. C.; VASCONCELLOS, M. J. E.; COELHO S. V. (Org), **Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais I. Fundamentos Teóricos e Epistemológicos**. Belo Horizonte: Oficina de Arte & Prosa, 2005. p.16-57.

BARUS-MICHEL, J.; ENRIQUEZ. E.; LÉVY, A.(Org). **Vocabulaire de Psychosociologie. Références et positions**. Paris: Érès, 2006.

BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de metodologia: um guia para a iniciação científica**. São Paulo: Mc Graw-Hill, 1986.

BOCK, B. et al. (Org). **Psicologia sócio histórica**. São Paulo: Cortez, 2001.

BOWEN, M. **De la familia al individuo: la diferenciación del sí mismo en el sistema familiar**. Buenos Aires: Paidós, 1991.

BUCHER, R. **A Psicoterapia Pela Fala: fundamentos, princípios, questionamentos**. São Paulo: Ed. E.P.U., 1989.

_____. **Drogas e sociedade nos tempos da Aids**. Brasília: UnB 1996.

BRASIL. **Projeto de Emenda Constitucional (PEC, 2010)**. Secretaria geral da Presidência da República. <http://www.portallajedo.com/JornalOEstudante/pec-da-juventude-aprovada-congresso-nacional>. Acesso em 29/04/2012

BRASIL. Ministério da Saúde. Governo Federal. SENAD. **Fé na prevenção**: prevenção do uso de drogas em instituições religiosas e movimentos afins. Brasília: Senado Federal, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Governo Federal. SENAD. **Plano Integrado de Enfrentamento ao Crack e outras Drogas**. Brasília: Senado Federal, 2010.

CAMPOS, R. H. Psicologia social comunitária: **da solidariedade à autonomia**. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2005.

CARRETEIRO, T. C. O. C. Exclusão Social, Vida Institucional e Modos de Resistência a Desumanização. **Cadernos do Ichf**, Niterói, 1998.

CARRETEIRO, T. C. O. C. Psicossociologia em exame. In: LEVY, A. et al. **Psicossociologia**: análise social e intervenção. MACHADO, M. N. M et al. (Org.) Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 107-108 do cap. II.

CARRETEIRO, T. C. O. C. Trafico de Drogas Sociedade e Juventude. In: PLASTINO, C. A. (Org.). **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002, p. 191-198.

CARRETEIRO, T. C. O. C. Sofrimentos sociais em debate. São Paulo: **Título do Periódico**. Psicologia USP, 2003, v. 14, n. 3, p. 57-72.

CARRETEIRO, T. C. O. C. Adolescências e experimentações possíveis. In: MARRA, M. M.; COSTA, F. L. (Org.). **Temas da clinica do adolescente e da família**. São Paulo: Summus Agora, 2010, p.15-24.

CARRETEIRO, T. C. O. C.; PINTO, B. O. S.; RODRIGUEZ, L. Juventudes e Trabalho: aproximações e diferenças da concepção de trabalho nos diferentes contextos juvenis: **ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS DA SUBJETIVIDADE**. Rio de Janeiro: ECOS, 2011, v. 1, p. 135-143.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

COHN, A. O modelo de proteção social no Brasil: qual o espaço da juventude. In: NOVAES, R.; ANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura participação. São Paulo, SP: ABRAMO, 2004. cap. 8 p. 160-179.

COIMBRA, C. **Operação Rio: o mito das classes perigosas**. Rio de Janeiro: Intertexto, 2001.

COLLE, F. X. **Toxicomanias, sistemas e famílias**. Trad. M. J. Pereira. Lisboa: Climepsi, 2001.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS - CNM. **Portal do Observatório do crack** 2012. Disponível em: < <http://www.cnm.org.br/crack/>> Acesso em: 17/09/2012.

COSTA, L. F. **E quando acaba em malmequer?** reflexões acerca do grupo multifamiliar e da visita e da visita domiciliar como instrumentos da psicologia clínica na comunidade. Brasília: Ed. Universa, 2003.

_____. **Família e problemas na contemporaneidade: reflexões e intervenções do grupo socius**. Brasília: Universa, 2004.

COSTA, L. F.; PENSO M. A. A dimensão clínica das intervenções psicossociais com adolescentes e famílias. In: MARRA, M.M.; COSTA, L.F. **Temas da clínica do adolescente e da família**. São Paulo: Editora Agora, 2010, p. 201 – 214.

DEMO, P. **Complexidade e aprendizagem: a dinâmica não linear do conhecimento**. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. Educação profissional – mito e realidade. **Ser Social: revista do programa de Pós-Graduação em política social do Dep. de Serviço da UnB**. Brasília: UnB. n: 5, jul./dez. 1999.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS, - DIEESE. **Aspectos Conceituais da Vulnerabilidade Social**. Brasília: Convênio MTE /DIEESE, 2007.

DOMANICO, A. **Craqueiros e cracados: bem vindo ao mundo dos nóias!**. 2006. Tese (Doutorado em Filosofia), UFBA. Salvador, BA. 2006.

DORNELLES, M. L. **Cartilha sobre o crack**. Conselho Nacional de Justiça. Instituto Crack Nem Pensar, 2011.

GAULEJAC, V. O sujeito face à sua história: a démarche “romance familiar e trajetória social”. In: TAKEUTI, N. M.; NIEWIADOMSKI, C. (Org) **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 61-73.

GAULEJAC, V. **As origens da vergonha**. São Paulo: Via lettera, 2006.

GOMES, M. A.; PEREIRA, M. D. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. **Ciência & Saúde**. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza CE, 2005, v. 10, n. 02 p. 357-363.

JACOBINA, O. M. P.; COSTA, L. F. “Para não ser bandido”: trabalho e adolescentes em conflito com a lei. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. v.10, n. 2, p. 95-110. 2007.

WASELFISZ J. J. **Mapa da violência**, os jovens do Brasil. Brasília: Instituto Sangari/Ministério da Justiça. 2011.

WALSH, F. **Fortalecendo a resiliência familiar**. São Paulo: Roca, 2005.

KEHL, M. R. A Juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; ANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura participação. São Paulo, SP: ABRAMO, 2004. cap. 5 p. 89-114.

KOLLER S. H. (Org). Adolescentes em situação de rua. In: JEFFERY M. L. (Coord). **Adolescência e psicologia**: Concepções, práticas e reflexões críticas. Brasília: Conselho Federal de Psicologia/Ministério da Saúde, 2002. p. 112-121 do cap. 12.

LÉVY, A. **Ciências Clínicas e organizações sociais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MCGOLDRICK, M. **Novas abordagens da terapia familiar – raça, cultura e gênero na prática clínica**. São Paulo: Roca, 2003.

MIERMONT, J. **Dicionário de terapias familiares: teoria e prática** Trad. C. Arturo Molina-Loza. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. **Cad. Saúde Públ.** Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p.35-42, jan./mar. 1998.

MINUCHIN, S. **Famílias**: funcionamento e tratamento. Trad. J. A. Cunha. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

_____. **Dominando a terapia familiar**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MINUCHIN, S.; COLAPINTO, J.; MINUCHIN, P. **Trabalhando com Famílias Pobres**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MODRO, N. R. **Gestão do conhecimento e governo Eletrônico: uma visão sistêmica para os Observatórios sobre drogas**. Florianópolis: Artigo científico, 2005.

MOREIRA, F. G, NIEL, M.; SILVEIRA, D. X. **Dilemas modernos: drogas, família e adolescência**. São Paulo: Atheneu, 2009.

MOTA, N. M. **Juventudes: o exercício da aproximação**. 2ª Ed. Brasília: CRB Nacional, 2011.

OBSERVATÓRIO BRASILEIRO DE INFORMAÇÕES SOBRE DROGAS – OBID. **Pesquisa sobre drogas**. 2011. Disponível em: <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php>> Acesso em: 02/11/2011.

OLIVEIRA, M. G. P. N. **Consultório de rua: Relato de uma experiência**. 2009. Dissertação (Mestrado em saúde pública). UFBA. Salvador: UFB, 2009.

OLIVEIRA, G. O.; NAPPO, S. A. Caracterização da cultura de crack na cidade de São Paulo: padrão de uso controlado. **Saúde Pública**; São Paulo, 2008. 42 v. n. 4, p. 664-671.

PENSO, M. A.; SUDBRACK, M. F. O. Envolvimento em atos infracionais e com drogas como possibilidades para lidar com o papel de filho parental. In: PENSO, M. A.; SUDBRACK, M. F. O. **Dinâmicas Familiares e Construções Identitárias de Adolescentes Envolvidos em Atos Infracionais e com Drogas, defendida no Instituto de Psicologia da UnB**, 2003. **Psicologia, USP**. São Paulo: USP, 2003, p. 29-54.

_____. O filho fora do tempo: atos infracionais, uso de drogas e construção identitária. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 61, n. 1. Disponível em: <http://www.psicologia.ufrj.br/abp/> Acesso em: 09/02/2009.

PENSO, M. A. ; RAMOS, M. E. C. ; GUSMÃO, M. M. Oficina de ideias: uma experiência precursora com adolescentes em conflito com a lei pelo envolvimento com drogas. In: SUDBRACK, M. F. O. Et al. **Adolescentes e drogas no contexto da Justiça**. (Org.). **Adolescentes e drogas no contexto da Justiça**. Brasília: Plano, v. 1, , 2003. p. 191-201.

PENSO, M. A.; RAMOS, M. E. C.; GUSMÃO, M. M. O pai de botas: violência intrafamiliar sofrida por adolescentes envolvidos em atos infracionais e com drogas.

Im: **Violência no cotidiano: do risco à proteção.** COSTA, L. F.; ALMEIDA, T. M. C. (Org.). Brasília: Universa, 2005.

PENSO, M. A.; COSTA, L. F.; RIBEIRO, M. A. Aspectos teóricos da transmissão transgeracional e do genograma. In: PENSO, M. A. E COSTA, L. F. (Org). **A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção.** São Paulo: Summus, 2008. p. 09-23.

PENSO, M. A. et al. Família e dependência de drogas: uma leitura sistêmica. In: RIBEIRO, Maria Alexina; COSTA, Liana Fortunato. (Org.). **Família e problemas da contemporaneidade.** Brasília: Universa, 2004, v. 1, p. 101-121.

_____. “Minha mãe é meio ruim” – As mães dos adolescentes que cometeram ofensa sexual “Minha mãe é tudo” – As mães dos adolescentes que cometeram ato infracional. PENSO, M. A. et al. **Os jovens pedem socorro: o adolescente que praticou ato infracional e o adolescente que cometeu ofensa sexual.** Brasília, Liber Livro, 2012. p. 79-92 do cap. 5

_____. O (des) cumprimento da lei: a proteção que ameaça. A polícia e o adolescente cometeu ato infracional. In: PENSO, M. A. et al. **Os jovens pedem socorro: o adolescente que praticou ato infracional e o adolescente que cometeu ofensa sexual.** Brasília, Liber Livro, 2012. p. 113-122 do cap. 8

PERALVA, A. **Violência e democracia.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

PEREIRA S.E.F.N.; SUDBRACK, M.F.O. **Drogadição e Atos Infracionais na Voz do Adolescente em Conflito com a Lei.** Brasília: UnB, 2008.

PRETTE A.; PRETTE Z. **Psicologia das Relações Interpessoais: Vivências para o trabalho de grupo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

RAITZ, T. R.; PETTERS, L. C. F.: **Novos desafios dos jovens na atualidade: trabalho, educação e família.** Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2008.

REY F. G. **Cualitativa em psicologia: rumbos y desafíos.** São Paulo: PUC-SP, 1999.

_____. **Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação.** São Paulo: Pioneira Thomoson, 2005.

_____. Diferentes momentos do processo de pesquisa qualitativa e suas exigências metodológicas. In: **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação.** São Paulo: Thomson, 2005, p. 70-113.

RIBEIRO, J C. A constituição da juventude. In: **Religiosidade jovem: pesquisa entre universitários.** São Paulo: Loyola, 2009.

RIBEIRO M.; LARANJEIRA R. **O tratamento do usuário de Crack.** São Paulo: casa leitura médica, 2010.

RUIZ, E. T. La sociologia clínica: Uma propuesta de trabajo que interroga las barreras disciplinarias. **Revista Veredas Especial.** México: UAM-XOCHIMILCO, p. 53-86. 2010.

SAWAIA, B.(Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SANTANA J. P. et al. Os Adolescentes em Situação de Rua e as Instituições de Atendimento: Utilizações e Reconhecimento de Objetivos. **Psicologia: Reflexão e Crítica.** Rio Grande do Sul, v. 18, n.1, p.134-142. 2005.

SANTOUCY, L. B.; CONCEIÇÃO, M. I. G.; SUDBRACK, M. F. O. **A Compreensão dos Operadores de Direito do Distrito Federal sobre o Usuário de Drogas na Vigência da Nova Lei.** Brasília: UnB, 2008.

SANTOS, T. S. R. S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Rev Esc Enferm.** São Paulo: USP, v. 37 n. 2, p. 119-26. 2003.

SELLOSSE, J. **Des déviances et des déviants ou du rôle des acteurs et de la loi dans le champ de la déviance:** Adolescence, violences et déviances. Paris: Editions Matrice, 1996.

_____. Presidência da República. Casa Civil, **Plano integrado de enfrentamento ao crack e outras drogas.** Decreto nº 7.179 de 20 de maio de 2010.

SILVA, A. P. et al. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaicos, estudos em psicologia.** www.fafich.ufmg.br/mosaico. ISSN 1982 – 1913. 2007, v. I, nº 1, 25-35

SOUZA, R. M. **O discurso do protagonismo juvenil**. São Paulo: Paulus, 2008.

SOUZA, R. D. História da juventude: Aspectos teóricos-metodológicos. In: DICK, H.; SILVA, L. R. (Org.). **Visibilidades juvenis**. Goiânia-GO: Casa da juventude Pe. Burnier, 2010. p. 111-126 do cap. 6

SUDBRACK, M. F. O. Da falta do pai à busca da lei: o significado da passagem ao ato delincente no contexto familiar e institucional. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 8 (suplemento). 1992. p. 447-457.

TAKEUTI, N. M. **No outro lado do espelho**: a fratura social e as pulsões juvenis. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

TEXEIRA, C. L.; SILVA, L. R.; ALVES, M. F. **A juventude quer viver**: condição juvenil e redes de apoio em Goiás. Goiânia: Ed. Casa da Juventude e PUC Goiás, 2010.

TRINDADE, E. M. V.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. Considerações acerca da abordagem Transgeracional de Famílias Alcoólicas. In: PENSO, M. A.; Costa, L. F. (Org.). **A Transmissão Geracional em diferentes contextos**: da pesquisa à intervenção. Brasília: Summus editorial, 2008. p. 165-180 do cap. 9

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento Sistêmico, o novo paradigma da ciência**. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

8 - APÊNDICE

ENTREVISTAS COM JOVENS QUE ESTÃO OU PASSARAM POR SITUAÇÃO DE RUA

Categorias de estudo:

- Identidade, filiação/afiliação, exclusão social, envolvimento judicial, uso de drogas na vida, especialmente o crack.

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Endereço:

1ª momento (o que eu sou)

- Quem é você? Como adolescente? Descreva sua história, considerando o que você lembra desde criança, os primeiros anos? Na instituição em que esta e nas que já frequentou?

2º momento (situação de rua)

- Como você foi para as ruas?
- Há quanto tempo está nas ruas?
- Como você se sentia quando estava nas ruas?
- E agora na instituição, como está?

3º momento (drogas)

- Você já usou algum tipo de droga? Já usou crack?
- O que te levou ao uso do crack? Como começou?
- Como foi ou é esta experiência?
- O que mudou?
- . No seu comportamento estando aqui na instituição?
- . Na sua forma de relacionar com as pessoas?
- O que você conseguia fazer que sem a droga não fosse possível? (efeitos e consequências).

4ª momento (o que eu fui e o que diziam que eu era)

- Que tipo de criança foi?
- Com quem brincava?
- . Tinha sonhos para o futuro?
- . Que profissão teria?

5º momento (história judicial)

- Você já sofreu alguma pena judicial?
- . Qual foi a primeira vez que teve problemas com a polícia?
- . O que aconteceu?
- . Que motivos acha que o levou a cometer tais atos?
- . Qual foi a reação da família? Ficaram sabendo? Como ficaram sabendo?

6º momento (o que eu penso que serei)

- Como você se imagina no futuro?
- Como pensa que os outros te imaginam: seu pai, sua mãe, outras pessoas, amigos?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Os adolescentes e jovens, através da Instituição GIRAÇÃO, estão sendo convidados para participarem de uma pesquisa na área de Psicologia, da Universidade Católica de Brasília – UCB, que tem como **objetivo** construir a história de vida de alguns adolescentes e jovens em situação de rua e que são usuários de crack, avaliando as implicações familiares e sociais, visando compreender a trajetória que percorreram. Mesmo que o consentimento primeiro seja da Instituição, pedimos que os adolescentes **leiam cuidadosamente o que segue e quaisquer dúvidas serão respondidas prontamente. Esse estudo será conduzido pelo psicólogo e pesquisador do Mestrado em Psicologia, Rubens Nunes da Mota, e contará com a colaboração de seis estagiários e com a orientação da professora Maria Aparecida Penso.**

A participação é **voluntária** e será documentada através deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que será lido com pesquisador e, posteriormente, assinado ou identificado por impressão dactiloscópica, para caso de pessoas que não conseguem ler. **Não participarão** desse estudo pessoas que não concordem com o presente termo, participantes que desistirem ao longo do processo da pesquisa e que se recusarem a assinar o termo de consentimento livre e esclarecido.

O intuito dessa pesquisa é conhecer os fatores que influenciaram na trajetória de vida dos adolescentes e jovens em situação de rua, observando o contexto familiar e social de cada um, que serão colhidas nas **entrevistas**.

Vocês serão entrevistados na instituição GIRAÇÃO em **seis encontros**, podendo ser estendido, com duração de até duas **horas** cada um.

Temos seis estagiários envolvidos na pesquisa, sendo que faremos um revezamento nos encontros, mantendo a presença de três para anotações em cada encontro, possibilitando maiores condições de registro dos mesmos.

Os resultados da pesquisa serão divulgados no Mestrado em Psicologia, através de uma apresentação, podendo ser, inclusive, publicada posteriormente. Os dados e materiais utilizados ficaram sobre a guarda do pesquisador.

Caso você concorde em participar do estudo, **seu nome e identidade serão mantidos em rigoroso sigilo**. Somente os pesquisadores terão acesso a suas informações para verificar os dados do estudo. Ressaltamos que todas as informações colhidas pelo pesquisador não terão utilidade para processos e para fins judiciais.

As dúvidas e questões que surgirem em relação ao estudo, poderão ser tiradas com o pesquisador durante as entrevistas. **Para tirar dúvidas sobre os seus direitos como participantes no estudo, vocês podem entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Brasília através do telefone (61) 3356-9784.**

Sua participação no estudo é voluntária e você pode escolher não fazer parte dele ou desistir a qualquer momento. **Em caso de desistência você deverá entrar em contato com o pesquisador no telefone (61) 85040736 ou com a professora Maria Aparecida Penso no telefone (61) 9967-9977.** Vocês podem ser convidados a saírem do estudo se não cumprirem os procedimentos previstos ou atenderem as exigências estipuladas. Vocês receberão uma via assinada deste termo e a outra via ficará com o pesquisador.

Ressaltamos que esse estudo **não apresenta risco** para a sua vida ou para de qualquer pessoa da sua família. Os encontros ocorrerão na instituição GIRAÇÃO que é apoiada pelo governo do GDF, possibilitando sua privacidade e segurança. O pesquisador se coloca disponível para ajudar em caso de necessidade de **ajuda** psicológica por consequência das entrevistas. Vocês deverão avisar o pesquisador para que possa ser agendado um horário.

EU.....Identidade....., declaro que fui informado e devidamente esclarecido do projeto de pesquisa intitulado:.....desenvolvido pelo(a)..... do curso.....da Universidade Católica de Brasília-UCB, quanto aos itens da resolução 196/96.

Declaro, que após ser esclarecido pelo pesquisador a respeito da pesquisa, consinto voluntariamente em participar desta pesquisa.

Brasília.....de.....2006

Nome:.....
 RG:.....Data de nascimento:...../...../.....Sexo M() F()
 Endereço:.....nº.....Apto:.....
 Bairro:.....cidade:.....CEP:.....Tel:.....

.....
 Assinatura do declarante

Representante legal: Instituição GIRAÇÃO

Natureza do declarante

Nome:.....
 RG:.....Data de nascimento:...../...../.....Sexo M() F()
 Endereço:.....nº.....Apto:.....
 Bairro:.....cidade:.....CEP:.....Tel:.....

.....

Assinatura do declarante

Declaração do pesquisador

Declaro, para fins da realização da pesquisa, que cumprirei todas as exigências acima, na qual obtive de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante acima, qualificado para a realização desta pesquisa.

.....

Assinatura do pesquisador responsável